

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

ALINE GARCIA RODERO

**Construções com o verbo *acabar* em português  
brasileiro**

SÃO PAULO

2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

ALINE GARCIA RODERO

**Construções com o verbo *acabar* em português  
brasileiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Scher

SÃO PAULO

2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

ALINE GARCIA RODERO

## Construções com o verbo *acabar* em português brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Scher

### BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Paula Scher

Instituição: FFLCH/USP

Presidente

Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

Instituição: FFLCH/USP

Titular

Prof. Dr. Alessandro Boechat de Medeiros

Instituição: UFRJ – Externo

Titular

*À minha mãe, Ivone, meu exemplo.*

*E ao meu pai, Walter.*

*Ao Marquinhos, meu amigo, companheiro de todas as horas, meu amor.*

*À Ana Scher, orientadora, amiga, e exemplo.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha querida “Óri”, Ana Paula Scher, pela orientação sempre com tanta paciência e sabedoria, pelo voto de confiança e apoio, e pelos almoços e conversas bem humoradas. Você é meu exemplo!

Agradeço aos meus pais, Ivone e Walter, sempre presentes, sempre me apoiando e acreditando em mim.

Agradeço aos meus irmãos, Carlos e Wilson (Beto), e a minha cunhada, Cristina, que sempre me ofereceram ajuda mesmo sem saber exatamente do que se tratava.

Agradeço ao Tiago Ludgero pela compreensão de que titia quase nunca podia jogar vídeo game, pelo silêncio, muitas vezes necessário, e pelas brincadeiras que me ajudaram a não ficar tanto tempo tão séria.

Agradeço ao Marcos Takahira pelo apoio, amor, e compreensão, que tornou as noites em claro e fins de semana de estudo possíveis e mais leves, e a vida cheia de alegria e amor.

Agradeço à Roseli e ao Ailton, amigos desde sempre, que já ouviram muito sobre esse trabalho.

Agradeço a Deus que sempre me mostrou caminhos e me deu oportunidades.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que financiou minha pesquisa desde o início. Sem esse apoio, todo o tempo que dediquei para este trabalho, e para as apresentações feitas em congressos e *workshops*, não teriam sido possíveis.

Agradeço à Silvana Gurgel, amiga linguista, que me levou até a USP e me incentivou desde o começo.

Agradeço à Indaiá Bassani, minha “irmã acadêmica”, pelo exemplo de postura, pelo apoio em tantos momentos, e pelas risadas em tantos outros!

Agradeço à Lúcia Helena Rozario, “minha irmã adotiva acadêmica”, pelo apoio, pelas conversas, pelas crises existenciais resolvidas pelo MSN, palavras amigas, e boas risadas!

Agradeço ao Marcus Lunguinho pelo exemplo de dedicação à pesquisa linguística e de como se faz uma pesquisa séria, pelas discussões sobre meu projeto, pela ajuda para “organização” das idéias, pelas conversas em momentos difíceis, e por tantas risadas em muitos outros momentos. Agradeço também por me deixar por dentro das notícias do mundo acadêmico sempre com tanto humor!

Agradeço à Fabiana Baldim pelo apoio, pelas conversas longas em dias nebulosos, e muitas risadas em muitos outros dias!

A esses quatro, obrigada pela amizade! Vocês são incríveis e tornaram esse trajeto muito mais suave.

Agradeço ao Roberlei Bertucci pelas palavras amigas e pelo bom humor sempre! E pelos comentários e discussão sobre o primeiro capítulo mesmo quando ainda estava em fase bem inicial.

Agradeço à Paula Armelim, João Paulo Cyrino (Jota), Luísa Zandoná, irmãos acadêmicos que sempre trouxeram questões, comentários, discussões, boas conversas, e risadas também!

Agradeço ao Alessandro Medeiros, Julio Barbosa, Leonor Simioni, Luciana Sanches, Rafael Minussi, Rerisson Cavalcante, Sonia Rocha, e Sueli Ramos, pelas conversas sobre os mais variados assuntos!

Agradeço aos meus colegas do GREMD: Alessandro Medeiros, Ana Paula Scher, Fabiana Baldim, Indaiá Bassani, Julio Barbosa, Larissa Andrade, Paula Armelim, Rafael Minussi, e Sonia Rocha pelas discussões, questões, contribuições para meu trabalho, e pelos trabalhos apresentados.

Agradeço aos meus colegas do programa de linguística da USP: Alexandre Bueno, Antonia Fernanda Nogueira, Eneida Leal, Fatimah Almeida, Ivan Rocha, Ivanete do Nascimento, Lara Frutos, Lídia Lima-Silva, Lívia Oushiro, Mariana Pesirani, Mariana Resenes, Roberta Ragi, entre alguns outros, pelas conversas, pelos cafés, pelas companhias em congressos.

Agradeço também aos colegas Walter Sano, Marcelo Sibaldo, e Adeilson Sedrins pelas conversas.

Agradeço aos secretários do Departamento de Linguística da USP, Érica, Robinho, e Ben Hur. Obrigada por toda ajuda e disposição sempre!

Agradeço aos professores do Departamento de Linguística da USP, em especial, Ana Müller, Esmeralda Negrão, Evani Viotti, e Luciana Storto.

Agradeço à Esmeralda Negrão e ao Alessandro Medeiros por terem feito parte da banca de qualificação, e por terem discutido vários pontos do trabalho e trazido várias questões.

Agradeço aos Professores Joseph Emonds e Maria José Foltran por terem enviado textos que me ajudaram a refletir sobre questões importantes de minha pesquisa.

Agradeço à Ana Paula Scher e Indaiá Bassani pelas dicas preciosas para formatação desta dissertação.

Essas são pessoas que me ensinaram muito. Nada teria sido igual sem o apoio, os palpites, as críticas, sem a interferência de cada um de vocês.

Cada disciplina valeu muito a pena. Cada minuto de estudo foi recompensador. Cada apresentação foi preparada com muito cuidado. Espero que tudo isso possa trazer alguma colaboração para o cenário linguístico. Por menor que seja essa colaboração, foi o máximo e o melhor que pude fazer.

Quanto ao futuro? Só digo que a carreira acadêmica é longa... infindável? Esse foi só um primeiro passo. Mais ou menos como dizia minha amiga Silvana Gurgel: “Ainda me sinto uma formiguinha entre tantos elefantes e pássaros...”, mas começo a ganhar asas.

*“The limits of my language mean the limits of my world”*

Ludwig Wittgenstein



## RESUMO

Neste trabalho, propomos uma análise do verbo *acabar* e de algumas das sentenças em que ele pode aparecer à luz de modelos formais para a análise linguística. Buscamos investigar as características sintático-semânticas dessas sentenças e procuramos identificar que tipo de estrutura sintática melhor representa sua formação.

Travaglia (2004b) discute a poligramaticalização do verbo *acabar* e mostra que esse verbo está se gramaticalizando em sentidos diferentes. Esse autor aponta sete valores gramaticais em diferentes estágios de gramaticalização para tal verbo, além do sentido como verbo pleno. Sugerimos uma redução das oito possibilidades de interpretação de *acabar* sugeridas por Travaglia a cinco, pois quatro dos exemplos diferenciados por aquele autor parecem permitir uma mesma leitura.

Nas sentenças que analisamos nesta dissertação, fazemos um recorte abrangendo o verbo *acabar* que traz uma idéia de resultado ou fase final de um evento, com uma leitura *algo aconteceu e, no final das contas, a situação terminou de tal forma*. Vários testes foram feitos para definir o estatuto desse verbo, como auxiliar ou como aspectualizador, porém esses testes não apontam para uma mesma direção. Observamos que *acabar* não apresenta um comportamento uniforme, ora comportando-se como um verbo auxiliar, ora como um aspectualizador. Apesar do grande número de características que observamos para esse verbo comportando-se como um auxiliar, o consideramos como um aspectualizador (na terminologia de Wachowicz (2005, 2007)), principalmente pelo fato de operar sobre o intervalo de tempo denotado pelo verbo principal, restringindo esse intervalo para sua fase final ou para seu resultado, que é uma forte característica dos aspectualizadores, conforme Lunguinho (2005, 2009) e Wachowicz (2005, 2007).

Esse verbo apresenta todas as características de alçamento perante os testes propostos por Davies & Dubinsky (2004). O verbo *acabar* está selecionando uma proposição em todos

os exemplos em foco neste trabalho, uma *small clause*, e o sujeito lógico da predicação no núcleo dessa *small clause* alça para a posição de sujeito superficial.

O verbo *acabar* funciona como um verbo inacusativo, selecionando apenas um argumento interno, no caso, uma SC. Ferreira (2009) prevê que um verbo inacusativo funcione como uma construção de alçamento. Essa autora considera os auxiliares como um subgrupo dos verbos inacusativos e esses, por sua vez, como um subgrupo dos verbos de alçamento. Por conta disso, prevemos que *acabar* esteja em uma intersecção entre os subgrupos de verbos inacusativos que selecionam uma SC, um CP, um DP e os verbos auxiliares, já que apresenta algumas características desse último.

Comparamos as propriedades de *acabar* com algumas propriedades das passivas das línguas naturais, como discutido em Jaeggli (1986). Duas das propriedades das passivas das línguas naturais são também propriedades dos verbos inacusativos e, logo, dos verbos de alçamento: i) o NP na posição de sujeito não recebe papel- $\theta$ ; e ii) o NP na posição de VP não recebe Caso verbal. Então, essas propriedades se verificam tanto para as passivas quanto para o verbo *acabar*, porém de formas um pouco diferentes. Sendo assim, essas construções podem ter uma mesma leitura, mas não a mesma estrutura sintática.

É possível estabelecer uma relação entre as sentenças passivas e as estruturas de alçamento em que *acabar* pode ocorrer, devido ao fato de verbos auxiliares e inacusativos apresentarem propriedades de verbo de alçamento, como explicado em Ferreira (2009). Além disso, passivas podem apresentar algumas características comuns àquelas construções. Assim, obtemos uma leitura parecida para todas essas construções.

**Palavras- chave:** Aspectualizador; Auxiliar; Estrutura de Alçamento; Inacusativo; Passiva.

## **ABSTRACT**

*In this dissertation, we offer an analysis of the verb acabar and some sentences in which it can figure according to the formal linguistics. We investigate the syntactic-semantic characteristics of these sentences and try to identify what kind of syntactic structure best represents them.*

*Travaglia (2004b) discusses the poligrammaticalization of the verb acabar and shows that this verb is grammaticalizing in different ways. This author shows seven grammar values in different levels of grammaticalization for this verb, besides its meaning as a lexical verb. We suggest a reduction of these eight possibilities to interpret acabar into five, since four examples analysed in different ways by that author seems to allow a same reading.*

*In the sentences we analyse in this dissertation, we reduce the scope of our investigation only to the verb acabar that brings an idea of an event result or final phase, bringing a reading like: “something happened and, by the end, the situation ended up like this”. Many tests were done to define this verb as an auxiliary or aspectualizer, but these tests don’t show the same results. We observe that acabar don’t exhibit an uniform behaviour, sometimes working as an auxiliary verb, other times as an aspectualizer. In spite of the great range of characteristics that we observe for this verb behaving as an auxiliary, we consider it an aspectualizer (following Wachowicz (2005, 2007)), mainly due to the way it works over the time interval expressed by the main verb, restricting this interval to its final phase or to its result, that is a strong characteristic for the aspectualizers, according to Lunquinho (2005, 2009) and Wachowicz (2005, 2007).*

*This verb shows all raising characteristics according to the tests proposed by Davies & Dubinsky (2004). The verb acabar is selecting a proposition in all of the examples in focus on this dissertation, a small clause, and the logical subject of the predicate in the nucleus of this small clause raises to a superficial subject position.*

*The verb acabar works as an unaccusative verb, selecting only one internal argument, in this case, a SC. Ferreira (2009) assumes that an unaccusative verb behaves as a raising structure. This author considers auxiliaries as a subgroup of the unaccusatives, and the later verbs, as a subgroup of the raising verbs. For this reason, we assume that acabar is in crossroads between unaccusative verbs subgroup that selects a SC, a CP, a DP and the auxiliary verbs, since it shows some characteristics of these verbs.*

*We compare the properties of acabar with some properties of passives in natural languages, as discussed in Jaeggli (1986). Two of the three properties of passives in natural languages are also the properties of unaccusative verbs and, consequently, of raising verbs: i) the NP in the subject position doesn't receive a  $\theta$ -role; and ii) the NP in the position of VP doesn't receive structural Case. So, these properties are true not only for the passives, but also for the verb acabar, but in different ways. Then, these constructions can have the same reading, but not the same syntactic structure.*

*It is possible to establish a relation between these passive sentences and the raising structures in which acabar can occur, in spite of the fact that auxiliary verbs and unaccusatives present properties of raising verbs, as discussed in Ferreira (2009). Besides, passives can present some characteristics common to that constructions. Then, we get a similar reading to all of these constructions.*

**Key-words:** *Aspectualizer; Auxiliary; Raising Structure; Unaccusatives; Passive.*

## SUMÁRIO

<b>0. Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>1. Propriedades sintático-semânticas de sentenças com <i>acabar</i> .....</b>	<b>12</b>
1.1 Propriedades .....	13
1.2 Conclusões do capítulo .....	23
<b>2. As sentenças com <i>acabar</i> vs. construções passivas .....</b>	<b>27</b>
2.1 As sentenças com <i>acabar</i> são passivas? .....	28
2.1.1 Jaeggli (1986) .....	29
2.1.2 As sentenças com <i>acabar</i> e as passivas .....	35
2.2 As passivas com <i>get</i> do inglês, com <i>krijgen</i> do holandês, com <i>kriegen</i> do alemão e as sentenças com <i>acabar</i> .....	45
2.2.1 Alexiadou (2005) .....	45
2.2.2 <i>Acabar</i> vs. Passiva com <i>get</i> .....	54
2.2.3 Van Noord & Kordoni (2005) .....	65
2.2.4 <i>Acabar</i> vs. passiva com <i>kriegen</i> do alemão e passiva com <i>krijgen</i> do holandês .....	72
2.3 Conclusões do capítulo .....	77
<b>3. O papel de <i>acabar</i> nas sentenças em estudo nesta pesquisa.....</b>	<b>81</b>
3.1 Literatura sobre auxiliares e aspectualizadores.....	82
3.1.1 Critérios de auxiliaridade: Lunguinho (2009) .....	82
3.1.2 Tipos de auxiliares: Lunguinho (2005) .....	88
3.1.3 Auxiliares vs. Aspectualizadores: Wachowicz (2007) .....	96
3.2 Verificações sobre <i>acabar</i> .....	102
3.2.1 <i>Acabar</i> como verbo auxiliar .....	102
3.2.2 <i>Acabar</i> como aspectualizador.....	135
3.3 Conclusões do capítulo .....	141
<b>4. Um tratamento de alçamento para <i>acabar</i> .....</b>	<b>148</b>
4.1 Estruturas de alçamento e de controle .....	149
4.1.1 Davies & Dubinsky (2004) e as propriedades gerais de alçamento e controle .....	150
4.1.2 Henriques (2008) .....	157
4.1.3 Alçamento e as sentenças com <i>acabar</i> .....	158
4.2 Estrutura e estatuto de <i>acabar</i> .....	166

4.2.1 Ferreira (2009).....	166
4.2.2 O verbo <i>acabar</i> , inacusatividade, auxiliaridade e alçamento.....	170
4.2.3 Leitura passiva, inacusativos e alçamento.....	175
4.3 Conclusões do capítulo .....	176
<b>5. Conclusões .....</b>	<b>178</b>
<b>6. Referências .....</b>	<b>187</b>

## 0. Introdução<sup>1</sup>

O objetivo geral da pesquisa de Mestrado que estamos desenvolvendo é estudar algumas construções com o verbo *acabar* em português brasileiro (PB), como nos exemplos de (1) a (6) abaixo:

- (1) O João acabou **na cadeia**.
- (2) O João acabou **dono de restaurante**.
- (3) A Ana demorou tanto que o João acabou **furioso**.
- (4) O João acabou **enfurecido** pela Ana.
- (5) A demora da reunião acabou **enfurecendo** os participantes.
- (6) A demora da reunião acabou **por enfurecer** os participantes.

Travaglia (2004b), que discute a poligramaticalização do verbo *acabar*, mostra que esse verbo está se gramaticalizando em sentidos diferentes. A noção de gramaticalização que esse autor usa sugere que um determinado item se gramaticaliza com sua passagem de um item lexical para um item gramatical, ou, ainda, de um item gramatical para outro item mais gramatical (Travaglia, 2004b, p. 21). Além do valor como verbo pleno (valor 1), não exemplificado naquele trabalho, o autor aponta sete valores gramaticais em diferentes estágios de gramaticalização para o verbo *acabar*, apresentados logo abaixo:

---

<sup>1</sup> Agradeço à Profa. Dra. Ana Paula Scher pelos preciosos comentários. Qualquer equívoco que permanece são de minha inteira responsabilidade.

- 1- como verbo pleno (valor 1);
- 2- como verbo de ligação – sentido de *vir a ser, tornar-se, ou ter um estado ou condição como resultado*, como em (7)a (valor 2);
- 3- como verbo auxiliar marcador de tempo (passado recente) e aspecto (acabado) – formado por *acabar + de + infinitivo*, como em (7)b (valor 3);
- 4- como semi-auxiliar ou auxiliar semântico indicador de resultatividade (resultado final, consequência) – formado por *acabar + gerúndio, acabar + por + infinitivo e acabar + particípio*, como em (7)c (valor 4);
- 5- como ordenador textual, como em (7)d (valor 5);
- 6- como operador argumentativo com três valores distintos:
  - a) que introduz uma situação que foi decisiva como argumento para algo, significando algo como *além disso*, ou *no final das contas* – formado por *acabar + que + oração com verbo finito*, como em (7)e (valor 6);
  - b) que coloca um argumento como se a sua existência fosse o maior absurdo, ou algo decididamente inesperado, significando algo como *além de tudo, além do mais, ou ainda por cima* – formado por *quando acaba*, como em (7)f (valor 7); e,
  - c) finalizador de argumentação, significando algo como *e não tenho mais argumentos, isto é suficiente, e é isso/só, ou e fim/pronto* – forma usada: *acabou e acabô*, como em (7)g (valor 8).

- (7) a) Todas as Emílias desde então foram adultas. Uma delas, Reny de Oliveira, de tão madura **acabou** nua nas páginas de uma revista masculina e foi afastada das gravações. (Texto 29, Veja, homem, narrativo, apud Travaglia, 2004b, p. 35)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Destaques do autor.



- b) ...na Praça de São Pedro... nós vimos um alemão ficar alucinado... **tinham acabado de bater** a carteira dele também... (NURC-RJ/D2-369, 4a faixa, mulher, narrativo, apud Travaglia, 2004b, p. 35).
- c) A saída **acabou sendo** o afastamento de Martinez da coordenação. (Carta ao Leitor / “Como montanha russa” in Veja, ano 35, nº 31, edição 1763, 07/08/2002: 9, apud Travaglia, 2004b, p. 35).
- d) **Acabou a palestra contando** uma piada que ajudava a entender com clareza o ponto que defendia sobre o preconceito racial em nossa sociedade. (Travaglia, 2004b, p. 35).
- e) ...aí numa mudança de governo eu perdi o cargo que eu tinha, aí **acabou** que pintou essa oportunidade pra INTERBRAS... (Tendência, Eucy, 55 anos, narrativo, apud Travaglia, 2004b, p. 35).
- f) ...eu num tinha essa sensação e agora **quando acaba** eu tenho alguns amigos feitos lá, até de uma faixa de idade mais nova que a nossa, ... (Tendência, Eucy, 55 anos, dissertativo, apud Travaglia, 2004b, p. 35).
- g) (*se o mundo vai acabar*) Pensá em coisas boas e **acabô**, entendeu? (Tendência, Flávio, 26 anos, dissertativo, apud Travaglia, 2004b, p. 35).

Os dados analisados em Travaglia (2004b) abrangem aqueles considerados neste trabalho, de (1) a (6), da seguinte maneira:

- i) (7)a, tratado como verbo de ligação, sentido de *vir a ser, tornar-se, ou ter um estado ou condição como resultado*, equivale aos nossos exemplos de (1) a (3);

ii) (7)c, tratado como semi-auxiliar ou auxiliar semântico indicador de resultatividade, equivale aos nossos exemplos (4), com um particípio, (5), com uma forma gerundiva, e (6), com *por + infinitivo*;

iii) (7)e, tratado como operador argumentativo que introduz uma situação que foi decisiva como argumento para algo, significando aproximadamente *além disso*, ou *no final das contas*, nada mais é que uma inversão ou paráfrase de nossos dados, como mostramos abaixo e retomamos nos capítulos 3 e 4:

- (8)
- a. O João acabou na cadeia.
  - a'. Acabou que o João foi parar/ficou na cadeia.
  - b. O João acabou dono de restaurante.
  - b'. Acabou que o João tornou-se/virou dono de restaurante.
  - c. A Ana demorou tanto que o João acabou furioso.
  - c'. Acabou que o João ficou furioso por causa da demora da Ana.
  - d. O João acabou enfurecido pela Ana.
  - d'. Acabou que o João foi enfurecido pela Ana.
  - e. A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes.
  - e'. Acabou que a demora da reunião enfureceu os participantes.
  - f. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.
  - f'. Acabou que a demora da reunião enfureceu os participantes.

iv) (7)f, tratado como algo que coloca um argumento como se a sua existência fosse o maior absurdo, ou algo decididamente inesperado, significando algo como *além de tudo*, *além do mais*, ou *ainda por cima* – formado por *quando acaba*, também pode ser tratado como paráfrase de nossos dados, como mostramos em (9):

- (9) a. O João acabou na cadeia.
- a'. Quando acaba o João vai parar/fica na cadeia.
- b. O João acabou dono de restaurante.
- b'. Quando acaba o João torna-se/vira dono de restaurante.
- c. A Ana demorou tanto que o João acabou furioso.
- c'. Quando acaba o João fica furioso por causa da demora da Ana.
- d. O João acabou enfurecido pela Ana.
- d'. Quando acaba o João é enfurecido pela Ana.
- e. A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes.
- e'. Quando acaba a demora da reunião enfurece os participantes.
- f. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.
- f'. Quando acaba a demora da reunião enfurece os participantes.

Neste trabalho, procuraremos oferecer um tratamento uniforme para os dados de (1) a (6), correspondentes aos exemplos em (7)a,c,e,f de Travaglia (*op. cit.*). Se estivermos no caminho certo, será possível reduzir as oito possibilidades de interpretação de *acabar* sugeridas por Travaglia a cinco, nas quais o verbo *acabar*: a) nos exemplos (7)a,c,e,f, poderia ser tratado como responsável pela leitura aspectual do tipo resultativa que se observa nessas sentenças; b) em (7)b, seria o responsável pela leitura aspectual retrospectiva, ou mesmo, completiva que a sentença pode ter; c) em (7)d, funcionaria como ordenador textual; d) em (7)g, teria a função de um recurso discursivo, finalizador de argumentação; e, e) apresentaria uma leitura de verbo pleno.

A idéia de um tratamento mais uniforme para essas sentenças se deve ao fato de que, como observamos logo abaixo, esse verbo parece permitir uma mesma leitura que

acreditamos ser aspectual, além de apresentar uma leitura mais geral não-agentiva: nos exemplos de (1) a (6), o verbo *acabar* traz para a sentença a interpretação de *no final, no fim das contas, aconteceu alguma coisa, e a situação terminou assim: o João virou dono de restaurante, o João ficou furioso, a demora da reunião enfureceu os participantes*, etc. Essas sentenças informam o resultado de algum outro evento.

Na análise dos dados no trabalho de Travaglia (*op. cit.*), o autor diz que considera que as sentenças com *acabar*, como as mostradas em (7) acima, são construções perifrásticas. Porém, ele opta “por considerar o verbo principal elíptico como inexistente” (Travaglia, *op. cit.*, p.23). Sendo assim, não parece ser, de fato, possível tratar exemplos como (7)a como uma perífrase, uma vez que o autor assume que não há um verbo principal figurando nessa estrutura. Esse ponto não fica claro nesse trabalho de Travaglia. No capítulo 3, apresentaremos alguns testes que nos permitirão verificar se esse verbo elíptico, tratado como inexistente por Travaglia (*op. cit.*), deverá ser considerado, em nosso trabalho, como inexistente ou como implícito na estrutura. Se considerarmos esse verbo inexistente, devemos estar tratando de construções simples com o verbo *acabar* funcionando como um verbo de ligação, algum tipo de auxiliar, ou outro tipo de verbo. Se considerarmos esse verbo implícito na estrutura, devemos estar tratando de construções perifrásticas com o verbo *acabar* e, nesse caso, ele estaria funcionando como algum tipo de verbo auxiliar.

Esta dissertação busca investigar as características sintático-semânticas das sentenças de (1) a (6) e procura identificar que tipo de estrutura sintática dá conta de sua formação. Pretendemos refinar a análise do verbo *acabar* e de algumas das sentenças em que ele pode aparecer à luz de modelos formais para a análise linguística. Por outro lado, algumas sentenças com *acabar* fugirão ao escopo deste trabalho. Trata-se de:

I) sentenças com *acabar* como verbo pleno ou lexical, como em (10) e (11) abaixo:

(10) O leite acabou.

(11) A Ana acabou a lição de casa.

Neste trabalho não nos deteremos na discussão sobre a existência ou não de *acabar* como verbo pleno. Embora de grande relevância, essa é uma questão a ser tratada em pesquisa futura. Por ora, assumiremos que as sentenças em (10) e (11) são sentenças com verbo pleno, nas quais a interpretação que se tem é a de que o evento<sup>3</sup> descrito *já acabou, terminou, foi concluído*, independentemente de *acabar* funcionar como um verbo inacusativo, selecionando apenas um argumento interno, como em (10), ou como um verbo transitivo, selecionando um argumento interno e outro externo, como em (11).

II) sentenças com *acabar de*, como em (7)b, (12) ou (13):

(12) O João acabou de enfurecer os colegas com os comentários que fez.

(13) A Maria acabou de fazer a lição de casa.

Em (7)b e (12), a interpretação que se tem é a de que o evento descrito aconteceu *agora mesmo*, em um passado recente: a leitura é aspectual retrospectiva. Em (13), por sua vez, a interpretação é ambígua entre a leitura aspectual retrospectiva, e a leitura de que o evento descrito *já acabou, terminou, foi concluído*: leitura aspectual completiva.

Essas sentenças com *acabar de* já foram estudadas por vários autores, entre eles: Bertucci (manuscrito 2008), Ferreira (2009), Lunguinho (2005, 2007, 2009), Travaglia (2003a, 2003b, 2004b), Wachowicz (manuscrito sem data, 2007), e Wlodek (PowerPoint sem

---

<sup>3</sup> Assumimos que, no exemplo em (10), *leite* é interpretado como evento porque mede o evento de *consumir o leite*; em (11), *a lição de casa* é interpretada como evento porque mede o evento de *fazer a lição de casa* (Alessandro Boechat de Medeiros, comunicação pessoal).

data). Lunguinho (2005, 2009) apresenta, inclusive, um tratamento para sentenças com *acabar de* com leitura ambígua, como na sentença em (13), por exemplo<sup>4</sup>. Tivemos acesso ao trabalho de Hornstein, Martins & Nunes (2006) que trata de construções que flutuam entre alçamento e controle para dar conta de leituras ambíguas em sentenças que apresentam alguns tipos de auxiliares. Esse trabalho, entretanto, não toca no verbo *acabar*. Pensamos que esse tratamento, como um verbo que flutua entre as condições de alçamento e de controle, talvez possa dar conta de algumas diferentes leituras com *acabar*, porém, deixamos esse ponto, também, para ser abordado em trabalho futuro.

III) Sentenças com *acabar* como ordenador textual, como em (7)d, e (14):

(14) *Acabou* o mês fechando mais contratos do que precisava para bater as metas.

IV) sentenças nas quais *acabar* tem a função de um recurso discursivo, finalizador de argumentação, como vimos em (7)g e ilustramos com o exemplo em (15):

(15) É para fazer assim e *acabou*.

V) sentenças com *acabar* com uma leitura especial, em que a interpretação que se tem é a de que *a pessoa ou coisa envelheceu, ficou com a aparência acabada, velha, feia*, como em (16); a de que *não considero mais a pessoa como amiga*, como em (17); ou, ainda, a de que *y destruiu x* ou *y comeu/destruiu todo o x*, como em (18):

---

<sup>4</sup> O autor trata *acabar de* como um verbo auxiliar aspectual e aponta que os exemplos com esse verbo que admitem uma leitura dinâmica, aceitam a leitura de passado recente e, entre esses exemplos, os que denotam eventos [+télicos] admitem, também, a interpretação de evento concluído. Para mais detalhes, veja os trabalhos citados.

- (16) O João acabou nesses últimos anos.
- (17) O João acabou para mim.
- (18) A Ana acabou com o bolo/meu sapato.

Fizemos esse recorte, pois, queríamos trabalhar com uma ocorrência de *acabar* ainda não muito estudada. As sentenças de que nos ocuparemos, neste trabalho, são tratadas parcialmente<sup>5</sup>, ou apenas mencionadas, em Ferreira (2009), Henriques (2008), Rodero (2009), Travaglia (2003b, 2004a, 2004b), Wachowicz (manuscrito sem data, 2007), e Wlodek (2003).

A partir da observação dos dados apresentados acima, que serão minuciosamente descritos no Capítulo 1 desta dissertação, levantamos as seguintes questões para esta pesquisa:

- A. Quais são as propriedades sintático-semânticas dessas sentenças?
- B. A leitura não-agentiva observada para essas sentenças permite que elas sejam tratadas como construções passivas, ou seja, tais sentenças apresentam propriedades típicas de construções passivas?
  - B1. Como esse tipo de construções com *acabar* do PB se compara às construções com *get* do inglês, descritas como passivas em Alexiadou (2005)?
  - B2. E como se comparam às construções com *krijgen* ou com *kriegen*, do holandês e do alemão, descritas por van Noord & Kordoni (2005) como passivas, sendo elas construções diferentes das passivas com *get* do inglês?
- C. Quais são as propriedades do verbo *acabar* nas sentenças apresentadas acima?
  - C1. *Acabar* é um verbo auxiliar?

---

<sup>5</sup> Não encontramos análises de *acabar* + NP / PP em nenhum desses trabalhos.

C2. Se sim, que tipo de auxiliar ele seria?

C3. Se não for um auxiliar, que tipo de verbo é *acabar*?

D. A descrição dos dados vai mostrar que as sentenças em exame nesta dissertação podem ocorrer nas quatro estruturas de alçamento apontadas em Henriques (2008), e não só em duas delas, como é descrito por esse autor. Tratar as sentenças com *acabar* como construções de alçamento vai dar conta da formação das sentenças apresentadas?

E. A leitura não-agentiva observada para as sentenças com *acabar*, associada à possibilidade de ocorrerem em contextos típicos de construções de alçamento, remete a estudos que relacionam estruturas passivas (não-agentivas) a estruturas de alçamento (cf. van Noord & Kordoni (2005) e Fokkens & Kordoni (2006), para um tratamento de sentenças passivas do holandês e do alemão como construções de alçamento). É possível estabelecer essa mesma relação entre a leitura não-agentiva dessas sentenças e as estruturas de alçamento em que podem ocorrer?

Com essas questões em mente, damos início à investigação dos dados considerados e à sua análise. Seguimos em busca de um tratamento que seja adequado para nosso conjunto de dados e que dê conta de responder as questões colocadas acima.

Esta dissertação se divide da seguinte forma: no capítulo 1, apresentaremos uma descrição das propriedades sintático-semânticas de sentenças como as apresentadas de (1) a (6), respondendo, assim, a questão A. No capítulo 2, buscando responder as questões em B, falaremos das propriedades de construções passivas tradicionais, como exposto em Jaeggli (1986). Além disso, analisaremos as sentenças apresentadas, frente a tal proposta, com o intuito de verificarmos se tais construções com *acabar* têm estrutura de passivas. A questão é relevante por causa da interpretação não-agentiva que o sujeito das sentenças com *acabar* em



foco neste trabalho pode ter. Descreveremos, ainda, as propostas de Alexiadou (2005), que trata das passivas com *get* do inglês, de van Noord & Kordoni (2005), que tratam das passivas com *krijgen* do holandês e *kriegen* do alemão, com o intuito de contrapor a esses dados as sentenças com *acabar* do PB, que têm alguma semelhança com esse tipo de passiva nessas línguas. No capítulo 3, por sua vez, procurando responder às perguntas em C, discutiremos o papel de *acabar* nas construções apresentadas. Retomaremos, então, as propriedades sintáticas e semânticas das sentenças com *acabar* relevantes para esta pesquisa, sob a hipótese inicial de que *acabar* pode ser um verbo auxiliar do tipo aspectual, e pode ser combinado com um auxiliar *ser*, *ficar* ou algum outro verbo implícito na forma gerundiva. Para verificarmos o estatuto de *acabar*, tomaremos como base os trabalhos de Lunguinho (2009), que aponta alguns critérios de auxiliaridade com base na literatura linguística, Lunguinho (2005), que diferencia quatro tipos de verbos auxiliares, e Wachowicz (2005), que propõe uma diferenciação entre auxiliares e aspectualizadores. Em seguida, no capítulo 4, procurando responder às perguntas D e E, apresentamos as propriedades típicas das construções de alçamento, como exposto em Davies & Dubinsky (2004); discutimos o trabalho de Henriques (2008), que também trata de algumas sentenças com *acabar* como construções de alçamento padrão; e o trabalho de Ferreira (2009), que considera os verbos auxiliares como uma subclasse dos verbos inacusativos, tratando os verbos auxiliares como verbos de alçamento. No capítulo 5, apontamos as conclusões desta pesquisa; e, por fim, no capítulo 6 disponibilizaremos as referências pertinentes a ela.

## 1. Propriedades sintático-semânticas de sentenças com *acabar*

Neste capítulo, apontaremos algumas propriedades das sentenças de (1) a (6), repetidas abaixo, bem como do verbo *acabar* que ocorre nelas:

- (19) O João acabou **na cadeia**.
- (20) O João acabou **dono de restaurante**.
- (21) A Ana demorou tanto que o João acabou **furioso**.
- (22) O João acabou **enfurecido** pela Ana.
- (23) A demora da reunião acabou **enfurecendo** os participantes.
- (24) A demora da reunião acabou **por enfurecer** os participantes.

Buscaremos responder a pergunta A que estabelecemos na Introdução:

- A. Quais são as propriedades sintático-semânticas dessas sentenças?

Assim, em 1.1, trazemos algumas propriedades sintático-semânticas para as sentenças em foco e para o verbo *acabar* que ocorre nelas; e em 1.2, apontamos as conclusões deste capítulo.

## 1.1 Propriedades

Uma primeira propriedade sintática que observamos para essas sentenças é que:

- a) São formadas por *acabar* + *sintagma preposicional* / *sintagma nominal* / *adjetivo* / *particípio* / *gerúndio* / *[por] infinitivo*;

Esses complementos, que aparecem como parte da proposição que *acabar* seleciona, podem ser observados nos exemplos de (1) a (6), repetidos acima, de (19) a (24). Notamos que *acabar* permite uma gama bem grande de combinações, diferentemente do que acontece com verbos auxiliares, de modo geral.

- b) Em tais sentenças, se houver realização do sujeito, ele poderá ser interpretado como uma entidade que experiencia alguma situação, ou, em alguns casos, como um evento ou uma entidade que faz com que uma segunda entidade experiencie alguma situação;

Quando sentenças com *acabar* + *gerúndio* ou *[por] infinitivo*, como (5) e (6) ocorrem com *acabar* tendo como complemento uma proposição com um verbo inacusativo ou de alternância ergativa na forma gerundiva ou na forma infinitiva acompanhada pela preposição *por*, a primeira leitura apontada em (b), acima, é gerada. Veja os exemplos de (25) a (27):

- (25) A Maria acabou morrendo.  
(26) O João acabou por morrer.  
(27) O copo acabou quebrando.

Essa mesma leitura ocorre nos exemplos de (1) a (4). Nesses exemplos, *o João* é interpretado como uma entidade que experiencia alguma situação.

No caso dos exemplos (5) e (6), com *gerúndio* ou *[por] infinitivo*, o evento descrito por *a demora da reunião* faz com que a entidade descrita como *os participantes* experiencie a situação de *ficar enfurecidos*, gerando a segunda leitura apontada em (b), acima. Se, por outro lado, o sujeito da sentença é uma expressão que denota uma entidade, como em (28) e (29) abaixo, a entidade descrita, *a Maria*, nos dois exemplos, faz com que a outra entidade, descrita como *o marido*, experiencie a situação de *ficar enfurecido*.

(28) A Maria acabou enfurecendo o marido.

(29) A Maria acabou por enfurecer o marido.

c) Em tais sentenças, *acabar* seleciona apenas um argumento interno, bem como ocorre com verbos inacusativos. Sendo assim, o argumento que aparece na posição de sujeito terá o papel- $\theta$  que lhe é atribuído pela predicação que o seleciona;

Nos exemplos de (1) a (4), além de (25), (26) e (27), os sujeitos superficiais são selecionados pela predicação que está na proposição selecionada por *acabar*, como *na cadeia*, *dono de restaurante*, *furioso*, etc. Essas predicações selecionam um argumento externo que têm uma interpretação geral de entidade que experiencia alguma situação. Dessa forma, o argumento que aparece na posição de sujeito superficial tem papel- $\theta$  de experienciador.

(30) a. Acabou [[o João] [na cadeia]].

b. acabou [[o João] [dono de restaurante]].

c. acabou [[o João] [furioso]].

d. acabou [[o João] [enfurecido] [pela Ana]].

Nas sentenças (5) e (6), além de (28) e (29), por sua vez, os sujeitos superficiais têm uma interpretação geral de evento ou entidade que faz com que uma segunda entidade experiencie alguma situação. Isso se dá, pois o argumento externo selecionado pela predicação que está na proposição selecionada por *acabar*, no caso *enfurecer*, tem papel- $\theta$  de originador<sup>6</sup>.

(31) Acabou [[a demora da reunião] [enfurecendo] [os participantes]].

(32) Acabou [[a demora da reunião] [por enfurecer] [os participantes]].

Nos exemplos em (1), (2), (3), (5) e (6), *acabar* está selecionando uma proposição e o sujeito lógico das predicções que estão na proposição selecionada por *acabar* parece alçar para a posição de sujeito superficial, assim como *O João*, em (30)a,b,c, e *A demora da reunião*, em (31) e (32). Já no exemplo em (4), apesar de *acabar* também estar selecionando uma proposição, parece ser o objeto lógico da predicação que está na proposição selecionada por *acabar*, como vemos em (30)d, que alça para a posição de sujeito superficial, uma vez que “*o João enfurecido pela Maria*” parece ter características de passiva.

Sendo assim, a sentença com *acabar* não é, necessariamente, agentiva. O argumento que aparece na posição de sujeito superficial é previsto pela predicação que está na proposição selecionada por *acabar*, ou seja, *na cadeia, dono de restaurante, enfurecer*, etc. Essas predicções é que definem os papéis temáticos dos argumentos que aparecem na sentença, pois são elas que selecionam argumentos internos e/ou externos.

---

<sup>6</sup> Neste trabalho, usamos o termo “originador” que traz um sentido bastante geral para o papel- $\theta$  do argumento externo selecionado pela predicação na proposição selecionada por *acabar*.

Decorre dessas observações, o fato de que o argumento que aparece na posição de sujeito não será, necessariamente, volitivo. Em (5) e (6), temos o sujeito [-animado] e, portanto, não-volitivo, *a demora da reunião*. Isso é uma evidência de que, apesar da leitura causativa que esse exemplo traz, como exemplificamos mais à frente, o sujeito não precisa ter a intenção de causar a realização do evento ou a ocorrência do estado descrito. Mesmo nos exemplos em (28) e (29), *a Maria*, que é um sujeito [+animado], não precisa ter feito algo para que o marido tenha ficado enfurecido, podendo ser não-volitivo. O mesmo se dá com os exemplos de (1) a (4), nos quais *o João* não precisa ter feito algo para que ele tenha *ido parar na cadeia*, ou *virado dono de restaurante*, etc.

Assim, as características das sentenças de (1) a (6) descritas até aqui mostram que o resultado do evento pode se dar, em todos os casos, sem que o sujeito da sentença aja para que o evento ou estado descrito nela se realize.

- d) Sugerem paráfrases com uma mesma forma nominal do verbo, o gerúndio. Veja os exemplos de (33) a (37);

- (33) O João acabou **parando/indo parar/ficando/chegando** na cadeia.
- (34) O João acabou **tornando-se/sendo/virando** dono de restaurante.
- (35) A Ana demorou tanto que o João acabou **ficando** furioso.
- (36) O João acabou **sendo** enfurecido pela Ana.
- (37) A demora da reunião acabou **fazendo** os participantes **ficarem** furiosos/enfurecidos.

Os exemplos dados envolvem paráfrases com formas gerundivas tais como *sendo*, *ficando*, *indo parar*, *chegando*, etc., (cf. exemplos de (33) a (36)) ou, ainda, um causativo – o

originador<sup>7</sup> do evento, ou o próprio evento, como em (37), que, na sentença com *acabar*, causa o estado resultante descrito para o objeto da oração encaixada.

Os dados em (38) e (39) mostram que alguns inergativos tais como *dormir* ou *sair* também podem ocorrer em sentenças como (35) e (36):

(38) A Ana demorou tanto que o João acabou dormindo/saindo furioso.

(39) O João acabou dormindo/saindo enfurecido pela Ana.

Nesses casos, no entanto, as sentenças podem ser interpretadas como casos de predicação secundária<sup>8</sup>, da seguinte forma:

(40) A Ana demorou tanto que o João acabou é ficando furioso por causa da demora dela e dormiu/saiu.

(41) Quando o João dormiu/saiu, ele tinha sido enfurecido pela Ana.

A leitura que se tem nas sentenças de (38) a (41) é a de que houve algum problema causado pela Ana que enfureceu o João. Ele ficou com raiva e não conseguiu se livrar dessa raiva antes de dormir/sair: acabou dormindo/saindo com raiva, enfurecido.

Assim, verifica-se que somente os verbos *ser* e *ficar* podem ser usados nas paráfrases de (3) e (4).

A possibilidade de realização de *ser/ficar* na forma gerundiva em paráfrases para as sentenças de (1) a (4), e de *ficar* na forma de infinitivo flexionado na paráfrase em (37), para as sentenças (5) e (6), pode sugerir uma leitura não-agentiva para essas construções, uma vez que esses auxiliares são comumente formadores de construções passivas e tais construções

---

<sup>7</sup> Utilizamos o termo *originador* por sua maior compatibilidade com a noção semântica de *evento* se comparado ao termo *sujeito*, que expressa uma noção sintática.

<sup>8</sup> Não discutiremos esses casos neste trabalho. Para um tratamento da predicação secundária, ver Foltran (1999).

também não são agentivas<sup>9</sup>. Esse ponto está de acordo com a propriedades que descrevemos no item c), acima, para as construções com acabar em discussão neste trabalho. É interessante perceber, ainda, que as formas gerundivas ou de infinito flexionado de *ser* e *ficar* parecem estar em distribuição complementar nesse conjunto de sentenças. Veja os exemplos abaixo:

- (42) O João acabou **\*sendo/ficando** na cadeia.
- (43) O João acabou **sendo/\*ficando** dono de restaurante.
- (44) A Ana demorou tanto que o João acabou **\*sendo/ficando** furioso.
- (45) O João acabou **sendo/\*ficando** enfurecido pela Ana.
- (46) A demora da reunião acabou fazendo os participantes **\*serem/ficarem** furiosos/enfurecidos.

Nas sentenças em (1) e (3), que possibilitam a paráfrase com *ficar*, em (42) e (44), respectivamente, a proposição que *acabar* seleciona têm uma leitura [-dinâmica]. Ainda, no exemplo (2), com a paráfrase com *sendo*, em (43), a leitura também parece ser [-dinâmica]. Nesse caso, *ser dono de restaurante* parece funcionar como uma propriedade ou característica; a ocorrência de *ser*, fora de um contexto perifrástico, não parece implicar uma leitura mais eventiva ou [+dinâmica]. Já na sentença em (4), que também admite a paráfrase com *sendo*, em (45), a proposição que *acabar* seleciona têm uma leitura verbal e, nesse sentido, [+dinâmica]. Da mesma forma, nos exemplos em (5) e (6), com a paráfrase causativa com *fazendo os participantes ficarem*, em (46), a leitura da proposição selecionada por *acabar* também parece ser [+dinâmica].

Assim, em princípio, observamos que há uma semelhança entre a proposição que *acabar* seleciona nas paráfrases em (42), (43) e (44), no sentido de que a leitura dessa

---

<sup>9</sup> Veremos uma possível relação entre o tratamento dado às construções passivas e as sentenças com *acabar* em foco neste trabalho nos capítulos 2 e 4.



proposição é [-dinâmica]. E também há uma semelhança entre as proposições que *acabar* seleciona nas paráfrases em (45) e (46), no sentido de que a leitura dessas proposições é [+dinâmica]. Essas semelhanças sugerem que outros dois subgrupos talvez possam se formar a partir das seis primeiras sentenças apresentadas acima. Aquelas em (1), (2) e (3), formariam um subgrupo de sentenças com complementos [-dinâmicos], enquanto aquelas em, (4), (5) e (6) formariam outro subgrupo, com complementos [+dinâmicos].

De qualquer maneira, assumiremos que as sentenças de (1) a (6) formam um grupo de sentenças a cujos sujeitos é possível atribuir uma leitura não-agentiva. Investigaremos, então, se haverá necessidade de dividir esse grupo em dois subgrupos.

Investigaremos, ainda, se as sentenças (3) e (4) podem apresentar uma estrutura de voz passiva, já que as duas sentenças em questão parecem se aproximar bastante do que é chamado na literatura de passiva adjetiva (auxiliar *ficar* + *particípio* / *adjetivo*) e passiva eventiva (auxiliar *ser* + *particípio*), respectivamente, como vemos nos exemplos abaixo<sup>10</sup>:

(47) O João ficou furioso.

(48) O João foi enfurecido pela esposa.

Cabe, ainda, ressaltar que:

e) O verbo *acabar* desse grupo de sentenças pode ocorrer nas mesmas estruturas em que ocorre o verbo *parecer*, considerado um representante típico dos verbos de alçamento no PB;

---

<sup>10</sup> Veja mais exemplos em Negrão, Scher, Viotti (2005).

Henriques (2008) aponta quatro possibilidades estruturais para as construções com *parecer*:

- i) com alçamento do sujeito da subordinada e concordância com o verbo de alçamento;
- ii) sem alçamento do sujeito da subordinada;
- iii) com alçamento do sujeito da subordinada e concordância com o verbo da principal e da subordinada; e,
- iv) com alçamento do sujeito para uma posição externa à sentença, portanto, sem concordância com o verbo da principal.

Esse autor trata *parecer* como um verbo particular, por ser o único a formar essas quatro possibilidades estruturais. Em seus exemplos, ele considera construções com *acabar* + *adjetivo*, em que *acabar* é tratado como um verbo de ligação, e *acabar* + *gerúndio*, em que *acabar* é chamado de verbo pleno e tratado como um verbo de alçamento prototípico (Henriques, 2008, p. 5 e 6). O autor não trata, no entanto, de outros exemplos com *acabar* como os apontados como foco deste trabalho.

Para Henriques, *acabar* só ocorre em construções como aquelas em i) e ii). Porém, observamos que as quatro possibilidades apontadas acima se verificam, igualmente, para as sentenças com *acabar* no PB<sup>11</sup>.

Os exemplos de (1) a (6) são casos descritos em (i), acima, ou seja, são estruturas de alçamento padrão, como sugerem as representações preliminares de (49) a (54), em que o sujeito da encaixada é alçado para a esquerda do verbo de alçamento e há concordância com

---

<sup>11</sup> Vejam uma análise mais detalhada dos dados no capítulo 4.

esse verbo. O verbo da subordinada, se existente, ocorre em uma forma não finita, como o particípio, gerúndio, ou *por + infinitivo*, como nos exemplos de (52) a (54), respectivamente:

- (49) [IP Os homens<sub>i</sub> acabaram [SC *t<sub>i</sub>* na cadeia]]<sup>12</sup>.
- (50) [IP Eu<sub>i</sub> acabei [SC *t<sub>i</sub>* dono de restaurante]].
- (51) [IP O João<sub>i</sub> acabou [SC *t<sub>i</sub>* furioso]].
- (52) [IP O João<sub>i</sub> acabou [SC *t<sub>i</sub>* enfurecido pela Ana]].
- (53) [IP Os rumos da reunião<sub>i</sub> acabaram [SC *t<sub>i</sub>* enfurecendo os participantes]].
- (54) [IP A demora da reunião<sub>i</sub> acabou [SC *t<sub>i</sub>* por enfurecer os participantes]].

Os exemplos de (55) a (59) ilustram (ii), mostrando o sujeito da oração subordinada não alçado, com um sujeito expletivo nulo representado à esquerda de *acabar*:

- (55) [IP [øexpl] Acabou [CP que o João foi parar na cadeia]].
- (56) [IP [øexpl] Acabou [CP que eu virei dono de restaurante]].
- (57) [IP [øexpl] Acabou [CP que o João ficou furioso]].
- (58) [IP [øexpl] Acabou [CP que o João foi enfurecido pela Ana]].
- (59) [IP [øexpl] Acabou [CP que a demora da reunião enfureceu os participantes]].

Os exemplos de (60) a (64) são representativos de (iii), na medida em que apresentam o alçamento do sujeito da encaixada para a posição à esquerda de *acabar*, além da flexão dos verbos da oração principal e da oração subordinada (hiperalçamento. (cf. Ferreira 2000)):

---

<sup>12</sup> Nesses exemplos, alguns dos sujeitos tiveram pessoa e número alterados para evidenciar a concordância do verbo *acabar* com o sujeito alçado. Além disso, todas as representações são abreviadas, não exibindo os passos completos da derivação de cada sentença. Estamos usando o rótulo *SC* (do inglês *Small Clause*) para generalizarmos a proposição selecionada por *acabar*, uma vez que nem todas poderiam ser chamadas de *InfP*, como nos exemplos adotados por Henriques (2008).

- (60) [IP Os homens<sub>i</sub> acabaram [CP que t<sub>i</sub> foram parar na cadeia]].
- (61) [IP Eu<sub>i</sub> acabei [CP que t<sub>i</sub> virei dono de restaurante]].
- (62) [IP O João<sub>i</sub> acabou [CP que t<sub>i</sub> ficou furioso]].
- (63) [IP O João<sub>i</sub> acabou [CP que t<sub>i</sub> foi enfurecido pela Ana]].
- (64) [IP Os rumos da reunião<sub>i</sub> acabaram [CP que t<sub>i</sub> enfureceram os participantes]].

Finalmente, estruturas com o sujeito da oração encaixada deslocado para uma posição externa à sentença, sem uma relação de concordância com o verbo de alçamento, como descritas em (iv) acima, também ocorrem com o verbo *acabar*:

- (65) [TopP Os homens<sub>i</sub> [IP [øexpl] acabou [CP que [ø]<sub>i</sub> foram parar na cadeia]]].
- (66) [TopP Eu<sub>i</sub> [IP [øexpl] acabou [CP que [ø]<sub>i</sub> virei dono de restaurante]]].
- (67) [TopP O João<sub>i</sub> [IP [øexpl] acabou [CP que [ø]<sub>i</sub> ficou furioso]]].
- (68) [TopP O João<sub>i</sub> [IP [øexpl] acabou [CP que [ø]<sub>i</sub> foi enfurecido pela Ana]]].
- (69) [TopP Os rumos da reunião<sub>i</sub> [IP [øexpl] acabou [CP que [ø]<sub>i</sub> enfureceram os participantes]]].

Para finalizar, uma última propriedade que observamos:

- f) as sentenças com o verbo *acabar* apresentam algumas semelhanças, mas também diferenças, em relação às passivas com *get*, do inglês, às passivas com *krijgen*, do holandês, e às passivas com *kriegen*, do alemão.

Alexiadou (2005) analisa as passivas com *get*, como no exemplo em (70), que, em princípio, se assemelha à sentença com *acabar* em (71):

- (70) John got killed in an accident  
John get *pass.* morrer *part.* em um acidente.

(Alexiadou, 2005, p. 13)

- (71) O João acabou morto em um acidente.

Pretendemos observar as características dessas passivas com *get* e verificar em que medida pode-se, de fato, estabelecer um paralelo entre elas e as sentenças com *acabar* em foco neste trabalho. Além disso, contraporemos aos nossos dados com *acabar*, as passivas com *krijgen*, do holandês, e as passivas com *kriegen* do alemão, tratadas por van Noord & Kordoni (2005), comparadas às passivas com *get*, do inglês.

## 1.2 Conclusões do capítulo

Com o intuito de respondermos a pergunta A, quanto às propriedades sintático-semânticas das sentenças com *acabar* em foco neste trabalho, nesse capítulo apontamos as seguintes propriedades para as sentenças com esse verbo:

- a) São formadas por *acabar* + *sintagma preposicional* / *sintagma nominal* / *adjetivo* / *particípio* / *gerúndio* / *[por] infinitivo*;
- b) Em tais sentenças, se houver realização do sujeito, ele poderá ser interpretado como uma entidade que experiencia alguma situação, ou, em alguns casos, como um evento ou uma entidade que faz com que uma segunda entidade experiencie alguma situação;

- c) Em tais sentenças, *acabar* seleciona apenas um argumento interno, bem como ocorre com verbos inacusativos. Sendo assim, o argumento que aparece na posição de sujeito terá o papel- $\theta$  que lhe é atribuído pela predicação que o seleciona;
- d) Sugerem paráfrases com uma mesma forma nominal do verbo, o gerúndio;
- e) O verbo *acabar* desse grupo de sentenças pode ocorrer nas mesmas estruturas em que ocorre o verbo *parecer*, considerado um representante típico dos verbos de alçamento no PB;
- f) as sentenças com o verbo *acabar* apresentam algumas semelhanças, mas também diferenças, em relação às passivas com *get*, do inglês, às passivas com *krijgen*, do holandês, e às passivas com *kriegen*, do alemão.

O verbo *acabar* está selecionando uma proposição em todos esses exemplos de (1) a (6), e o sujeito lógico da predicação que representa essa proposição parece alçar para a posição de sujeito superficial. Além disso, a entidade que experiencia a situação é o sujeito lógico das predicções que são complementos de *acabar* nas sentenças de (1) a (4), e é o objeto lógico do verbo que denota o evento referente a essa situação, nas sentenças (5) e (6).

Observamos que, de modo mais geral, as sentenças com *acabar* parecem trazer uma leitura não-agentiva. Associamos a possibilidade de realização de *ser/ficar*, na forma gerundiva, nas paráfrases para as sentenças em estudo a tal leitura, uma vez que esses auxiliares são comumente formadores de construções passivas e tais construções também não são agentivas. Essas propriedades nos fazem querer buscar mais conhecimento sobre a estrutura e as características de construções passivas, para que possamos avaliar se um tratamento parecido para tais sentenças seria viável com o verbo *acabar*. Investigaremos, então, se as sentenças (3) e (4) podem, além de trazer uma leitura não-agentiva, apresentar uma estrutura de voz passiva, já que as duas sentenças em questão parecem se aproximar

bastante do que é chamado na literatura de passiva adjetiva (auxiliar *ficar* + *particípio* / *adjetivo*) e passiva eventiva (auxiliar *ser* + *particípio*), respectivamente. Esse estudo será desenvolvido no capítulo 2.

Verificamos que, por um lado, são muitas as possibilidades de complementos que aparecem nas proposições selecionadas por *acabar*, fazendo com que esse verbo se diferencie de verbos auxiliares do PB. Por outro lado, as paráfrases com uma forma gerundiva, como as ilustradas acima, de (33) a (37), podem ser um indício de que há um verbo implícito nessas sentenças. Se tal verbo implícito for postulado, poderemos dar um tratamento para *acabar* como um verbo auxiliar do tipo aspectual (devido à leitura de *no final das contas...* que vimos mais acima) formador de perífrases. Por conta de contradições como essas, faz-se necessário um estudo sobre critérios de auxiliaridade e uma busca por tratamentos mais apropriados para esse verbo. Esse estudo será aprofundado no capítulo 3.

Além das propriedades acima, observamos, ainda, que, as sentenças com *acabar* parecem ser construções portadoras de um traço [+dinâmico], considerando-se a sentença como um todo. Essa possibilidade decorre da leitura de que *no final das contas a situação terminou de tal forma*, que mostra que sempre haverá um evento e, no fim, um resultado desse evento. Isso se dá em oposição ao que vimos com as paráfrases de (42) a (44), repetidas abaixo, ou mesmo com suas formas originais de (1) a (3), sem *sendo/ficando*, com a proposição que *acabar* seleciona com leitura [-dinâmica]. Precisaremos verificar como será possível obter uma leitura [+dinâmica] para essas sentenças:

- (72) O João acabou **\*sendo/ficando** na cadeia.
- (73) O João acabou **sendo/\*ficando** dono de restaurante.
- (74) A Ana demorou tanto que o João acabou **\*sendo/ficando** furioso.

O estudo desse ponto também se encontra no capítulo 3, onde analisaremos se haverá necessidade de postularmos dois subgrupos: um primeiro, constituído pelas sentenças de (1) a (3), que apresentam complementos [-dinâmicos]; o segundo se constituiria das sentenças de (4) a (6), cujos complementos são [+dinâmicos].

Finalmente, apontamos que Henriques (2008) propõe quatro possibilidades estruturais para as construções com *parecer*, e trata esse verbo como o único a formar essas quatro possibilidades. Para ele, *acabar* só ocorre em construções de alçamento padrão ou sem alçamento. Porém, já observamos que as quatro possibilidades estruturais para construções de alçamento apontadas por esse autor se verificam, igualmente, para as sentenças com *acabar* no PB. No capítulo 4, verificaremos se há possibilidade de tratar o verbo *acabar* como um verbo de alçamento, e buscaremos mostrar se as propriedades apontadas no capítulo 2 para as construções passivas têm alguma coisa a ver com o tratamento de alçamento para essas sentenças. Veremos que van Noord & Kordoni (2005), que analisa as passivas com *krijgen*, do holandês, e com *kriegen* do alemão, tratam essas passivas como estruturas de alçamento. Com base nesses trabalhos, buscaremos um paralelo entre as construções com *acabar*, as estruturas de alçamento, e as construções passivas.



## 2. As sentenças com *acabar* vs. construções passivas

Neste capítulo, buscamos responder as questões em B, repetidas abaixo:

- B. A leitura não-agentiva observada para essas sentenças permite que elas sejam tratadas como construções passivas, ou seja, tais sentenças apresentam propriedades típicas de construções passivas?
  - B1. Como esse tipo de construções com *acabar* do PB se compara às construções com *get* do inglês, descritas como passivas em Alexiadou (2005)?
  - B2. E como se comparam às construções com *krijgen* ou com *kriegen*, do holandês e do alemão, descritas por van Noord & Kordoni (2005) como passivas, sendo elas construções diferentes das passivas com *get* do inglês?

A descrição que fizemos até o momento para as sentenças com *acabar* revelou a possibilidade de uma interpretação não-agentiva para o sujeito dessas sentenças. Sem assumir que se tratavam de estruturas passivas, no capítulo 1 nos referimos a elas como sentenças de leitura não-agentiva. Neste capítulo, buscamos mostrar se o verbo *acabar* que ajuda a compor essa leitura pode ser tratado como formador de voz passiva.

Resumidamente, em 2.1 mostraremos o trabalho de Jaeggli (1986) e tentaremos mostrar se as propriedades apontadas para as passivas na literatura estão presentes nas

construções com *acabar*; em 2.2, ainda com o intuito de verificarmos se algumas das construções com *acabar* podem ou não ser tratadas como passivas, ou ainda, apresentar algumas características típicas de tais construções, mostraremos as semelhanças e diferenças entre, por um lado, as passivas com *get* do inglês, apresentadas em Alexiadou (2005), as passivas com *krijgen*, do holandês, e com *kriegen*, do alemão, apresentadas em van Noord & Kordoni (2005), e, por outro, as sentenças com *acabar* do PB em foco nesta pesquisa. Finalmente, em 2.3, apresentaremos as conclusões do capítulo.

## 2.1 As sentenças com *acabar* são passivas?

Nesta seção, esboçaremos uma análise para as sentenças com *acabar* em foco neste trabalho, como vimos de (1) a (6) e repetimos abaixo:

- (75) O João acabou **na cadeia**.
- (76) O João acabou **dono de restaurante**.
- (77) A Ana demorou tanto que o João acabou **furioso**.
- (78) O João acabou **enfurecido** pela Ana.
- (79) A demora da reunião acabou **enfurecendo** os participantes.
- (80) A demora da reunião acabou **por enfurecer** os participantes.

Esse esboço de análise será feito com o intuito de verificarmos se tais sentenças apresentam ou não o comportamento descrito na literatura para as construções passivas, como mostraremos com o trabalho de Jaeggli (1986), na subseção abaixo.

Investigaremos, principalmente, se as sentenças (3) e (4) podem, além de trazer uma leitura não-agentiva, apresentar uma estrutura de voz passiva, pois essas duas sentenças, em

especial, parecem se aproximar do que é chamado na literatura de passiva adjetiva (auxiliar *ficar* + *particípio / adjetivo*) e passiva eventiva (auxiliar *ser* + *particípio*), em relação ao tipo de complemento que apresentam. Tentaremos estender esse tratamento para as sentenças em (1) e (2), que além de trazerem uma leitura não-agentiva, apresentam complementos que teriam em comum o fato de denotarem uma propriedade, bem como ocorre nas passivas adjetivas; e para as sentenças em (5) e (6) que também apresentam uma leitura não-agentiva, bem como ocorre com as sentenças passivas, e completam os dados em foco nesta dissertação.

### 2.1.1 Jaeggli (1986)

Nesse trabalho, desenvolvido dentro da teoria da Gramática Gerativa e seguindo o modelo de Princípios & Parâmetros, Jaeggli propõe uma análise modular para as construções passivas e mostra as propriedades centrais dessas construções e como elas se manifestam na gramática da língua inglesa.

O autor diz que “as construções passivas são simplesmente o resultado da interação de certas operações sintáticas e morfológicas” (Jaeggli, 1986, p. 587)<sup>13</sup>. Ele indica três propriedades definidoras das passivas do inglês, tendo as duas primeiras sido apontadas por Chomsky (1981), que assume que a morfologia passiva bloqueia a atribuição de papel- $\theta$  externo à posição de sujeito:

- 1- [NP,S] não recebe papel- $\theta$ ;
- 2- [NP,VP] não recebe Caso dentro do VP; e,

---

<sup>13</sup> Tradução nossa.

3- um NP em uma *by-phrase* na passiva é interpretado como tendo o papel- $\theta$  externo de um predicado passivizado. (Jaeggli, 1986, p. 587 e 599)

Jaeggli afirma que um verbo na passiva envolve a absorção do papel- $\theta$  externo do verbo e sugere uma caracterização restritiva para esse processo de absorção. Mostra, ainda, que esse verbo não pode atribuir Caso objetivo.

Quanto à primeira propriedade, o autor diz que [NP,S] não recebe papel- $\theta$  porque o sufixo da passiva *-en* funciona como recipiente do papel- $\theta$  do predicado. Uma vez que o papel- $\theta$  é atribuído para o sufixo da passiva ele não pode mais ser atribuído à posição [NP,S]. Ele mostra que essa propriedade pode ser observada diretamente nas construções passivas onde a anteposição do sujeito não ocorre, como em (81), em que o expletivo, *it*, ocupa a posição [NP,S] que não recebe um papel- $\theta$ :

(81) It was believed that the conclusion  
*expl. ser pass.3p.sg. acreditar part. que a conclusão*  
was false.  
*ser pass.3p.sg. falsa.* (Jaeggli, 1986, p. 590)

O autor assume que o sufixo *-en* requer a atribuição do papel- $\theta$  externo e essa é uma característica sintático-morfológica definidora das construções passivas. Dessa maneira, apenas verbos que atribuem (ou participam da atribuição de) papel- $\theta$  externo podem passivizar, indicando que verbos de alçamento, como *seem*, em *\*John was seemed to have left*, não passivizam, pois não atribuem um papel- $\theta$  externo.

Jaeggli diz que a segunda propriedade pode ser interpretada analogamente à propriedade de absorção do papel- $\theta$ . O sufixo da passiva recebe o Caso objetivo, que sendo

atribuído ao sufixo, já não pode ser relacionado a um NP em posição de objeto. O autor diz que essa propriedade pode ser observada no inglês, como em (82), mas não em línguas como o espanhol ou italiano, como em (83) e (84), respectivamente:

- (82) The rat was killed by the cat.  
O rato ser *pass.3p.sg.* morrer *part.* por o gato.

(Jaeggli, 1986, p. 587)

- (83) Le fue entregado un libro a María por  
Para+ela ser *pass.3p.sg.* entregar *part.* um livro para Maria por  
Pedro.  
Pedro.

Um livro foi entregue para a Maria pelo Pedro. (Jaeggli, 1986, p. 593)

- (84) Ne furono riconosciuti molti.  
De+eles ser *pass.3p.pl.* reconhecer *part.* muitos.

Muitos deles foram reconhecidos. (Jaeggli, 1986, p. 593)

Em (82), o sufixo da passiva, genericamente representado por *-en*, funciona como recipiente do papel- $\theta$  do predicado que, uma vez atribuído para ele, não pode mais ser atribuído à posição [NP,S]. O mesmo sufixo também recebe o Caso objetivo do predicado, que, sendo atribuído a ele, já não pode ser relacionado a um NP em posição de objeto. Assim, o argumento na posição [NP,S], *the rat*, tem o papel- $\theta$  que o predicado *kill* atribui para a posição [NP, VP], ou seja, o sujeito na superfície de uma sentença passiva corresponde ao

objeto lógico do verbo; e quanto ao Caso, [NP,VP], *the rat*, não recebe Caso dentro do VP, já que o Caso foi atribuído ao sufixo da passiva, e, portanto, se move e recebe Caso da flexão *I*.

No exemplo do espanhol em (83), *le* está recebendo Caso da flexão *I*, *Maria* recebe Caso oblíquo da preposição *a*, e *Pedro* recebe Caso oblíquo da preposição *por*. Se a sentença é bem formada, será necessário dizer que *un libro* recebe um Caso e o único atribuidor disponível na sentença é o verbo. Assim, nessa língua um NP pode receber Caso dentro do VP, indicando que o sufixo da passiva não recebe o Caso objetivo, como acontece no inglês. O mesmo se dá no exemplo do italiano, em (84), em que *ne* está recebendo Caso da flexão *I*, e *molti* está recebendo Caso do predicado, ou seja, se um NP está recebendo Caso dentro do VP, nessa língua também não há atribuição de Caso objetivo para o sufixo da passiva.

Os NPs em (83) e (84) estão na posição [NP,VP] (não se trata de inversão). No entanto, esses NPs recebem Caso nominativo, o que é possível, pois, nessas línguas, o NP dentro do VP pode receber Caso nominativo. Como evidência, o autor mostra sentenças ativas do espanhol, como (85) e (86), em que há NPs específicos animados na posição [NP,VP] sugerindo que o Caso marcado para essa posição nas sentenças passivas não é Caso objetivo.

(85) Llegó                      Juan.

Chegar *pass.3p.sg.*      Juan.

Juan chegou.

(Jaeggli, 1986, p. 594)

(86) Le                      gustan                      las      manzanas      a      Juan.

Para+ele      gostar *pres.3p.sg.*      as      maçãs      para      Juan.

Juan gosta de maçãs.

(Jaeggli, 1986, p. 594)

Em (85), *Juan* está recebendo Caso nominativo, mesmo dentro do VP. E em (86), *las manzanas* também recebe Caso nominativo. Jaeggli mostra que, no espanhol, NPs específicos animados na posição [NP,VP] são evidências de que o Caso nessa posição não é Caso objetivo, como em (87):

- (87) Vimos \*(a) Juan.  
ver *pass. 1p.pl.* \*(para) Juan.  
Vimos (\*para) Juan. (Jaeggli, 1986, p. 594)

Nas estruturas transitivas, NPs específicos animados que recebem Caso objetivo são sempre precedidos por *a*. Essa marca obrigatoriamente não aparece nas passivas, como em (88):

- (88) En la fiesta fue presentada (\*a) María por  
Em a festa ser *pass. 1p.sg.* apresentar *part.* (\*para)María por  
su padre.  
seu pai.  
Na festa, fui apresentada (para) a María por seu pai. (Jaeggli, 1986, p. 594)

Através desses exemplos, o autor mostra que essa segunda propriedade crucial das passivas deve ser apresentada de forma um pouco diferente. O autor reformula 2 como 2':

2' - [NP,VP] não recebe Caso verbal.

Caso objetivo é Caso verbal, mas Caso nominativo não é. Assim, o NP na posição [NP,VP] em (88), *María*, recebe Caso nominativo dentro do VP, que não é Caso verbal, ficando assim de acordo com 2’.

Quanto à terceira propriedade, é incorreto dizer que um NP em uma *by-phrase* na passiva será sempre interpretado como um agente. O NP na *by-phrase* é interpretado como um agente somente quando o papel- $\theta$  externo do predicado da passiva for agente; se o papel- $\theta$  externo do predicado da passiva for fonte, será interpretado como fonte, e assim por diante, como mostram os exemplos a seguir:

- (89) a. Bill was killed by Mary. (Agent)  
 Bill ser *pass.3p.sg.* morrer *part.* por Mary. (Agente)
- b. The package was sent by John. (Source)  
 O pacote ser *pass.3p.sg.* enviar *part.* por John. (Fonte)
- c. The letter was received by Bill. (Goal)  
 A carta ser *pass.3p.sg.* receber *part.* por Bill. (Alvo)
- d. That professor is feared by all the  
 Aquele professor ser *pres.3p.sg.* temer *part.* por todos os  
 students. (Experiencer)  
 alunos. (Experienciador) (Jaeggli, 1986, p. 599)

A primeira propriedade diz que [NP,S] não recebe papel- $\theta$ , e vimos que isso ocorre porque o sufixo da passiva *-en* funciona como recipiente do papel- $\theta$  do predicado. Jaeggli



assume que o sufixo da passiva *-en* é crucialmente envolvido na transferência do papel- $\theta$  externo para o NP que está na *by-phrase* em uma construção passiva. O sufixo funciona como um atribuidor de papel- $\theta$  para aquele NP. Se ele falhar na transferência do papel- $\theta$  externo, o NP na *by-phrase* da passiva viola o Critério- $\theta$ .

Não é a preposição *by* que está atribuindo papel- $\theta$ , pois ela só é capaz de atribuir os papéis- $\theta$ s locativo e instrumental, o que traria uma interpretação diferente da interpretação passiva para uma sentença como (90):

- (90) John was killed by Bill.  
John ser *pass.3p.sg.* morrer *part.* por Bill. (Jaeggli, 1986, p. 600)

Se considerarmos que a preposição *by* está atribuindo papel- $\theta$  para *Bill*, essa sentença seria interpretada como *Someone killed John in the vicinity of / next to Bill. Bill* só é interpretado como agente se o papel- $\theta$  externo de *kill* for transferido para *Bill* pelo sufixo da passiva.

Considerando essas propriedades centrais da passivas da língua inglesa, apontadas por Jaeggli (1986), tentaremos responder, na seção seguinte, as questões colocadas em B, já repetidas acima.

### 2.1.2 As sentenças com *acabar* e as passivas

Primeiramente, repetimos de (91)a a (96)a, abaixo, os exemplos que apresentamos de (1) a (6), acrescidos de alguns outros exemplos, de (91)b a (96)b. Nosso intuito é preparar os dados para as verificações que seguem.

- (91) a. O João **acabou na cadeia**.  
b. A Maria planejou um ótimo fim de semana, mas **acabou em casa**.
- (92) a. O João **acabou dono de restaurante**.  
b. A Maria **acabou diretora da empresa**.
- (93) a. A esposa demorou tanto que o João **acabou furioso**.  
b. O cabo de energia **acabou torto**.
- (94) a. O João **acabou enfurecido** pela esposa.  
b. O cabo de energia **acabou entortado** pelo técnico.
- (95) a. A demora da reunião acabou **enfurecendo** os participantes.  
b. A Maria acabou **quebrando** todos os cristais.
- (96) a. A demora da reunião acabou **por enfurecer** os participantes.  
b. A Maria acabou **por quebrar** todos os cristais.

Vimos, na seção 2.1, que as propriedades para formação de sentenças passivas que Jaeggli apresenta são as seguintes:

1- [NP,S] não recebe papel- $\theta$

2'- [NP,VP] não recebe Caso verbal (reformulação de 2 para dar conta das passivas do espanhol e italiano); e,

3- um NP em uma *by-phrase* na passiva é interpretado como tendo o papel- $\theta$  externo de um predicado passivizado.

Tendo em mente essas características, verificaremos se as sentenças com *acabar* em foco nesta dissertação apresentam as mesmas propriedades apontadas por Jaeggli para as passivas do inglês<sup>14</sup>. Para avaliar o estatuto das sentenças com *acabar* como passiva, começaremos admitindo que isso seja, de fato, comprovável.

Primeiramente, considerando as sentenças nos exemplos de (91) a (96), que incluem nossos dados iniciais de (1) a (6), observamos que a primeira propriedade se verifica, pois, não há atribuição de papel- $\theta$  para o NP na posição de sujeito nessas sentenças. Vimos, no capítulo 1, que um tratamento de alçamento parece ser possível para essas sentenças. Ora, se *acabar* pode comportar-se como um verbo de alçamento é porque ele não atribui papel- $\theta$  para [NP,S], pois não seleciona um argumento externo. Nesse caso, *acabar* seleciona apenas um argumento interno, uma proposição, como nos exemplos em (97), que serão mais bem explorados no capítulo 4, dedicado a discutir questões sobre alçamento.

- (97) a. acabou [o João na cadeia].  
b. acabou [a Maria em casa].  
c. acabou [o João dono de restaurante].  
d. acabou [a Maria diretora da empresa].  
e. acabou [o João furioso].  
f. acabou [o cabo de energia torto].  
g. acabou [o João enfurecido pela esposa].  
h. acabou [o cabo de energia entortado pelo técnico].

---

<sup>14</sup> Essas são, também, as propriedades mais gerais das passivas nas línguas naturais.

- i. acabou [a demora da reunião enfurecendo os participantes].
- j. acabou [a Maria quebrando todos os cristais].
- k. acabou [a demora da reunião por enfurecer os participantes].
- l. acabou [a Maria por quebrar todos os cristais].

Assim, o NP que aparece na posição de sujeito recebe seu papel- $\theta$  na posição em que é gerado, ou seja, como argumento externo do predicado que está na proposição selecionada por *acabar*, nos exemplos de (97)a-f e (97)i-l, e como argumento interno desse predicado, como nos exemplos em (97)g/h.

A segunda propriedade – *[NP,VP] não recebe Caso verbal* – também parece se verificar para os dados de (91) a (96). Observamos que *O João, a Maria, o cabo de energia, ou a demora da reunião* nos exemplos em (97), por exemplo, alçam para receber Caso da flexão, ou seja, Caso nominativo, que não é Caso verbal. Voltaremos a esse ponto também no capítulo 4.

Considerando a terceira propriedade das passivas descritas por Jaeggli – *um NP em uma by-phrase na passiva é interpretado como tendo o papel- $\theta$  do argumento externo de um predicado passivizado* – como já observamos acima, nas sentenças em análise, *acabar* não seleciona argumento externo; logo se essas sentenças puderem conter uma *by-phrase*, seu NP deverá ser interpretado como tendo o papel- $\theta$  do argumento externo do predicado passivizado. A previsão que decorre dessa observação será a de que a *by phrase* não poderá ocorrer nos casos em que o predicado ao qual a passivização deve se aplicar não contém um verbo transitivo explícito. De fato, como vemos abaixo, tal previsão se confirma se o complemento de *acabar* se constituir de um predicado formado por uma *small clause* sem verbo explícito ou com um verbo intransitivo, inergativo ou inacusativo:

- (98) a. O João **acabou na cadeia** (\*pela esposa).  
b. A motorista **acabou na praia** (\*pelo marido).  
c. O João **acabou dono de restaurante** (\*pela Maria).  
d. A Maria **acabou diretora da empresa** (\*pela mãe).  
e. A esposa demorou tanto que o João **acabou furioso** (\*pela esposa).  
f. O cabo de energia **acabou torto** (\*pelo técnico).  
g. O João acabou dormindo (\*pela babá).  
h. O João acabou sumindo (\*pelo mágico).

A má formação de (98)a-h decorre, portanto, da ausência de um verbo transitivo na proposição selecionada por *acabar*. Os predicados no complemento de *acabar* nos exemplos acima, que selecionam um único argumento, são predicados que denotam propriedades e o único argumento que eles selecionam é alçado para a posição de sujeito superficial da sentença. Dessa forma, não seria possível repeti-los em uma *by-phrase*.

De modo paralelo, há casos em que sentenças nas quais *acabar* seleciona uma *small clause* com verbo transitivo também não admitem a presença de uma *by-phrase*. Trata-se, exatamente, dos casos em que o argumento externo selecionado pelo complemento de *acabar* é alçado para a posição de sujeito:

- (99) a. A demora da reunião acabou **enfurecendo** os participantes (\*pelo chefe).  
b. A Maria acabou **quebrando** todos os cristais (\*pela Ana).  
c. A demora da reunião acabou **por enfurecer** os participantes (\*pelo chefe).  
d. A Maria acabou **por quebrar** todos os cristais (\*pelo João).

Nos exemplos de (99)a-d, *enfurecendo*, *quebrando*, *por enfurecer* e *por quebrar* são predicados que selecionam dois argumentos, um interno e outro externo, porém, esses dois argumentos já estão expressos nas sentenças. Assim, a presença da *by-phrase* nesses quatro exemplos não é possível, pois o argumento externo selecionado pelo predicado já está na sentença, na posição de sujeito, e o NP na *by-phrase* não é selecionado.

A única possibilidade de expressão de uma *by-phrase* em sentenças com *acabar se* verificará quando: i) o complemento desse verbo for uma *small clause* formada por um verbo transitivo; ii) o argumento interno desse predicado for alçado para a posição de sujeito da sentença; e iii) o argumento externo desse predicado não estiver realizado.

(100) a. O João **acabou enfurecido/morto** (pela esposa).

b. O cabo de energia **acabou entortado** (pelo técnico).

Mas porque (100)a/b são exemplos gramaticais com uma *by-phrase*? Essa gramaticalidade nos autoriza a tratar esses casos de sentenças com *acabar*, e só esses, como passivas, de acordo com os critérios de Jaeggli (1986)? Para que as sentenças com *acabar* sejam tomadas como passivas, devemos esperar que os predicados envolvidos, os que formam a proposição complemento de *acabar*, contenham verbos que selecionam argumentos externos, que possam ser passivizados e que tal argumento externo não se realize na sentença, a não ser na *by-phrase*. Os NPs das *by-phrases*, então, receberão os mesmos papéis temáticos que seriam atribuídos aos argumentos externos desses predicados. Em (100)a, o predicado *enfurecido* seleciona dois argumentos, um externo, *a esposa*, e outro interno, *o João*. O NP *a esposa* aparece na *by-phrase* e tem o papel- $\theta$  mais geral de *originador*, o mesmo papel- $\theta$  que teria em uma sentença na voz ativa, como:

(101) A esposa enfureceu o João.

No exemplo (100)b, o mesmo se dá. O predicado *entortado* seleciona dois argumentos, um externo, *o técnico*, e outro interno, *o cabo de energia*, o primeiro deles aparecendo na *by-phrase*, com o papel- $\theta$  de *originador*, o mesmo papel- $\theta$  que teria em uma sentença na voz ativa, como:

(102) O técnico entortou o cabo de energia.

Em (100)a/b, o sujeito superficial da sentença é, na verdade, o objeto lógico de *enfurecido/entortado*.

Observamos que os dois exemplos em (100) apresentam o prefixo *en-* que parece implicar a causatividade, implicando também a presença de um argumento externo para esses exemplos. Observamos, ainda, que esses exemplos apresentam uma proposição na voz passiva selecionada como único argumento de *acabar*. Como vemos em (103)b/d, as paráfrases para aquelas sentenças são gramaticais com *sendo*:

- (103) a. O João **acabou enfurecido** pela esposa.  
b. O João acabou **\*ficando/sendo enfurecido** pela esposa.  
c. O cabo de energia **acabou entortado** pelo técnico.  
d. O cabo de energia acabou **\*ficando/sendo entortado** pelo técnico.

Isso sugere que é essa proposição que está na voz passiva, já que *ser* é um verbo auxiliar formador de voz passiva eventiva. Sendo assim, a presença de uma *by-phrase* na sentença com *acabar* é autorizada pela proposição passiva que está no complemento daquela

sentença e não na sentença com *acabar*, ela mesma. Exatamente como ocorre nas passivas, a *by-phrase* dos exemplos acima contém um NP com o mesmo papel- $\theta$  do argumento externo selecionado pelo predicado na posição de complemento de *acabar*. Por esse motivo, mesmo com a presença de uma *by-phrase* não podemos afirmar que as construções com *acabar* sejam passivas.

Voltando às três propriedades apresentadas por Jaeggli, o fato de a primeira e a segunda dessas propriedades se verificarem para todas as sentenças com *acabar* e de a terceira delas só se aplicar a um caso específico, não nos permite estabelecer uma correlação estrutural definitiva entre esse tipo de sentenças e as construções passivas. No entanto, não se pode perder de vista o fato de que os sujeitos dessas sentenças com *acabar* podem ter uma interpretação geral de entidade que experiencia alguma situação, que é uma leitura que parece estar por trás das construções passivas mais comuns, como em (104), abaixo:

- (104) a. O João foi morto pela Maria.  
b. A porta foi fechada pela professora.  
c. A Maria foi arrastada pelo ônibus.  
d. O João ficou triste (\*pela Maria)<sup>15</sup>.

Sendo assim, um primeiro esboço de análise poderia aproximar as sentenças com *acabar* das passivas em geral, eventivas e adjetivas, como aquelas em (104), em sua leitura, mas não, necessariamente, em sua estrutura.

O que aproxima os dois tipos de sentenças estruturalmente são as duas primeiras propriedades apontadas por Jaeggli (1986) para construções passivas, na medida em que o NP

---

<sup>15</sup> O conteúdo entre parênteses seria gramatical nessa sentença se fosse interpretado como: *O João ficou triste pelo que aconteceu com a Maria*. Mas não é gramatical em uma leitura gerada pela presença de uma *by-phrase*.



na posição de sujeito, nos dois casos, não recebe papel- $\theta$  nessa posição e o NP na posição de complemento de VP, nos dois casos, não recebe Caso verbal.

Cabe observar, no entanto, que, enquanto nas construções passivas a primeira propriedade ocorre por conta da morfologia da passiva, que absorve esse papel- $\theta$ , de acordo com Jaeggli, podemos afirmar que, nas sentenças com *acabar*, a mesma propriedade se apresenta, mas por razões diferentes. O NP na posição de sujeito não recebe papel- $\theta$  nessa posição nas construções com *acabar* porque, nesse tipo de sentenças, esse verbo parece se comportar como um verbo inacusativo, ou seja, seleciona apenas um argumento, no caso, um argumento interno, uma proposição. No entanto, ao se mover para a posição de sujeito da sentença, o NP em questão já sai da posição que preenche em seu predicado original com seu papel- $\theta$  atribuído por esse predicado. Não há absorção de papel- $\theta$  por morfologia verbal nesse caso.

De modo paralelo, se, para Jaeggli, nas construções passivas a segunda propriedade ocorre porque o sufixo da passiva recebe o Caso objetivo do predicado, que sendo atribuído ao sufixo, já não pode ser relacionado a um NP em posição de objeto, podemos afirmar, novamente, que, nas sentenças com *acabar*, a mesma propriedade se apresenta, mas por razões diferentes. O NP na posição de complemento de VP não recebe Caso nas construções com *acabar* porque esse NP é argumento do predicado na proposição selecionada por *acabar*,<sup>16</sup> assim, esse NP alça para a posição de sujeito superficial onde recebe Caso Nominativo da flexão e satisfaz EPP.

---

<sup>16</sup> Em algumas circunstâncias, um núcleo pode atribuir Caso a argumentos de outro núcleo, um processo de marcação casual conhecido como Marcação Excepcional de Caso. É, portanto, pertinente perguntar por que estamos assumindo que o verbo *acabar* não realiza marcação excepcional de Caso no DP argumento externo do predicado que é seu complemento. A resposta pode estar na má-formação da sentença em que esse DP ocorre em posição pós-verbal, ou, ainda, na má-formação de sentenças em que um pronome acusativo substitui esse DP, nos dois casos, sentenças que, se fossem gramaticais, evidenciariam a marcação de Caso verbal sobre esse DP:

- |      |   |  |
|------|---|--|
| i.   | *Acabou o João <b>na cadeia</b> .                       | *Acabou-o <b>na cadeia</b> .                       |
| ii.  | *Acabou o João <b>dono de restaurante</b> .             | *Acabou-o <b>dono de restaurante</b> .             |
| iii. | *A Ana demorou tanto que acabou o João <b>furioso</b> . | *A Ana demorou tanto que acabou-o <b>furioso</b> . |

Uma vez que essas mesmas propriedades se verificam nos dois casos por razões diferentes, e que a terceira propriedade só se verifica para um caso específico, então, não podemos assumir que *acabar* tenha a mesma estrutura sintática das passivas.

Observamos que, se *acabar* for tratado como um verbo inacusativo que permite uma análise sintática de alçamento, ainda assim, em sentenças em que esse verbo ocorre, poderemos perceber as características que coincidem com aquelas apresentadas para a passiva, que leva a uma leitura não-agentiva para essas sentenças. Ou seja, ambas as construções podem apresentar sujeitos com leitura não-agentiva por conta do fato de que tanto o verbo da passiva quanto o verbo *acabar* não selecionam argumento externo. Além disso, as várias possibilidades de complementos que *acabar* apresenta já diferem bastante o padrão das sentenças em que ocorre do padrão que é observado para as construções passivas no PB.

Dessa forma, parece que, de fato, apenas a leitura não-agentiva para o sujeito superficial será uma propriedade comum entre construções passivas e construções com *acabar* no PB. Na próxima seção, no entanto, ampliaremos essa discussão comparando o único caso das sentenças com *acabar* em que a presença da *by-phrase* se verificou, exemplos como (4), bem como exemplos do tipo de (3), ambos repetidos abaixo em (105) e (106), respectivamente, com sentenças aparentemente semelhantes em outras línguas.

(105) O João acabou enfurecido pela esposa.

(106) O João acabou furioso.

---

iv. \*Acabou o João **enfurecido** pela Ana.

v. \*Acabou a demora da reunião **enfurecendo** os participantes.

vi. \*Acabou a demora da reunião **por enfurecer** os participantes.

\*Acabou-o **enfurecido** pela Ana.

\*Acabou-a **enfurecendo** os participantes.

\*Acabou-a **por enfurecer** os participantes.

## 2.2 As passivas com get do inglês, com krijgen do holandês, com kriegen do alemão e as sentenças com acabar

Nesta seção, ainda com o intuito de verificarmos se algumas das construções com *acabar* podem ou não ser tratadas como passivas, ainda que de um tipo não tradicional, ou mesmo, apresentar características típicas de construções passivas, mostraremos as semelhanças e diferenças entre as passivas com *get* do inglês, apresentadas em Alexiadou (2005), as passivas com *krijgen*, do holandês, e com *kriegen*, do alemão, apresentadas em van Noord & Kordoni (2005), para, em seguida, contrapormos a esses dados as sentenças com *acabar* do PB em foco nesta dissertação.

### 2.2.1 Alexiadou (2005)

A autora mostra que a passiva com *get* é formada por um verbo leve, *get*, que recebe como complemento um particípio estativo (um adjetivo) ou um particípio resultativo, como vemos a seguir:

- |       |    |                  |                  |                       |
|-------|----|------------------|------------------|-----------------------|
| (107) | a. | The mailbox      | got              | empty.                |
|       | A  | caixa de correio | get <i>pass.</i> | vazia.                |
|       | b. | The mailbox      | got              | emptied.              |
|       | A  | caixa de correio | get <i>pass.</i> | esvaziar <i>part.</i> |

(Alexiadou, 2005, p. 18)

Alexiadou observa que em muitas línguas um significado de passiva é obtido através de uma construção passiva não tradicional. Ela estuda passivas com *get*, como em (108)b, em oposição às passivas tradicionais, com *be*, que são eventivas, como em (108)a:

(108) a. John        was            killed        in        the        war.  
          John        ser *pass.3p.sg.* morrer *part.* em        a        guerra.

          b. John        got            killed        in        an        accident.  
          John        get *pass.*        morrer *part.* em        um        acidente.

(Alexiadou, 2005, p. 13)

A autora ressalta que a construção com *get* e seus cognatos em outras línguas levanta várias questões tanto sobre a análise das passivas, como sobre a distinção padrão entre núcleos lexicais (verbos plenos) e núcleos funcionais (auxiliares), e a existência potencial de núcleos semi-lexicais. Alexiadou sugere que *get* seja um núcleo semi-lexical no domínio verbal. *Get* será visto como uma variante semi-lexical de um núcleo lexical, pois:

i) por um lado, lhe faltam propriedades de seleção argumental, o que o aproxima da classe dos verbos auxiliares e fica claro contrastando-se os exemplos da autora em (108)b, repetido aqui em (109), com (110) e (111):

(109) John   got            killed        in        an        accident.  
          John   get *pass.*        morrer *part.* em        um        acidente.

(110) Susan got a book.

Susan get *pass.* um livro.

(111) John got Mary blamed for the accident.

John get *pass.* Mary culpar *part.* por o acidente.

(Alexiadou, 2005, p. 13 e 14)

Em (109), *get* não parece licenciar o papel- $\theta$  do sujeito. Porém, nos outros dois exemplos, (110) e (111), nos quais ele funciona como verbo lexical ou pleno e forma construções que são ativa/causativa, respectivamente, ele parece licenciar estrutura argumental.

ii) por outro lado, *get* se comporta mais como um verbo lexical do que como um auxiliar e, sob esse aspecto, *get* mostra um comportamento atípico para auxiliares em vários contextos, incluindo a forma contracta de negativas e formação de interrogativas em inglês.

(112) a. Did he get killed?/

*aux.pass.* *3p.sg.* get *pass.* morrer *part.?!/*

Was he killed/

*ser pass.3p.sg.* *3p.sg.* morrer *part.?!/*

\*Got he killed.

get *pass.* *3p.sg.* morrer *part.*

b. He didn't get killed/

*3p.sg.* *aux.pass.neg.* get *pass.* morrer *part./*

He	wasn't	killed/	
<i>3p.sg.</i>	<i>ser pass.3p.sg.neg.</i>	<i>morrer part./</i>	
*He	gotn't	killed.	
<i>3p.sg.</i>	<i>get aux.pass.neg.</i>	<i>morrer part./</i>	(Alexiadou, 2005, p. 15)

A autora, então, discute as propriedades das passivas com *get* já descritas na literatura. A primeira propriedade apontada mostra que as passivas com *get* não têm argumento externo implícito, uma vez que são incapazes de controlar orações de finalidade e não podem licenciar advérbios volitivos, como nos exemplos abaixo:

(113) a. The ship was sunk [PRO to collect  
o navio *ser pass.3p.sg.* afundar *part.* PRO para pegar *inf.*  
insurance money].  
seguro dinheiro.

b. \*The ship got sunk [PRO to collect  
o navio *get pass.* afundar *part.* PRO para pegar *inf.*  
insurance money]<sup>17</sup>.  
seguro dinheiro.

c. The ship got sunk [for John to collect  
o navio *get pass.* afundar *part.* para John pegar *inf.*  
Insurance money].  
seguro dinheiro. (Alexiadou, 2005, p. 15)

<sup>17</sup> Butler & Tsoulas (2006) afirmam que muitos dos dados apresentados em Alexiadou (2005) como agramaticais, na verdade, são gramaticais. Através da reanálise desses dados, os autores mostram que as passivas com *get* podem ser eventivas. Emonds (2005) tem julgamentos semelhantes para esse tipo de sentença.

(114) a. The book was torn on purpose.  
 o livro ser *pass.3p.sg.* rasgar *part.* de propósito.

b. \*The book got torn on purpose.  
 o livro get *pass.* rasgar *part.* de propósito.

(Alexiadou, 2005, p. 15)

Essa propriedade mostra que o argumento externo do VP não tem realização implícita nas passivas com *get*.

Outra propriedade é que as passivas com *get* são compatíveis com a ação reflexiva, enquanto as passivas com *be* não o são, como nos exemplos abaixo:

(115) a. I got dressed (by my mother or by  
*1p.sg.* get *pass.* vestir *part.* (por minha mãe ou por  
 myself).  
 mim mesmo).

b. I was dressed (only by my mother).  
*1p.sg.* ser *pass.1p.sg.* vestir *part.* (só por minha mãe).

(Alexiadou, 2005, p. 15)

A autora explica que os três testes anteriores, com as orações de finalidade, com os advérbios volitivos, e com a ação reflexiva, nos sugerem que o particípio envolvido, na verdade, forma uma passiva adjetiva.

Uma terceira propriedade mencionada para a passiva com *get* é que, quando comparada à passiva com *be*, a primeira não parece totalmente produtiva, como podemos observar em (116), que mostram que são mal formadas as passivas com *get* com verbos estativos e com verbos que não formam construções com sujeito afetado, pois as passivas com *get* descrevem eventos que têm uma consequência boa ou ruim para o sujeito

- (116) a. \*The truth got known.  
           a      verdade get *pass.* saber *part.*
- b. \*Mary got feared.  
           Mary get *pass.* amedrontar *part.*
- c. \*Mary got followed by a little lamb.  
           Mary get *pass.* seguir *part.* por uma pequena ovelha.
- d. \*Mary got seen.  
           Mary get *pass.* ver *part.*
- e. \*The electricity light got invented.  
           a      eletricidade luz get *pass.* inventar *part.*

(Alexiadou, 2005, p. 17)

Assumindo que os participios das construções com *get* são participios adjetivos, Alexiadou discute o tipo de participio adjetivo que está realmente presente nesta estrutura. Ela mostra que, segundo os trabalhos de Kratzer (2001), Embick (2003) e outros, os participios



adjetivos aparecem em alguns subtipos dependendo de carregarem implicações de evento ou não. Uma maneira de distinguir esses dois tipos de participios vem de suas formas. Enquanto na maior parte dos casos, os participios em inglês são homófonos, também há exemplos nos quais um significado estativo puro, ou seja, um significado destituído de implicações de evento, é mapeado em uma diferente realização fonológica, como mostra (117):

(117) Root	Stative	Other Participles	
1. $\sqrt{\text{ROT}}$	rott-en	rott-ed	
$\sqrt{\text{SINK}}$	sunk-en	sunk	
2. $\sqrt{\text{EMPTY}}$	empty	empti-ed	
$\sqrt{\text{DRY}}$	dry	dri-ed	(Alexiadou, 2005, p. 18)

De qualquer maneira, é possível combinar ambas as formas com *get*. O resultado é que as construções formadas diferem na interpretação, como nos exemplos abaixo:

(118) a. The mailbox	got	empty.
a caixa de correio	get <i>pass.</i>	vazia.
b. The mailbox	got	emptied.
a caixa de correio	get <i>pass.</i>	esvaziar <i>part.</i>

(Alexiadou, 2005, p. 18)

Em (118)a, a caixa de correio se tornou vazia, enquanto que, em (118)b o sujeito de *get* é afetado pelo evento descrito no complemento de *get*, no sentido de que alguém deve ter esvaziado a caixa de correio.

Alexiadou mostra outro teste para evidenciar a natureza eventiva ou não do complemento de *get*, que envolve a distribuição de advérbios. Como podemos ver em (119), o particípio que segue *get* pode ser modificado por advérbios que modificam o estado resultante, mas não pelos advérbios que trazem interpretação de agentividade/intencionalidade:

(119) a. John *got* sloppily dressed.

John *get pass.* ridiculamente vestir *part.*

b. ??The manuscript *got* carefully destroyed.

o manuscrito *get pass.* cuidadosamente destruir *part.*

(Alexiadou, 2005, p. 18)

O fato de que apenas os advérbios orientados ao resultado são realmente gramaticais nas construções com *get* parece sugerir que o complemento de *get* é um particípio que carrega traços de eventividade, semelhante ao que Kratzer chama de *particípio de estado resultante*. No entanto, a autora aponta uma diferença importante entre os particípios resultativos e as construções com *get*: os particípios resultativos não licenciam o agente, a *by-phrase*, mas as passivas com *get* sim.

(120) a. \*John is arrested by the police.

John ser *pres.3p.sg.* deter *part.* por a polícia.

b. John got arrested by the police.  
 John get *pass.* deter *part.* por a polícia.

(Alexiadou, 2005, p. 19)

Para Alexiadou, esses dados sugerem que a *by-phrase* não é licenciada diretamente pelo particípio resultativo, mas de acordo com os exemplos em (120) acima, parece que *get* é que está licenciando a *by-phrase*. Assim, a autora assume que a passiva com *get* é formada por um verbo leve que recebe como complemento uma frase resultativa (um particípio resultativo). Assume também um tratamento de alçamento para essas construções: o sujeito da construção com *get* alça para sua posição superficial de dentro da estrutura participial, como em (121):

(121) John got [RP t pushed].  
 John get *pass.* empurrar *part.* (Alexiadou, 2005, p. 20)

Como argumento em favor dessa análise, Alexiadou aponta que *get* pode separar expressões idiomáticas, como em (122), o que sugere que o sujeito, nessa construção, deve receber seu papel- $\theta$  na posição de base.

(122) In the end, advantage always gets taken of John. (Alexiadou, 2005, p. 20)

### 2.2.2 *Acabar* vs. Passiva com *get*

Nesta seção, procuraremos investigar a estrutura das construções com *acabar* + *adjetivo* / *particípio*, como nos exemplos (3) e (4), repetidos abaixo, com base nos testes apresentados em Alexiadou (2005).

(123) A Ana demorou tanto que o João acabou **furioso**.

(124) O João acabou **enfurecido** pela Ana.

Para explicitarmos mais propriedades dos dados que constituem nosso objeto de estudo, retomaremos os testes de Alexiadou (2005) para as passivas com *get* apresentados na subseção anterior e verificamos em que medida pode-se, de fato, estabelecer um paralelo entre essas sentenças com *acabar* e tais passivas do inglês.

Já observamos que *acabar* permite uma gama de complementos na proposição que seleciona: um *sintagma preposicional* / *sintagma nominal* / *adjetivo* / *particípio* / *gerúndio* / *[por] infinitivo*. Desses complementos, apenas o adjetivo e o particípio ocorrem como complemento das passivas com *get*, vistas em Alexiadou (2005), e lembramos que somente as sentenças com um particípio como complemento atenderam às três condições estabelecidas por Jaeggli (1986) para a formação de passivas, ou seja, em relação à terceira propriedade, a sentença com particípio, como em (124), é gramatical com uma *by-phrase*, enquanto as outras sentenças em análise não o são. Procuraremos, então, observar em que medida apenas as sentenças com *acabar* com esses dois tipos de complementos têm semelhanças com as passivas com *get*.

As propriedades das passivas com *get* que compararemos com as sentenças com *acabar* são as seguintes:

- i) *get* é visto como uma variante semi-lexical de um núcleo lexical, pois, além de faltarem-lhe propriedades de seleção de argumento, o que o distancia de um verbo pleno, ele também não se comporta como os auxiliares da língua inglesa nas passivas com *get*.

As sentenças com *acabar* com um adjetivo ou um particípio como complemento, como nos exemplos em (123) e (124), também mostram que faltam propriedades de seleção de argumento para esse verbo. Vemos que o verbo *acabar* não seleciona argumento externo (AE), mas apenas um argumento interno. Assim, nessas sentenças, *acabar* funciona como um verbo inacusativo, como já vimos em algumas sentenças em (97), que repetimos abaixo:

- (125) a. acabou [o João furioso].  
b. acabou [o João enfurecido pela esposa].

Burzio (1981 e 1986), Duarte (2003), Mito (2005), entre outros autores, mostram que os verbos inacusativos não selecionam AE. Ou seja, os verbos inacusativos não devem apresentar propriedades de restrição ao seu sujeito superficial, pois o mesmo é selecionado por seu argumento interno. Observamos, nas sentenças abaixo, que é o constituinte que representa a proposição selecionada por *acabar* que impõe restrições ao DP sujeito.

- (126) a. O João acabou na cadeia.  
a'. \*A pedra acabou na cadeia.  
b. O João acabou dono de restaurante.  
b'. \*A pedra acabou dona de restaurante.  
c. A Ana demorou tanto que o João acabou furioso.

- c'. \*A Ana demorou tanto que a pedra acabou furiosa.
- d. O João acabou enfurecido pela Ana.
- d'. \*A pedra acabou enfurecida pela Ana.
- e. A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes.
- e'. \*A pedra acabou enfurecendo os participantes.
- f. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.
- f'. \*A pedra acabou por enfurecer os participantes.

Como o sujeito superficial é selecionado? É o predicado na proposição complemento de *acabar* que seleciona o AE, ou seja, *na cadeia, dono de restaurante, furioso, enfurecido, enfurecendo, e por enfurecer*. Os predicados *dono de restaurante, furioso, enfurecido* denotam propriedades do sujeito, selecionando, assim, um AE. Já *enfurecendo e por enfurecer* são predicados verbais que selecionam dois argumentos, um externo e outro interno como seu complemento. Mas *na cadeia* é um predicado? Seguindo o trabalho de Duarte (2003, *apud* Carvalho, 2006), podemos dizer que *na cadeia* pode ser considerado como predicado porque se trata de um predicativo do sujeito com interpretação locativa e exprime propriedades de fase, ou seja, situações de momento, temporárias ou não-permanentes, bem como “na praia”, entre outros exemplos.

Por outro lado, *acabar* também ocorre em construções em que parece licenciar estrutura argumental, como em casos em que funciona como verbo pleno, como vimos em (11), repetido abaixo:

(127) A Ana acabou a lição de casa.

Sendo assim, observamos que para o verbo *acabar* em foco nesta dissertação também faltam propriedades de seleção de argumento, o que pode distanciá-lo de um verbo pleno, bem como ocorre com *get*. No capítulo 3, observaremos se esse verbo se comporta ou não como os auxiliares do PB. Verificaremos, então, se *acabar* poderá ser visto, bem como *get*, como uma variante semi-lexical de um núcleo lexical, ou, usando a terminologia adotada em Travaglia (2004b), como um verbo semi-auxiliar.

- ii) as passivas com *get* do inglês podem assumir uma interpretação ativa/causativa.

Essa propriedade parece não se aplicar às sentenças com *acabar*, de modo geral, pois, esse verbo não forma tal tipo de construção, como se vê em (128):

(128) a. \*O João acabou a Maria culpada pelo acidente.

(Cf. O João fez com que a Maria fosse culpada pelo acidente.).

Porém, como vimos nas paráfrases para as sentenças em (5) e (6), e repetimos abaixo, as sentenças com *acabar* + *gerúndio* / [*por*] *infinitivo*, em especial, quando têm como complemento uma proposição com um verbo que não seja nem inacusativo nem de alternância ergativa trazem para o sujeito a interpretação de um evento ou uma entidade que faz com que uma segunda entidade experiencie alguma situação:

(129) A demora da reunião acabou **fazendo** os participantes **ficarem** furiosos/enfurecidos.

O evento descrito por *a demora da reunião* faz com que a entidade descrita como *os participantes* experiencie a situação de *ficar enfurecidos*, gerando uma leitura causativa para as sentenças em (5) e (6).

Segundo essa propriedade, apenas as sentenças em (5) e (6) se assemelham à leitura causativa das passivas com *get*. Mas, de qualquer modo, a estrutura **NP got NP x-ed** de *John got Mary blamed for the accident* não se verifica para as sentenças como *acabar*, como se vê em (128).

- iii) as passivas com *get* não têm argumento externo implícito, pois seus sujeitos são incapazes de exercer controle em orações de finalidade e a oração não pode licenciar advérbios volitivos.

Os dados apresentados anteriormente de (49) a (54), repetidos abaixo, já sugerem a impossibilidade de que o verbo *acabar*, naqueles contextos, selecione um argumento externo:

- (130) a. [IP Os homens<sub>i</sub> acabaram [SC *t<sub>i</sub>* na cadeia]].
- b. [IP Eu<sub>i</sub> acabei [SC *t<sub>i</sub>* dono de restaurante]].
- c. [IP O João<sub>i</sub> acabou [SC *t<sub>i</sub>* furioso]].
- d. [IP O João<sub>i</sub> acabou [SC *t<sub>i</sub>* enfurecido pela Ana]].
- e. [IP Os rumos da reunião<sub>i</sub> acabaram [SC *t<sub>i</sub>* enfurecendo os participantes]].
- f. [IP A demora da reunião<sub>i</sub> acabou [SC *t<sub>i</sub>* por enfurecer os participantes]].

Nesses exemplos, o constituinte que ocupa a posição de sujeito da sentença é, na realidade, o sujeito da predicação na posição de complemento de *acabar*. Se tal constituinte



pode ser alçado dessa forma, segue que o verbo *acabar*, ele mesmo, não seleciona argumento externo.

Resta agora verificar a possibilidade de existir um argumento externo implícito nessas sentenças. Para tanto, os testes realizados por Alexiadou serão aplicados.

No primeiro teste, Alexiadou considera um particípio como complemento de *get*. Sendo assim, primeiramente consideraremos os particípios *enfurecido* e *traído* como complemento de *acabar*:

- (131) a. O João foi enfurecido [para PRO medir o batimento cardíaco dele].  
b. \*O João acabou enfurecido [para PRO medir o batimento cardíaco dele].  
c. O João acabou enfurecido [para a médica medir o batimento cardíaco dele].

- (132) a. O João foi traído [para PRO descontar a infidelidade dele].  
b. \*O João acabou traído [para PRO descontar a infidelidade dele].  
c. O João acabou traído [para a Ana descontar a infidelidade dele].

Sendo assim, observamos que as construções com *acabar*, bem como as passivas com *get*, parecem não ter argumento externo implícito, uma vez que também são incapazes de controlar orações de finalidade. Para trazer mais um argumento para esse ponto, veremos se tais construções podem licenciar advérbios volitivos:

(133) \*O João acabou enfurecido de propósito.

(134) \*O João acabou traído de propósito.

As duas propriedades verificadas acima mostram que as construções com *acabar*, bem como as passivas com *get*, parecem não ter argumento externo implícito, uma vez que também são incapazes de controlar orações de finalidade e não podem licenciar advérbios volitivos.

- iv) as passivas com *get* são compatíveis com a ação reflexiva, enquanto as passivas com *be* não o são.

Considerando uma sentença com *acabar* que seleciona uma proposição que tem como núcleo um particípio e, como mostramos acima, pode aceitar uma *by-phrase*, temos o seguinte comportamento:

- (135) a. Eu acabei enfurecida (pela minha mãe / por mim mesma).  
b. Eu acabei vestida (pela minha mãe / por mim mesma).  
c. Eu fui enfurecida (pela minha mãe / \*por mim mesma).  
d. Eu fui vestida (pela minha mãe / ??por mim mesma<sup>18</sup>).

Nesse ponto, as construções com *acabar* também se assemelham às aquelas com *get*. Olhando para outros exemplos, temos:

- (136) a. A noiva acabou vestida pelo melhor estilista da loja / por ela mesma.  
b. A noiva foi vestida pelo melhor estilista da loja / por ela mesma.  
c. O João acabou ferido pelo próprio filho / por si mesmo.  
d. O João foi ferido pelo próprio filho / por si mesmo.

---

<sup>18</sup> Com alguma contextualização esse exemplo foi considerado gramatical por alguns falantes nativos. Ex. *Uma pessoa vai à uma festa muito bem vestida e perguntam se ela foi vestida por algum estilista, ao que ela responde: "Não, eu fui vestida por mim mesma!"*.

Sendo assim, vemos que as construções com *acabar* com complemento participial podem ser compatíveis com a ação reflexiva, de forma que, nesse ponto, essas construções específicas também se assemelham àquelas com *get*.

A autora explica que os três testes apontados nesse item iii), com as orações de finalidade, com os advérbios volitivos, e com a ação reflexiva, nos sugerem que o particípio envolvido, na verdade, forma uma passiva adjetiva.

- v) a passiva com *get* não parece totalmente produtiva quando comparada à passiva com *be*.

Em PB, considerando os tipos de exemplos dados em Alexiadou (2005), os resultados observados são diferentes, como vemos em (137):

- (137) a. A verdade acabou revelada.  
b. Mary acabou assustada.  
c. Mary acabou seguida por um carneirinho.  
d. Mary acabou vista.  
e. A luz elétrica acabou inventada.

As sentenças com *acabar* funcionam de forma diferente, elas são produtivas em todas essas sentenças do português brasileiro, cujas correspondentes com *get*, em inglês, são agramaticais. Isso pode se dever ao maior leque de predicados possíveis para a proposição selecionada para o complemento de *acabar*.

- vi) os participios adjetivos aparecem em, no mínimo, dois subtipos de sentenças, dependendo de carregarem, ou não, implicações de evento.

Assumindo que os participios das construções com *get* são participios adjetivos, Alexiadou discute o tipo de participio adjetivo que está realmente presente nesta estrutura. Para esse teste consideraremos o *adjetivo* ou *participio* que aparece na proposição no complemento de *acabar*. Observamos que o mesmo comportamento visto no inglês se dá para o PB, como em (138):

(138) Raiz	Estativa	Outros Participios
√vazi	vazia	esvaziada
√tort	torta	entortada
√podre	podre	apodrecida
√pobre	pobre	empobrecida
√ric	rica	enriquecida

É possível combinar as duas formas com *acabar* e as construções também diferem na interpretação.

(139) a. A caixa de correio acabou vazia. (tornar-se)

b. A caixa de correio acabou esvaziada. (alguém a esvaziou ou tornar-se)

(140) a. A roupa acabou podre. (tornar-se)

b. A roupa acabou apodrecida. (pelo tempo que ficou fechada na caixa ou tornar-se)

Em (139)a, a caixa de correio ficou vazia depois que cada usuário retirou as sua correspondência, por exemplo. Nenhum deles precisava ter a intenção de esvaziar a caixa de correio. Por outro lado, em (139)b o sujeito da sentença é afetado pelo evento descrito no complemento de *acabar* no sentido em que alguém deve ter esvaziado a caixa de correio.

Consideraremos os exemplos apresentados em (3) e (4), repetidos abaixo, que tem uma forma estativa e um particípio como complemento:

(141) A Ana demorou tanto que o João acabou **furioso**.

(142) O João acabou **enfurecido** pela Ana.

Analisando essas sentenças conforme o teste apresentado em Alexiadou (2005), podemos observar que a mesma diferença apontada para o inglês se mantém:

(143) O João acabou **furioso**.

(144) O João acabou **enfurecido**.

Em (143), *o João* ficou furioso, sem ter a intenção de ficar furioso. Por outro lado, em (144), o sujeito da sentença é afetado pelo evento descrito no complemento de *acabar* no sentido em que *alguém deve ter enfurecido o João*.

Segundo esse teste, as construções com *acabar* e as passivas com *get* se assemelham.

vii) o particípio que segue *get* pode ser modificado por advérbios que modificam o estado resultante, mas não pelos advérbios que trazem interpretação de agentividade ou intencionalidade.

Alexiadou mostra esse outro teste para evidenciar a natureza eventiva ou não do complemento de *get*. Nesse caso, esse teste também deve ser aplicado a exemplos que envolvem um particípio no complemento de *acabar*. Assim, consideraremos o exemplo em (4), já repetido em (124) acima, e mais alguns exemplos, acrescidos de um advérbio que modifica o estado resultante, como *ridiculamente / completamente*, ou que traz interpretação de agentividade ou intencionalidade, como *cuidadosamente / meticulosamente*:

- (145) a. O João acabou ridiculamente enfurecido pela esposa.  
b. \*O João acabou cuidadosamente enfurecido pela esposa.  
c. O João acabou ridiculamente vestido.  
d. \*O João acabou cuidadosamente vestido.  
e. O manuscrito acabou completamente destruído.  
f. \*O manuscrito acabou meticulosamente destruído.

Os advérbios nos exemplos de (145)a/c/e focam o estado resultante do evento descrito pela sentença com *acabar* e essas sentenças são todas gramaticais, o que parece sugerir que o complemento de *acabar* é um particípio que carrega traços de eventividade, semelhante ao que Kratzer chama de *particípio de estado resultante*. Já os advérbios nos exemplos de (145)b/d/f trazem interpretação de agentividade ou intencionalidade e esses exemplos são todos agramaticais. Assim, esse teste mostra que as sentenças com *acabar* se comportam da mesma forma que *get* em relação a esse teste.

Resumidamente, observamos que a construção com *acabar* apresenta alguns pontos semelhantes e outros diferentes das passivas com *get* do inglês. Os pontos semelhantes foram:

i) faltam para *get* e para *acabar* propriedades de seleção de argumento. Esses verbos não selecionam um AE; ii) as construções com *get* e com *acabar* não têm argumento externo implícito; iii) construções com *get* e com *acabar* podem ser gramaticais com o reflexivo, o que, junto com a característica no item anterior, sugere que o particípio envolvido forma uma passiva adjetiva; iv) é possível combinar duas formas de particípios adjetivos com *acabar* ou com *get* e as construções diferem na interpretação; e v) o particípio que segue *get* ou *acabar* pode ser modificado por advérbios que modificam o estado resultante, mas não pelos advérbios que trazem interpretação de agentividade ou intencionalidade, o que sugere que o complemento desses verbos são um particípio que carrega traços de eventividade. Os pontos diferentes foram: i) a gama de complementos que *acabar* permite na proposição que seleciona não se repete com *get*; ii) as passivas com *get* podem assumir uma interpretação ativa/causativa, já o verbo *acabar*, de modo geral, não forma tal tipo de construção; e iii) as sentenças com *get* + verbos estativos, entre outros, são agramaticais, mas, em PB são produtivas tanto com *acabar* como com *ser*.

### 2.2.3 Van Noord & Kordoni (2005)

Nesse texto os autores tratam das construções passivas do holandês com os verbos *worden* (*be*) e *krijgen* (*get*) para os quais eles propõem uma análise uniforme de alçamento dentro do modelo teórico da HPSG (*Head-Driven Phrase Structure Grammar*). Eles também olham para as passivas agentivas, com *werden*, e dativas, com *kriegen*, do alemão e mostram que duas análises para esses dados, uma de controle e outra de alçamento, não são necessárias. Os autores buscam mostrar que a análise uniforme de alçamento que eles propõem dá conta das passivas translinguisticamente.

Primeiramente, eles apontam os seguintes exemplos das passivas com verbos transitivos no holandês:

(146) a. Peter        kust        haar.  
Peter.subj    kisses       her.obj1  
“Peter kisses her”.

b. Zij                wordt gekust (door Peter).  
she.subj        is        kissed (by Peter)  
“She is kissed (by Peter)”.                    (van Noord & Kordoni, 2005, p. 411)

E então, eles mostram que o holandês tem um tipo especial de passiva formada com o auxiliar *krijgen* (*to get*). As passivas com *krijgen* são formadas por verbos bitransitivos, que subcategorizam um objeto primário (obj1) e outro secundário (obj2), como em (147)a, sendo o último o que aparece como sujeito superficial nessas construções, como em (147)b. Nesse caso, o auxiliar *worden* não pode ser usado, como vemos em (147)c. Quando o objeto primário do verbo bitransitivo aparece como o sujeito superficial da forma passiva, como em (147)d, então a passiva é formada com o auxiliar *worden*, bem como acontece na forma passiva dos verbos transitivos regulares no holandês, como em (146), acima:

(147) a. Ik    stuur    hem                het boek        toe.  
I.subj        send    **him.obj2**        the book.obj1 to<sup>19</sup>  
“I send him the book”.

---

<sup>19</sup> Destaques nossos.



b. Hij krijgt het boek toegestuurd.

**he.subj** gets the book.obj1 sent-to

“He gets the book sent”.

c. \*Hij wordt het boek toegestuurd.

**he.subj** is the book.obj1 sent-to

“He is sent the book”.

d. Het boek wordt hem toegestuurd.

**the book.subj** is him.obj2 sent-to

“The book is sent to him”. (van Noord & Kordoni, 2005, p. 412)

Os autores ainda observam que, no exemplo (147)a, o objeto primário mantém sua função grammatical na forma passiva em (147)b. Se o objeto primário que aparece na forma ativa do verbo bitransitivo não aparecer na passiva com *krijgen*, essa construção fica agramatical:

(148) \*Hij krijgt toegestuurd.

he.subj gets sent-to

“\*He was sent”.

(van Noord & Kordoni, 2005, p. 412)

Como foi mostrado em (147)c, o objeto secundário não pode passivizar com o auxiliar *worden*. Porém, os autores apontam uma exceção que ocorre com o verbo *betalen* (*to pay*) e seus derivados. Quando há uma sentença na voz ativa com um verbo *betalen* (*to pay*) o objeto primário não é realizado fonologicamente, então o objeto secundário pode aparecer como

sujeito superficial, como em (149)a, e a passiva *krijgen* pode ocorrer, sem o obj1 realizado, como em (149)b, ao contrário do que vimos em (148).

(149) a. Hij wordt doorbetaald.

**he.subj** is paid-through

“He is being paid”.

b. Hij krijgt doorbetaald.

**he.subj** gets paid-through

“He is getting paid.”

(van Noord & Kordoni, 2005, p. 413)

Os autores propõem uma análise única de alçamento para esses tipos de dados, com base no tratamento de alçamento e controle apresentado em Pollard e Sag (1994). Esses autores mostram que, enquanto verbos de controle (*equi verbs*) permitem complementos como NPs ou PPs, ao invés de VP, isso nunca ocorre com verbos de alçamento, como vemos nos exemplos abaixo:

(150) Leslie tried/attempted/wants something/it/to win.

(151) \*Whitney seems/happens something/it.

(Pollard and Sag, 1994, p. 141 e 142, apud van Noord & Kordoni, 2005, p. 417)

Como os verbos de alçamento em (151) não atribuem papel- $\theta$  ao argumento na posição de sujeito, é necessário haver um predicado como complemento de *seems/happens* capaz de selecionar o argumento que aparece na posição de sujeito superficial. Mas os NPs *something* e *it* não são predicados e, então, não há como explicar como o argumento *Whitney*

é selecionado para aparecer nessa sentença. Construções com *krijgen* no holandês comportam-se de forma semelhante às estruturas de alçamento, como as do inglês no exemplo (151).

(152) ?Hij krijgt het boek toegestuurd en zijn buurman  
**he** gets the book sent and his neighbour  
*3p.sg. get pres.3p.sg.* o livro enviar *part.* e dele vizinho  
 krijgt dat ook.  
 gets that too  
*get pres.3p.sg.* aquilo também.

“\*He is sent the book and his neighbour is that too”.

(= ‘\*Ele é enviado o livro e o vizinho dele é também’).

(van Noord & Kordoni, 2005, p. 417)

(153) \*Hij krijgt uitbetaald en Piet krijgt dat ook.  
**he** gets paid and Peter gets that too  
*3p.sg. get pres.3p.sg.* pagar *part.* e Peter *get pres.3p.sg.* isso também.

“\*He gets paid and Peter gets that too”.

(= ‘\*Ele ?fica pago e Peter ?fica também’).

(van Noord & Kordoni, 2005, p. 417)

Nos exemplos em (152) e (153), o segundo *krijgt* que aparece não pode selecionar o AE. Precisaria haver um predicado na sentença com *krijgt* capaz de selecionar o argumento que aparece na posição de sujeito superficial, mas o NP *dat*, em ambas as sentenças, não é um predicado. Sendo assim, não há como explicar como os argumentos *zijn buurman* (o vizinho

*dele*), em (152), e *Piet* (Peter), em (153) são selecionados para aparecer nessas sentenças. Então, bem como ocorre com os verbos de alçamento em (151), essas sentenças são agramaticais.

Eles ainda mostram que as passivas com *krijgen* se comportam de forma semelhante às construções de alçamento no holandês, como em (154) a seguir:

(154) a. \*Het            probeert            te        regenen.  
          it            tries            to        rain  
          3p.sg.        tentar pres.3p.sg.    inf.    chover.  
          ‘‘It tries to rain’’.  
          (= ‘\*Tenta chover’.)

b. Het            schijnt            te        regenen.  
          it            seems            to        rain  
          3p.sg.        parecer pres.3p.sg.    inf.    chover.  
          ‘‘It seems to rain’’.  
          (= ‘Parece chover’)

(van Noord & Kordoni, 2005, p. 418)

Na sentença em (154)b, como os verbos de alçamento não atribuem papel- $\theta$  ao argumento na posição de sujeito; precisa haver um predicado na sentença com *seem* para selecionar o AE, *it*.

Os Autores mostram, também, que as construções passivas com o auxiliar *worden* do holandês, também funcionam como construções de alçamento, como aquelas em (154), ou seja, precisa haver um predicado na sentença com *worden* para selecionar o AE. Na primeira oração há o predicado *geslagen* (*batido*) que pode selecionar o AE, mas na segunda oração,

falta um predicado, pois *zij* (ela) e *dat* (*aquilo*) são argumentos e *werd* não pode, ele mesmo, selecionar os dois argumentos que aparecem nessa sentença.

- (155) \*Ik werd door hem geslagen en zij  
 I was by him beaten and she  
*1p.sg. ser pass.1p.sg. por 3p.sg.masc. bater part. e 3p.sg.fem.*  
 werd dat ook.  
 was that too  
*ser pass.3p.sg. aquilo também.*  
 “I was beaten by him and she was too”.  
 (= ‘\*Eu fui batida por ele e ela foi também’).

(van Noord & Kordoni, 2005, p. 418)

Os autores apontam que é errado assumir, como alguns autores assumem para as passivas com *kriegen* e *bekommen* do alemão, que tanto o verbo *kriegen* quanto o particípio que aparece em uma passiva com *kriegen* selecionem o papel- $\theta$  de tema para o objeto primário acusativo (obj1) dessas construções do holandês. Consequentemente, de forma parecida ao que ocorre com o sujeito das passivas com *krijgen* do holandês, os objetos primários acusativos dessas construções também não são selecionados por *krijgen*. No exemplo em (149)b o objeto primário acusativo (obj1) nem é realizado fonologicamente.

Com base no comportamento de *krijgen* em relação ao sujeito e ao objeto primário das construções passivas do holandês nas quais esse verbo é o núcleo, os autores propõem que *krijgen* nas passivas do holandês seja tratado como um verdadeiro auxiliar e que um tratamento uniforme de alicamento pode ser aplicado às passivas com *krijgen* (*get*), bem como às passivas com *worden* (*be*).

## 2.2.4 *Acabar* vs. passiva com *kriegen* do alemão e passiva com *krijgen* do holandês

No texto discutido acima, os autores tratam das construções passivas do holandês com os verbos *worden* (*be*) e *krijgen* (*get*), e passivas agentivas, com *worden*, e dativas, com *krijgen*, do alemão e buscam mostrar que uma análise uniforme de alçamento pode dar conta da formação dessas passivas translinguisticamente. Para tanto, eles apontam algumas características das construções passivas e das construções de alçamento naquelas línguas. Destacaremos essas características apontadas para, então, analisarmos se nossos dados apresentam similaridades com essas construções:

i) enquanto verbos de controle (*equi verbs*) permitem complementos como NPs ou PPs, ao invés de seu complemento de VP, isso nunca ocorre com verbos de alçamento.

Observamos que, nos exemplos de (1) a (6), repetidos abaixo, *acabar* seleciona uma proposição, como nos exemplos em (\*), em (156):

- (156) a. O João acabou **na cadeia**.  
a'. acabou [o João na cadeia].  
b. O João acabou **dono de restaurante**.  
b'. acabar [o João dono de restaurante].  
c. A Ana demorou tanto que o João acabou **furioso**.  
c'. A Ana demorou tanto que [acabar [o João furioso]].

- d. O João acabou **enfurecido** pela Ana.
- d'. acabar [o João enfurecido pela Ana].
- e. A demora da reunião acabou **enfurecendo** os participantes.
- e'. acabar [a demora da reunião enfurecendo os participantes].
- f. A demora da reunião acabou **por enfurecer** os participantes.
- f'. acabar [a demora da reunião por enfurecer os participantes].

Mas se o complemento dessas mesmas sentenças for um NP ou PP que não predica, como *alguma coisa* ou *isso*, as sentenças ficam agramaticais:

- (157) a. \*O João acabou isso/alguma coisa.
- b. \*A Ana demorou tanto que o João acabou isso.
- c. \*A demora da reunião acabou isso/alguma coisa.

Para que as sentenças com *acabar* sejam gramaticais, o complemento de *acabar* deve ser uma proposição e deve haver um núcleo predicativo na proposição selecionada. Os NPs *isso* / *alguma coisa* são saturados, ou seja, não predicam, não selecionam argumentos; então, as sentenças nos exemplos acima são agramaticais.

Os exemplos em (157)a/b seriam gramaticais com uma leitura de *acabar* como verbo pleno, com leitura de *terminar*. Nesse caso, o verbo *acabar* perderia sua leitura de não-agentivo e passaria a selecionar um argumento externo e outro interno. Mas com uma leitura de *no final das contas a situação terminou de tal forma*, como vimos analisando, essas sentenças são agramaticais porque, nesse caso, *acabar* não atribui papel- $\theta$  ao argumento na posição de sujeito e não há um predicado capaz de fazê-lo.

Já um verbo de controle permitiria complementos como NPs ou PPs:

(158) a. O João tentou isso/alguma coisa.

b. O João tentou fazer isso/alguma coisa.

Essas sentenças são gramaticais, pois o verbo de controle *tentar* pode selecionar dois argumentos.

Assim, observamos que, levando em conta essa primeira propriedade, o verbo *acabar* parece comportar-se como um verbo de alçamento, assemelhando-se às passivas *krijgen*, do holandês, e as passivas dativas com *kriegen*, do alemão.

ii) Os autores mostraram um teste no qual *krijgt* aparece com um predicado na primeira oração (de forma que o argumento na posição de sujeito superficial dessa oração é selecionado por esse predicado), e sem um predicado na segunda oração (de forma que o argumento na posição de sujeito superficial da segunda oração não é selecionado) e a sentença fica agramatical, bem como ocorre com os verbos de alçamento.

Com *acabar* observamos o seguinte:

(159) a. O João acabou **na cadeia**.

a'. \*O João acabou na cadeia e a Maria acabou isso também.

b. O João acabou **dono de restaurante**.

b'. \*O João acabou dono de restaurante e a Maria acabou isso também.

c. A Ana demorou tanto que o João acabou **furioso**.

c'. \*A Ana demorou tanto que o João acabou furioso e a Maria acabou isso também.



d. O João acabou **enfurecido** pela Ana.

d'. \*O João acabou enfurecido pela Ana e a Maria acabou isso também.

e. A demora da reunião acabou **enfurecendo** os participantes.

e'. \*A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes e a Maria acabou isso também.

f. A demora da reunião acabou **por enfurecer** os participantes.

f'. \*A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes e a Maria acabou isso também.

Nas sentenças em (159), o primeiro verbo *acabar* que ocorre em cada sentença tem um predicado como seu complemento que, por sua vez, seleciona o argumento externo *o João*, de (159)a-d, e *a demora de reunião*, em (159)e/f. Porém, o segundo verbo *acabar* que aparece nessas mesmas sentenças não apresenta um predicado no seu complemento, mas sim um argumento, *isso*, assim, *a Maria* não recebe papel- $\theta$  e, então, as sentenças em (159) são agramaticais.

Assim, observamos mais uma vez que o verbo *acabar* parece comportar-se como um verbo de alçamento, assemelhando-se às passivas *krijgen*, do holandês, e as passivas dativas com *kriegen*, do alemão.

iii) Construções com *krijgen* no holandês se comportam de forma semelhante às estruturas de alçamento naquela língua.

Já vimos algumas sentenças com *acabar* nos dois testes anteriores. Vejamos agora como os verbos de alçamento prototípicos do PB se comportam:

- (160) a. A Maria parece/anda triste.  
b. \*A Maria parece/anda isso/alguma coisa.

Nesses exemplos, vemos que os verbos de alçamento do PB também são agramaticais se apresentam um argumento em seu complemento. Isso se dá porque o verbo de alçamento não atribui papel- $\theta$  ao argumento na posição de sujeito superficial e não há um predicado na sentença capaz de fazê-lo.

No caso de (160)b, “A Maria parece isso” seria gramatical com alguma contextualização<sup>20</sup> se considerássemos uma leitura de *parecer fisicamente com*, e, nesse caso, *parecer* estaria selecionando dois argumentos, funcionando como um verbo pleno. Vimos que o mesmo ocorre com o *acabar* em (157).

Dessa forma, observamos que as construções de alçamento do PB e as construções com *acabar* também se comportam de forma semelhante, assim, *acabar* aproxima-se, mais uma vez, das passivas *krijgen* do holandês.

No texto discutido, os autores buscam mostrar uma análise uniforme de alçamento para as passivas *krijgen*, do holandês, e *kriegen*, do alemão. Através das características das construções passivas e das construções de alçamento que eles apontam para aquelas línguas, observamos que as construções com *acabar* apresentam um comportamento similar às passivas daquelas línguas, ou seja, *acabar* se comporta de forma parecida aos verbos de alçamento do PB, por exemplo, necessita de um predicado na proposição que seleciona como complemento para que esse predicado selecione o argumento que aparece com sujeito

---

<sup>20</sup> Ex. A irmã da Maria pede a um desenhista para fazer uma caricatura da Maria. Quando o desenho fica pronto ela leva para mãe ver e comenta que está igualzinha a Maria, ao que a mãe diz: *A Maria parece isso?* Nesse caso parece que o verbo *parecer* tem um sentido diferente do *parecer* verbo de alçamento e, nesse caso, está selecionando os dois argumentos. Não entraremos em detalhe nessa análise aqui.

superficial dessas sentenças. Se o complemento dessas mesmas sentenças for um NP ou PP que não predica, como *alguma coisa* ou *isso*, as sentenças ficam agramaticais.

### ***2.3 Conclusões do capítulo***

Neste capítulo, buscamos responder as questões em B, repetidas e discutidas abaixo. A primeira questão é:

- B. A leitura não-agentiva observada para essas sentenças permite que elas sejam tratadas como construções passivas, ou seja, tais sentenças apresentam propriedades típicas de construções passivas?

Vimos que, perante as três propriedades apresentadas por Jaeggli (1986), um primeiro esboço de análise poderia aproximar as sentenças com *acabar* das passivas em geral, eventivas e adjetivas, em sua leitura, mas não necessariamente em sua estrutura. O fato de a primeira e a segunda dessas propriedades se verificarem para todas as sentenças com *acabar* e de a terceira delas só se aplicar a um caso específico, não nos permite estabelecer uma correlação estrutural definitiva entre esse tipo de sentenças e as construções passivas. Quanto às duas propriedades apontadas por Jaeggli (1986) para construções passivas que parecem se verificar: i) o NP na posição de sujeito não recebe papel- $\theta$ ; e ii) o NP na posição de VP não recebe Caso verbal, observamos que, se, segundo aquele autor, nas construções passivas a primeira propriedade ocorre por conta da morfologia da passiva, que absorve esse papel- $\theta$ , podemos afirmar que, nas sentenças com *acabar*, a mesma propriedade se apresenta, mas por razões diferentes. O NP na posição de sujeito não recebe papel- $\theta$  nas construções com *acabar* porque, nesse tipo de sentenças, esse verbo parece se comportar como um verbo inacusativo,

ou seja, seleciona apenas um argumento, no caso, um argumento interno, uma proposição. E se, segundo aquele autor, nas construções passivas a segunda propriedade ocorre porque o sufixo da passiva recebe o Caso objetivo do predicado, que sendo atribuído ao sufixo, já não pode ser relacionado a um NP em posição de objeto, podemos afirmar novamente que, nas sentenças com *acabar*, a mesma propriedade se apresenta, mas por razões diferentes. O NP na posição de VP não recebe Caso nas construções com *acabar* porque esse NP é argumento externo do predicado na proposição selecionada por *acabar*, assim, esse NP alça para a posição de sujeito superficial onde recebe Caso Nominativo da flexão e satisfaz EPP.

Uma vez que essas mesmas propriedades se verificam de formas diferentes, não podemos assumir que *acabar*, nesse caso, tenha a mesma estrutura sintática das passivas. Observamos que, se *acabar* for tratado como um verbo inacusativo que permite uma análise sintática de alçamento, ainda assim, poderemos perceber em sentenças em que esse verbo ocorre, as características que coincidem com aquelas apresentadas para a passiva, que leva a uma leitura não-agentiva para essas sentenças, ou seja, ambas as construções apresentam sujeitos com leitura não-agentiva por conta do fato de que tanto o verbo da passiva quanto o verbo *acabar* não selecionam argumento externo. Dessa forma, parece que, de fato, apenas a leitura não-agentiva para o sujeito superficial será uma propriedade comum entre construções passivas e construções com *acabar* no PB.

Quanto às outras perguntas, temos:

- B1. Como esse tipo de construções com *acabar* do PB se compara às construções com *get* do inglês, descritas como passivas em Alexiadou (2005)?

Após contrapormos os dados das passivas com *get* do inglês, apresentadas em Alexiadou (2005), e as sentenças com *acabar* do PB em foco nesta dissertação, concluímos que a construção com *acabar* em foco nesta dissertação apresenta alguns pontos semelhantes e outros diferentes das passivas com *get*. Os pontos semelhantes que pudemos observar foram: i) para ambas construções faltam propriedades de seleção de argumento. Esses verbos não selecionam um AE; ii) essas construções não têm argumento externo implícito; iii) construções com *get* e com *acabar* podem ser gramaticais com o reflexivo, o que, junto com a característica no item anterior, sugere que o particípio envolvido forma uma passiva adjetiva; iv) é possível combinar duas formas de os particípios adjetivos com *acabar* ou com *get* e as construções diferem na interpretação; e v) o particípio que segue *get* ou *acabar* pode ser modificado por advérbios que modificam o estado resultante, mas não pelos advérbios que trazem interpretação de agentividade ou intencionalidade, o que sugere que o complemento desses verbos é um particípio que carrega traços de eventividade. Os pontos diferentes que observamos foram: i) a variedade de complementos que *acabar* permite na proposição que seleciona não se repete totalmente com *get*; ii) as passivas com *get* podem assumir uma interpretação ativa/causativa, já o verbo *acabar*, de modo geral, não forma tal tipo de construção; e iii) as sentenças com *get* + verbos estativos, entre outros, são agramaticais, mas, em PB são produtivas tanto com *acabar* como com *ser*.

B2. E como se comparam às construções com *krijgen* ou com *kriegen*, do holandês e do alemão, descritas por van Noord & Kordoni (2005) como passivas, sendo elas construções diferentes das passivas com *get* do inglês?

Nos discutido, os autores buscam uma análise uniforme de alçamento para as passivas *krijgen*, do holandês, e *kriegen*, do alemão. Para tanto, eles apontam algumas características das construções passivas e das construções de alçamento naquelas línguas. Verificamos que, de forma parecida às passivas daquelas línguas, *acabar* apresenta propriedades de construções de alçamento no PB, pois necessita de um predicado na proposição que seleciona como complemento para que esse predicado selecione o argumento que aparece com sujeito superficial dessas sentenças. Vimos que, se o complemento dessas mesmas sentenças for um NP ou PP que não predica, como *alguma coisa* ou *isso*, as sentenças ficam agramaticais.

Com base no comportamento de *krijgen* em relação às propriedades mostradas para construções de alçamento nos quais esse verbo é o núcleo, os autores propõem que *krijgen* nas passivas do holandês seja tratado como um verdadeiro auxiliar. Quanto a isso, discutiremos a possibilidade de *acabar* ser, de fato, um auxiliar no cap. 3, e desenvolveremos um pouco mais a análise de *acabar* como verbo de alçamento e sua relação com as passivas no cap. 4.

### 3. O papel de *acabar* nas sentenças em estudo nesta pesquisa

Neste capítulo, procurando responder às perguntas em C, apresentadas na página 9 e repetidas abaixo, discutiremos o papel de *acabar* nas construções apresentadas.

- C. Quais são as propriedades do verbo *acabar* nas sentenças apresentadas acima?
  - C1. *Acabar* é um verbo auxiliar?
  - C2. Se sim, que tipo de auxiliar ele seria?
  - C3. Se não for um auxiliar, que tipo de verbo é *acabar*?

Abordaremos, então, questões semânticas e sintáticas das sentenças com *acabar* relevantes para esta pesquisa, sob a hipótese inicial de que *acabar* pode ser um verbo auxiliar do tipo aspectual, e pode ser combinado com um auxiliar *ser*, *ficar* ou algum outro verbo na forma gerundiva, implícito.

Para começarmos a responder essas questões, na seção 3.1, consideraremos alguns critérios de auxiliaridade estabelecidos na literatura linguística e apontados em Lunguinho (2009)<sup>21</sup>, mostraremos um estudo sobre os auxiliares do PB feito por Lunguinho (2005), que trata de auxiliares formadores de tempo composto, modais, aspectuais e de voz de passiva<sup>22</sup>, e apontaremos uma diferenciação entre auxiliares e aspectualizadores em estudo feito em Wachowicz (2007); em 3.2, pretendemos considerar essas propostas, bem como os dados em

---

<sup>21</sup> Veja também o trabalho de Ferreira (2009).

<sup>22</sup> Observamos que esse autor analisa *acabar de* como um auxiliar aspectual. No entanto, não fala do *acabar* apresentado nas sentenças em foco neste trabalho.

foco neste trabalho para verificarmos se esse verbo faz parte de algum grupo de auxiliares ou aspectualizadores e oferecermos uma análise sintático-semântica sobre esse uso particular do *acabar*, evidenciando, assim, seu estatuto; finalmente, em 3.3, apontaremos as conclusões deste capítulo.

### ***3.1 Literatura sobre auxiliares e aspectualizadores***

Nesta seção, apresentaremos alguns trabalhos da literatura linguística sobre critérios de auxiliaridade, tipos de auxiliares, e aspectualizadores, para, na seção seguinte, discutirmos nossos dados com *acabar*, com base nesses critérios e testes apontados na literatura.

#### **3.1.1 Critérios de auxiliaridade: Lunguinho (2009)**

Com base em vasta literatura linguística<sup>23</sup>, Lunguinho aponta os seguintes critérios de auxiliaridade:

- i) impossibilidade de complementação finita – é o critério apontado como o mais aceito. Esse critério assume que: “a forma não flexionada que segue um auxiliar não pode ser desdobrada em uma oração completiva finita encabeçada por complementador *que* ou *se*” (Lunguinho, 2009, p. 38), pois se for considerado que os auxiliares e os verbos principais ocorrem em um único domínio oracional, não há lugar para uma segunda oração (completiva);

---

<sup>23</sup> Ver Pontes (1973), Lobato (1971, 1975), Longo (1991), Gonçalves (1992, 1996), Corso (2002), Gonçalves e Costa (2002), e, Longo e Campos (2002).



O autor aponta que esse critério de auxiliaridade exclui da classe de verbos auxiliares os verbos sensitivos, causativos, de aparência, de consecução, de suposição, de tentativa, *dicendi*, volitivos e o modal *saber*, como se poderá ver em seguida.

Os demais critérios estão relacionados ao primeiro, pois resultam da ocorrência de apenas uma oração englobando verbo auxiliar e verbo principal:

- ii) exigência de sujeito único – deve haver apenas um sujeito na oração com verbo auxiliar;

O autor ressalta que por esse critério de auxiliaridade podemos incluir o verbo *estar* na classe dos auxiliares e excluir os grupos dos verbos causativos e dos verbos sensitivos.

- iii) impossibilidade de negação com escopo sob a forma não flexionada – “há lugar para apenas uma negação que vai se referir a todo o conjunto formado pelo auxiliar mais a forma não flexionada” (Lunguinho, *op. cit.*, p. 39);

O autor indica que, por esse critério de auxiliaridade, não podem ser considerados como verbos auxiliares os verbos aspectuais, causativos, de aparência, de consecução, de suposição, de tentativa, *dicendi*, modais, sensitivos e volitivos.

- iv) impossibilidade de adjuntos adverbiais com valores temporais diferentes – A sequência verbal composta por um verbo auxiliar admite apenas um valor temporal;

O autor aponta que esse critério exclui os verbos causativos, de tentativa, modais e volitivos da classe de auxiliares.

- v) impossibilidade de adjuntos adverbiais modificarem parte da sequência verbal – um verbo auxiliar e uma forma não flexionada formam uma unidade sintática e semântica. Um adjunto adverbial só pode modificar a sequência toda;

O autor aponta que esse critério de auxiliaridade exclui os verbos causativos e os *dicendi* da classe de verbos auxiliares.

- vi) transparência de voz<sup>24</sup> – a passivação de um verbo principal, quando na presença de um verbo auxiliar, conserva o conteúdo da sentença ativa correspondente;

Linguinho indica que esse critério exclui uma parte dos verbos aspectuais, os de suposição, os *dicendi* e os volitivos.

- vii) ausência de restrições de seleção quanto ao sujeito – o verbo principal é o responsável pela seleção do sujeito da sentença e não o verbo auxiliar;

Com esse critério, Linguinho mostra que os verbos causativos, de consecução, de tentativa, *dicendi*, sensitivos e volitivos não se comportam como verbos auxiliares. E os modais são ambíguos no que se refere a esse teste.

- viii) ausência de restrições de seleção quanto ao tipo aspectual do complemento – “se os auxiliares são apenas verbos que carregam marcas gramaticais, então se espera que eles não imponham restrições quanto ao tipo aspectual do predicado que lhes segue, ou

---

<sup>24</sup> Veja Hornstein (2003) (*apud* Linguinho, 2009).

seja, eles não impõem nenhum tipo de restrição quanto à natureza aspectual do seu complemento” (Linguinho, 2009, p. 42), combinando-se com as quatro classes de predicados vendlerianas<sup>25</sup>;

Linguinho assume que o uso desse critério impede que os verbos aspectuais, os causativos e os sensitivos sejam considerados verbos auxiliares.

- ix) ausência de flexão no infinitivo – “esse critério só se aplica as perífrases verbais cujos auxiliares se combinam com infinitivo. Seguindo a lógica desse critério, em uma única oração, só um verbo deve ser flexionado em número e pessoa” (Linguinho, 2009, p. 43);

O autor aponta que a aplicação desse critério exclui os verbos causativos, de suposição, *dicendi* e sensitivos da classe dos verbos auxiliares.

- x) impossibilidade de pronominalização do verbo principal e seus argumentos pelo clítico verbal demonstrativo *o* – se for possível substituir uma forma não flexionada por *o*, estamos diante de duas orações com dois verbos principais, e não de uma oração única com um verbo auxiliar (esse critério é bem aplicado no Português Europeu – PE);

Linguinho aponta que esse critério mostra que não se comportam como auxiliares (no PE) os verbos de aparência, de consecução, de tentativa, formador de voz passiva e volitivos. Ele ressalta que esse critério não pode ser usado para identificar os auxiliares do PB, pois, “o

---

<sup>25</sup> Veja Vendler (1967).

clítico verbal demonstrativo, que é a base do critério, não mais existe na gramática dessa língua” (Linguinho, 2009, p. 44).

- xi) subida do clítico – no PE, há a obrigatoriedade da subida do clítico em contextos indutores de próclise. Esse critério “consiste em deslocar o clítico de sua posição original no domínio do verbo principal (ou pleno) para a esquerda do (primeiro) verbo auxiliar presente na oração” (Linguinho, 2009, p. 44);

Linguinho ressalta que com esse critério, apenas *andar, deixar, estar, fazer, ficar, haver, ir + gerúndio, ouvir, sentir, ser, ter, ver e vir + gerúndio* se configuram como auxiliares em PE.

- xii) seleção de objeto NP – verbos que podem selecionar um NP como argumento e, ainda assim, manterem seu sentido não são verbos auxiliares;

Linguinho aponta que esse critério exclui uma parte dos aspectuais, o causativo *fazer*, os verbos de consecução, de tentativa, *dicendi* sensitivos, os modais *odiar* e *abominar*, os sensitivos e os volitivos como parte dos verbos auxiliares.

- xiii) ausência de forma imperativa – os verbos auxiliares são defectivos quanto a algumas formas verbais, como a de imperativo, por exemplo.

O autor aponta que esse critério exclui os verbos aspectuais, os causativos, os de consecução, os de suposição, os de tentativa, os *dicendi*, os sensitivos e os volitivos da classe dos verbos auxiliares. E o verbo *ser* da passiva tem estatuto ambíguo perante esse critério.

Não é nossa intenção aqui delinear toda a proposta de Lunguinho (2009) quanto à caracterização de verbos auxiliares, mas sim levantar os critérios de auxiliaridade mais clássicos apontados na literatura junto com as explicações desse autor sobre o que cada critério exclui desse grupo de verbos. O autor mostra, assim, que esses critérios não são completamente confiáveis, pois não chegam a uma definição concreta para o grupo de verbos auxiliares.

Mostramos logo abaixo um quadro retirado de Lunguinho (2009, p. 46) onde ele aponta em quais trabalhos e por quais autores cada critério foi sugerido ou adotado. Ele separa os dois últimos critérios, pois são aqueles que não se aplicam no PB, mas apenas no PE.

<b>Crítérios de auxiliaridade</b>	
<b>Crítério</b>	<b>Referências</b>
Impossibilidade de complementação finita	Pontes (1973), Lobato (1975), Longo (1991), Gonçalves (1992, 1996), Corso (2002), Gonçalves e Costa (2002), Longo e Campos (2002)
Exigência de sujeito único	Pontes (1973), Lobato (1975), Longo (1991), Corso (2002), Gonçalves e Costa (2002), Longo e Campos (2002)
Ausência de restrição de seleção quanto ao Sujeito	Pontes (1973), Lobato (1975), Longo (1991), Gonçalves (1992, 1996), Gonçalves e Costa (2002), Longo e Campos (2002)
Impossibilidade de adjuntos adverbiais com valores temporais diferentes	Pontes (1973), Lobato (1975), Longo (1991), Gonçalves (1992, 1996), Corso (2002)
Impossibilidade de negação com escopo sob a forma não flexionada	Pontes (1973), Lobato (1975), Gonçalves (1992, 1996), Corso (2002), Gonçalves e Costa (2002)
Transparência de voz	Pontes (1973), Lobato (1975), Gonçalves e Costa (2002)
Impossibilidade de adjuntos adverbiais modificarem parte da seqüência verbal	Pontes (1973), Lobato (1975), Gonçalves e Costa (2002)
Ausência de restrições de seleção quanto ao tipo do verbo seguinte	Lobato (1975), Gonçalves e Costa (2002)
Ausência de flexão no infinitivo	Pontes (1973)
Seleção de objeto NP	Pontes (1973)
Ausência de forma imperativa	
Impossibilidade de pronominalização do verbo e seus argumentos pelo clítico verbal demonstrativo <i>o</i>	Lobato (1975), Gonçalves (1992, 1996), Gonçalves e Costa (2002)
Subida do clítico	Lobato (1975), Gonçalves (1992, 1996), Gonçalves e Costa (2002)

### 3.1.2 Tipos de auxiliares: Lunguinho (2005)<sup>26</sup>

Lunguinho (2005), produzido dentro do quadro teórico da Gramática Gerativa, trata dos auxiliares do PB, mais especificamente, de sua ordem, levando em conta aspectos sintático-semânticos. Sua proposta de análise para os auxiliares os subdivide em auxiliares: a) formadores de tempos compostos; b) modais; c) aspectuais; e, d) formador da voz passiva.

O autor usa um critério sintático (negação) e outro semântico (proximidade semântica entre formas compostas e formas simples dos verbos correspondentes) para explicitar os membros de cada subclasse de verbos auxiliares. No que concerne ao critério sintático, Lunguinho aponta que esse teste de negação permite fazer, no grande grupo dos verbos auxiliares, uma distinção entre: (i) modais/aspectuais, que aceitam mais de uma negação sentencial, como em (161)b/c, respectivamente; e, (ii) formadores de tempos compostos/auxiliar *ser* da voz passiva, que não aceitam mais de uma negação sentencial, como em (161)a/d, respectivamente.

- (161) a. O menino (não) tinha/havia (\*não) completado a tarefa.  
b. A convidada (não) pode (não) chegar agora.  
c. O trabalhador (não) continuou a (não) fazer o trabalho.  
d. A bolsa (não) foi (\*não) roubada. (Lunguinho, 2005, p. 69 e 70)

Entre os formadores de tempos compostos e o auxiliar *ser* da voz passiva, que não aceitam mais de uma negação sentencial, Lunguinho ainda faz mais uma separação utilizando um critério semântico: as perífrases formadas com os auxiliares formadores de tempos compostos não apresentam diferenças semânticas quando algumas das formas compostas são comutadas com as formas simples dos verbos principais correspondentes, como em (162):

---

<sup>26</sup> Veja também Lunguinho (2007).

- (162) a. Elza tinha/havia saído // saíra.  
b. O ladrão entrou quando eu atendia // estava atendendo a cliente.  
c. João vai chegar // chegará em breve. (Linguinho, 2005, p. 70 e 71)

Sobre os auxiliares modais, Linguinho diz que esses verbos se combinam com um infinitivo, e traz exemplos com *poder*, *dever*, e *ter que* (ou *ter de*), como em (163), abaixo, apontando a interpretação semântica de cada auxiliar entre parênteses:

- (163) a. Maria pode sair quando quiser. (permissão)  
b. João pode levantar essa mesa sozinho. (capacidade)  
c. Amanhã pode chover muito forte. (possibilidade)  
d. Márcia deverá pagar as suas dívidas, se quiser ter o nome limpo. (obrigação)  
e. Lá em São Paulo deve estar chovendo. (probabilidade)  
(Linguinho, 2005, p. 125)

Quanto aos auxiliares aspectuais, Linguinho fala sobre alguns verbos tais como *começar*, *continuar*, *voltar*, *acabar de*, *parar*, *terminar*, *viver*, *andar*, e *tornar*, que denotam certas fases do desenvolvimento de um evento: o início, o meio, ou o final, como em (164):

- (164) a. Maria começou a chorar.  
b. O menino continua procurando sua caneta.  
c. Essa professora parou de exigir trabalhos em grupo.

(Linguinho, 2005, p. 96)

Nessa classe de verbos auxiliares, alguns denotam uma porção do esquema temporal interno de uma situação (*começar, continuar, terminar*), enquanto outros denotam circunstâncias relativas a um estado de coisas, como a quantificação, a interrupção, ou a retomada de um evento (*viver, parar, voltar*).

Diferentemente dos verdadeiros auxiliares, os verbos aspectuais não sofreram perda de traços semânticos. Por esse motivo, Lunguinho os caracteriza como verbos lexicais que projetam na sintaxe um sintagma verbal e impõem restrições de seleção aos seus argumentos. O autor afirma que essa caracterização dá conta do fato de os aspectuais conservarem sua interpretação semântica original, e trazerem traços formais para a derivação. Além disso, esse tratamento justifica o fato de “eles projetarem um sintagma verbal e não serem inseridos em núcleos funcionais na estrutura oracional. (...) [também] implica dizer que eles podem selecionar argumento(s) e podem também impor restrições semânticas e sintáticas a esse(s) argumento(s)” (Lunguinho, 2007, p. 149)<sup>27</sup>.

Outra característica de sua análise é que ela leva em conta, por um lado, as possibilidades de combinação dos auxiliares aspectuais com predicados das quatro classes vendlerianas (Vendler, 1967), e, por outro lado, a noção de *fase de evento ou estado de coisas*, que tem sido apontada na literatura como relevante para explicar as possibilidades de combinação dos verbos aspectuais.

Cada uma das classes propostas por Vendler apresenta características aspectuais distintas: assim, “(a) *processos culminados* transcorrem em um dado período de tempo e têm término logicamente definido, isto é, são eventos télicos; (b) os *processos* transcorrem em um

---

<sup>27</sup> Se considerarmos os testes exibidos em Lunguinho (2009), há alguns deles que excluem os aspectuais do grupo dos auxiliares. Mas lembramos que o autor ressalta que esses testes não são completamente confiáveis. Ainda, em comunicação com esse autor, ele nos disse que na dissertação de Mestrado (2005), e na qualificação (2009), ele assumiu que os aspectuais eram auxiliares principalmente por conta de um critério básico que envolve a incapacidade de atribuição de papel- $\theta$ . Ele ainda apontou que, de certa forma, não tratou os aspectuais como um verbo totalmente auxiliar, pois ele mostra que esses verbos conservam muito conteúdo semântico relativo às fases do evento que eles selecionam (início, meio, término...). Assim, parece que o tratamento dado por Lunguinho para esses verbos os aproxima do que é chamado de verbos semi-auxiliares, verbos que não são auxiliares legítimos, mas se aproximam de auxiliares perante a certos testes.



dado período de tempo, mas não apresentam término logicamente definido; (c) as *culminações* não transcorrem em um período de tempo, mas apresentam término logicamente definido; (d) os *estados* não transcorrem em um dado período de tempo nem apresentam término logicamente definido” (Lunguinho, 2005, p. 98). Sobre a noção de *fase* Lunguinho afirma que: “O conceito de fase refere-se às diferentes etapas que um evento apresenta no seu decorrer. Possuir fases ou não está intimamente relacionado à característica aspectual do predicado: apenas estados de coisas dinâmicos apresentam fases, pois só estados de coisas com essa característica necessariamente envolvem algum tipo de mudança” (Lunguinho, 2005, p. 98). Das classes vendlerianas, apenas os estados denotam estados de coisas que não são dinâmicos, as outras três classes são dinâmicas, apresentando fases que conduzem a mudanças de estado.

Lunguinho, então, analisa as possibilidades de combinação de cada verbo aspectual com os predicados das classes vendlerianas, com o intuito de determinar os traços que compõem o constituinte formado pelo auxiliar aspectual + predicado. Ele considera os traços [+dinâmico] (processos, processos culminados e culminações), [+durativo] e [+télico] como relevantes para que os complementos possam formar complexos gramaticais com os auxiliares aspectuais.

(165) *Verbos auxiliares aspectuais: restrições quanto ao seu complemento*

- a. *começar, viver, andar, acabar, continuar*: exigem complementos marcados com o traço [+dinâmico].
- b. *parar*: exige como complementos predicados que transcorrem em um dado período de tempo (processos e processos culminados)<sup>28</sup>.
- c. *terminar*: exige predicados portadores do traço [+télico].

---

<sup>28</sup> Evidência dos traços [+dinâmico, +durativo] que participam da composição de processos e processos culminados.

d. *voltar, tornar*: não fazem restrição alguma quanto à natureza dos seus complementos. (Linguinho, 2005, p. 111)

Em relação aos exemplos em (165)a, o autor aponta que, em alguns casos, é possível combinar um estado com os auxiliares aspectuais. Isso se dá apenas quando esses predicados de estado podem ser interpretados como dinâmicos. Ele aponta que Cunha (2004) propõe a existência de um traço [ $\pm$ faseável]: estados faseáveis são aqueles que podem apresentar um uso em que são interpretados como processos e, aí, podem se combinar com os aspectuais; enquanto os estados não-faseáveis não podem receber tal interpretação, e ficam agramaticais com tais verbos. Linguinho (2005, p. 99) aponta o exemplo (166), no qual *ser loira* é considerado um estado [ $+$ faseável] trazendo a leitura de que Carol se comportou de uma certa maneira que a classifica como loira.

(166) Carol começou a ser loira.

Em relação aos exemplos em (165)c, o autor aponta que: “Alguns predicados de processo são gramaticais com *terminar* porque eles adquirem a interpretação de evento [ $+$ télico], satisfazendo, assim, as exigências necessárias para poder ocorrer com esse verbo aspectual”. (Linguinho, 2005, p.102). Ele dá exemplos como: *Marcelo terminará de correr daqui a pouco*, do qual é necessário que seja inferida uma culminação, como *Marcelo deve correr por X horas ou quilômetros*; assim, terminado o tempo ou o percurso, pode-se dizer que ele *terminou de correr*. Quanto às culminações, ele diz que a interpretação focaliza fases de desenvolvimento do evento denotado pelo predicado. Ele dá exemplos como: *A planta terminou de morrer*, onde a leitura é a de que a planta foi morrendo aos poucos, até que culminou com a morte total da planta no final.

No entanto, no que concerne à classe vendleriana do constituinte formado pelo auxiliar aspectual e pelo predicado em questão, o autor observou o seguinte:

(167) *Traços do constituinte formado por [verbo auxiliar aspectual – predicado]*

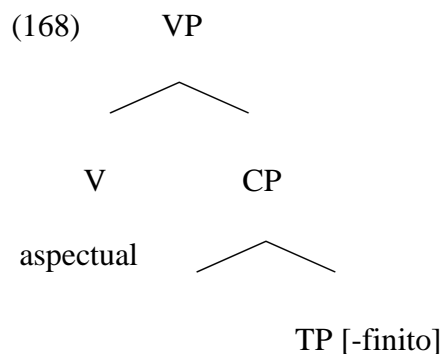
- a) O constituinte formado pelos auxiliares *começar, terminar, acabar, parar, voltar e tornar* é portador de um traço [+dinâmico].
- b) O constituinte formado pelos auxiliares aspectuais *continuar, viver e andar* são portadores de um traço [-dinâmico]. (Linguinho, 2005, p. 111)

No primeiro caso, o traço [+dinâmico] do constituinte decorre do fato de ele envolver a noção de mudança de fase. Por outro lado, as sequências formadas com *continuar, viver* ou *andar* são interpretadas como situações desprovidas de dinamismo interno, caracterizadas, portanto, pela ausência da noção de mudança de fase.

Para a descrição da estrutura sintática do complemento dos verbos auxiliares aspectuais que são seguidos de uma preposição, Linguinho adota as propostas de Gonçalves (1996) e de Oliveira, Cunha, Matos & Gonçalves (2001) que consideram que esses verbos “...(como *começar a V, parar de V, viver a V*) selecionam um complemento da categoria CP (Sintagma Complementador), cujo núcleo é ocupado por essa preposição<sup>29</sup>. Além disso, esse CP contém um TP caracterizado por ser [-finito]. A existência desse TP é reforçada pelos fatos sobre a negação sentencial vistos acima” (Linguinho, 2005, p. 122 e 123), pois a negação é dependente de um núcleo T° na estrutura sentencial. Dessa forma, pode-se dizer que os aspectuais seguidos de uma preposição selecionam um núcleo T° [-finito] como complemento, como em (168):

---

<sup>29</sup> Veja também Ferreira (2009). Essa autora mostra que a preposição com alguns verbos não barra a subida do argumento do verbo encaixado. Ela aponta que o “complemento gerúndio pode ser parafrazeado muitas vezes por um complemento encabeçado pela preposição *a*” (Ferreira, 2009, p. 137). Essas paráfrases mostram que a preposição, nesses casos, tem valor aspectual equivalente aquele expresso pelo gerúndio. Assim, a preposição não barra a subida do argumento do verbo encaixado por conta de seu valor aspectual.



(Lunguinho, 2005, p. 123)

Quanto à dependência morfossintática, Lunguinho afirma que os verbos aspectuais sempre selecionam como complemento um verbo no infinitivo e alguns selecionam também um gerúndio. Essa dependência morfossintática é tratada pelo autor como o resultado da combinação dos traços dos verbos aspectuais (traço [imperfectivo] – o único aspecto que permite subdivisão em fases) com o traço do próprio constituinte formado a partir de um verbo aspectual. Mais especificamente, quando o aspectual for o núcleo de um constituinte [+dinâmico], ele seleciona um infinitivo; quando o aspectual for o núcleo de um constituinte [-dinâmico], poderá selecionar duas formas, infinitivo e gerúndio.

Finalmente, uma palavra sobre o auxiliar formador da voz passiva. Lunguinho aponta que entre várias propostas de tratamento para a formação de voz passiva, observam-se dois pontos em comum para todas elas: i) a necessidade de que um verbo seja transitivo para poder ser passivizado, e ii) o fato de que a passivização altera a distribuição dos argumentos do predicado na sentença, ou seja, o fato de que o objeto lógico vai aparecer na posição de sujeito superficial na passiva, e o sujeito lógico pode aparecer na *by phrase*.

- (169) a. Maria foi vista (por Paulo).  
 b. Marina é admirada (pelos fãs).  
 c. \*Maria foi corrida.

- d. \*Jorge foi tossido.
- e. \*O bebê foi nascido.
- f. \*O sol foi amanhecido.
- g. \*O sorvete foi gostado pela menina.
- h. \*Essa idéia é concordada pela Maria. (Linguinho, 2005, p. 145)

Nesses exemplos, as passivas são gramaticais apenas com os verbos transitivos diretos, em (169)a,b mas não com os verbos inergativos, como em (169)c,d, inacusativos, como em (169)e,f, e transitivos indiretos, como em (169)g,h.

Ele mostra que também é possível formar passivas com os verbos bitransitivos e os verbos que selecionam uma SC (*Small Clause*):

- (170) a. A explosão foi relacionada a um ato criminoso.
- b. Leonardo foi considerado incapaz para o cargo. (Linguinho, 2005, p. 146)

Mostra, ainda, que nem todos os verbos transitivos diretos formam passivas:

- (171) \*Dois anéis são tidos por essa caixa. (Linguinho, 2005, p. 146)

Assim, Linguinho aponta que “para a derivação da voz passiva, as línguas utilizam um tipo de informação léxico-estrutural contida nos radicais verbais, por exemplo, a classe a que pertence o verbo e o tipo de argumentos desse verbo” (Linguinho, 2005, p. 146).

### 3.1.3 Auxiliares vs. Aspectualizadores: Wachowicz (2007)<sup>30</sup>

Nesse artigo, Wachowicz analisa perífrases verbais e os papéis que os verbos constituintes desempenham nessas perífrases com o intuito de apresentar critérios semânticos, sintáticos e diacrônicos para a distinção entre duas categorias de verbos: a dos auxiliares e a dos aspectualizadores. A autora busca diferenças entre os verbos *estar/ter*, que ela acredita ter menos semântica e chama de auxiliares, e os verbos *começar/acabar de*, que ela considera mais lexicalmente carregados e chama de aspectualizadores. Os verbos *ficar/continuar* ela chama de intermediários. As hipóteses desse trabalho são:

- i) “os verbos auxiliares estão em processo de gramaticalização em perífrases do PB; os aspectualizadores não;
- ii) os auxiliares perdem transitividade e capacidade de atribuição temática, mantendo, por persistência semântica, os traços de accionalidade, enquanto os aspectualizadores, especialmente os de accionalidade pontual, não perdem transitividade, e a capacidade de atribuição temática é mantida por um complemento direto com denotação eventiva ou de intervalo de tempo; e,
- iii) sob a perspectiva teórica, os auxiliares denotavam eventualidades, e a relação entre os intervalos correspondentes aos dois verbos na perífrase é de inclusão. Os aspectualizadores, por sua vez, denotam operadores sobre eventualidades, que, por sua vez, são denotadas pelo complemento direto; a relação aqui é de restrição”.

(Wachowicz, 2007, p. 2)

Wachowicz mostra tratamentos da literatura sobre perífrases verbais e o papel dos verbos constituintes e afirma que o que se vê é um quadro terminológico sem muito consenso.

---

<sup>30</sup> Utilizamos também a tradução desse artigo em Wachowicz (manuscrito sem data).

A autora aponta que, em uma teoria sintático-descritiva, “Perini (1989, p. 228-239) associa a categorização do verbo auxiliar à estrutura de voz passiva. Perífrases com auxiliar movem-se em bloco na transformação para passiva..., enquanto outras locuções não aceitam a passiva...” (Wachowicz, 2007, p. 3), como nos exemplos abaixo:

(172) a. João tem pintado casas no centro.

→ Casas no centro tem sido pintadas pelo João.

b. João mandou pintar casas no centro.

→ ? Casa no centro foram mandadas ser pintadas por João.

(Wachowicz, 2007, p. 4)

Wachowicz aponta três testes de natureza sintática para a verificação de um auxiliar: i) o teste dos sujeitos diferentes, como em (173); ii) o teste do escopo da negação, como em (174); e, iii) o teste de alterações semânticas de V1 com intercalações de locativos, como em (175):

(173) a. João mandou seu irmão entrar. (mandar não é auxiliar)

b. ? O aluno tinha seu irmão saído. (ter é auxiliar) (Wachowicz, 2007, p. 4)

(174) a. Ele acabou não comprometendo a mulher. (acabar não é auxiliar)

b. ? Ele estão não comprometendo a mulher. (estar é auxiliar)

(Wachowicz, 2007, p. 4)

(175) a. José começou aqui em Curitiba a nadar em piscina fria. (começar continua com o seu significado)

b. José está na janela parado olhando o desfile passar. (estar resgata seu sentido de verbo pleno) (Wachowicz, 2007, p. 4)

Dos três testes apresentados, o teste dos sujeitos diferentes e o teste do escopo da negação já foram apontados na subseção 3.1.1, critérios ii) e iii) (Lunguinho, 2009). A autora considera esse terceiro teste apontado acima o mais interessante, pois mostra que “os auxiliares estão em processo de gramaticalização, que pode exibir diferentes fases num mesmo corte sincrônico, enquanto os aspectualizadores não” (Wachowicz, 2007, p. 4). A intercalação de locativos ajuda a retomar o sentido de verbo pleno do auxiliar *estar*, por exemplo.

A autora discute que, de acordo com Squartini (1998), os verbos auxiliares têm aspecto e é o traço aspectual persistente no auxiliar que vai contribuir para sua produtividade em uma língua.

Ela mostra a distinção de Verkuyl (1999: 82-92) para os verbos aspectualizadores e auxiliares. Aquele autor assume que os aspectualizadores “por promoverem uma restrição na predicação da sentença: *begin, stop, finish, complete, keep, continue* são verbos que operam sobre do (sic) intervalo de tempo denotado pelo verbo principal. Sobretudo os aspectualizadores de valor pontual (*begin, stop, finish, complete*) serão verbos que ‘diminuem’ o tamanho desse intervalo” (Wachowicz, 2007, p. 4). Ainda, ela aponta que não é necessário que os aspectualizadores estejam em perífrases para promover essa restrição, como em (176):

(176) John began a book.

John começar *pass.* um livro.

(Pustejovsky, 1996, apud Wachowicz, 2007, p. 5)



Ela conclui essa seção assumindo que os auxiliares eram verbos plenos, mas perderam semântica lexical e agora entram em gramaticalização em perífrases; já os aspectualizadores “denotam mais operações sobre outras eventualidades e não estão em processo de gramaticalização” (Wachowicz, 2007, p. 5).

Para detectar as diferenças entre verbos auxiliares e verbos aspectualizadores, Wachowicz propõe os seguintes testes:

- i) Os verbos auxiliares, como *ter* e *estar*, apresentam comportamento algumas vezes como verbo pleno, outras como verbo auxiliar, como nos exemplos abaixo:

(177) Aquelas cousas que tem aparelhadas. (Matto-e-Silva, 1989, apud Wachowicz, 2007, p. 5) / João tem a casa pintada (Cardoso e Pereira, 2003, apud Wachowicz, 2007, p. 5).

(178) João tem pintado a casa todos os anos. (Wachowicz, 2007, p. 5)

- ii) Os verbos auxiliares, como *estar* e *vir*, recuperam seu sentido como verbo pleno quando junto de locativos, como em (179) e (180):

(179) As crianças estão sempre em volta me pedindo pra contar historinhas.

(180) Muitas pessoas vêm pra cá tentando abrir postos.

(VARSUL/PR, apud Wachowicz, 2007, p. 5).

- iii) Tanto os verbos auxiliares como os verbos aspectualizadores ocorrem como verbo pleno quando em estruturas mono-sentenciais, mas os aspectualizadores apresentam alternância causativa, como vemos nos exemplos a seguir:

(181) a. João tem muitos amigos./ \* Muitos amigos tem com o João.

b. O compositor está no palco./ \* No palco está com o compositor.

c. João começou o livro./ OK O livro começou com o João.

d. O professor acabou a aula./ OK A aula acabou com o professor.

(Wachowicz, 2007, p. 5)

- iv) Os verbos auxiliares que perderam transitividade não permitem perguntas recuperando seu complemento, mesmo que circunstancial. Os verbos aspectualizadores permitem perguntas que resgatam sua transitividade, como nos exemplos abaixo:

(182) a. Maria está pensando nisso.

? Onde Maria está?/ OK Em que Maria pensa?

b. João tem pintado casas.

? O que João tem?/ OK O que João pinta?

c. João começou a pintar casas.

OK O que João começou?/ OK O que João pinta?

d. Maria acabou de escrever o livro.

OK O que Maria acabou?/ OK O que Maria escreve? (Wachowicz, 2007, p. 6)

- v) “As perífrases com auxiliares têm menor aceitação da negação no meio da perífrase... (Castilho 2003, apud Wachowicz, 2007, p. 6)”, como vemos nos exemplos abaixo:

- (183) a. ? João tem não comprado livros.  
b. ? Maria está não concorrendo ao prêmio.  
c. João acabou não comprando o livro.  
d. Maria começou não aceitando o prêmio. (Wachowicz, 2007, p. 6)

Finalizando, a autora distingue entre os auxiliares, que:

- a) “denotavam eventualidades estativas e entram em gramaticalização;
- b) mantém por persistência semântica os traços de accionalidade...;
- c) perdem transitividade e atribuição temática; e,
- d) denotam intervalos de tempo durativos dentro dos quais se inclui o(s) intervalo(s) do verbo principal (Wachowicz 2005)”. (Wachowicz, 2007, p. 7)

E os aspectualizadores, que:

- a) “não denotam eventualidades, nem tampouco as pontuais (achievements) (Vendler 1967, Dowty 1979) e não estão em gramaticalização;
- b) não perdem transitividade e selecionam complemento eventivo ou temporal;
- c) a atribuição temática é feita pelo evento denotado pelo complemento direto; e,
- d) denotam operadores sobre os eventos denotados pelo complemento direto, como restritores de intervalos (Verkuyl 1999)”. (Wachowicz, 2007, p. 7)

## 3.2 Verificações sobre acabar

Nesta seção, pretendemos verificar o estatuto do verbo *acabar*. Considerando as propostas apontadas acima, bem como os dados em foco neste trabalho, pretendemos buscar uma análise sintático-semântica sobre esse uso particular do *acabar*, e verificarmos se esse verbo faz parte de algum grupo de auxiliares ou aspectualizadores, evidenciando, assim, seu estatuto.

### 3.2.1 *Acabar* como verbo auxiliar

Primeiramente, veremos se *acabar* passa pelos critérios de auxiliaridade apontados por Lunguinho (2009) e pode, de fato, ser considerado um verbo auxiliar. Lembramos que aqueles critérios em x) e xi) não se aplicam no PB, os demais são exemplificados abaixo com nossas sentenças com *acabar*. Para tanto, consideraremos as sentenças de (1) a (6), repetidas a baixo:

(184) O João acabou **na cadeia**.

(185) O João acabou **dono de restaurante**.

(186) A Ana demorou tanto que o João acabou **furioso**.

(187) O João acabou **enfurecido** pela Ana.

(188) A demora da reunião acabou **enfurecendo** os participantes.

(189) A demora da reunião acabou **por enfurecer** os participantes.

i) impossibilidade de complementação finita:

- (190) a. O João acabou [ficando na cadeia]<sup>31</sup>.  
a'. O João acabou [que ficou na cadeia].  
b. O João acabou [tornando-se dono de restaurante].  
b'. O João acabou [que se tornou dono de restaurante].  
c. A Ana demorou tanto que o João acabou [ficando furioso].  
c'. A Ana demorou tanto que o João acabou [que ficou furioso].  
d. O João acabou [enfurecido pela Ana].  
d'. O João acabou [que foi enfurecido pela Ana].  
e. A demora da reunião acabou [enfurecendo os participantes].  
e'. A demora da reunião acabou [que enfureceu os participantes].  
f. A demora da reunião acabou [por enfurecer os participantes].  
f'. A demora da reunião acabou [que enfureceu os participantes].

Por esse critério de auxiliaridade, *acabar* não poderia ser considerado um verbo auxiliar, já que permite complementação finita.

- ii) exigência de sujeito único:

- (191) a. O João acabou na cadeia.  
a'. \*O João acabou [a Maria na cadeia].  
b. O João acabou dono de restaurante.  
b'. \*O João acabou [o Pedro dono de restaurante].  
c. A Ana demorou tanto que o João acabou furioso.  
c'. \*A Ana demorou tanto que o João acabou [o Pedro furioso].

---

<sup>31</sup> Nos três primeiros exemplos, inserimos um verbo retirado das paráfrases com *acabar*, para que o teste pudesse ser aplicado.

- d. O João acabou enfurecido pela Ana.
- d'. \*O João acabou [o Pedro enfurecido pela Ana].
- e. A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes.
- e'. \*A demora da reunião acabou [a fila enorme enfurecendo os participantes].
- f. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.
- f'. \*A demora da reunião acabou [a fila enorme por enfurecer os participantes].

Já por esse critério de auxiliaridade, poderíamos incluir o verbo *acabar* na classe dos auxiliares, pois há um sujeito único. O sujeito da oração principal parece ser alçado da proposição selecionada por *acabar*, de forma que outro sujeito não caberia naquela posição.

- iii) impossibilidade de negação com escopo sob a forma não flexionada:

Para que esse critério possa ser verificado, consideramos apenas os exemplos das sentenças em análise que apresentam verbos, ou seja, aquelas em (4), (5) e (6), como vemos abaixo:

- (192) a. O João acabou enfurecido pela Ana.
- a'. O João acabou [não enfurecido pela Ana].
- b. A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes.
- b'. A demora da reunião acabou [não enfurecendo os participantes].
- c. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.
- c'. A demora da reunião acabou [por não enfurecer os participantes].

Todos esses dados parecem ser gramaticais com a negação com escopo sob a forma não flexionada. Assim, perante esse critério, *acabar* não parece se comportar como um verbo auxiliar.

iv) impossibilidade de adjuntos adverbiais com valores temporais diferentes:

(193) a. O João acabou na cadeia.

a'. \*Hoje, o João acabou na cadeia amanhã.

b. O João acabou dono de restaurante.

b'. \*Hoje, o João acabou dono de restaurante amanhã.

c. A Ana demorou tanto que o João acabou furioso.

c'. \*Hoje, a Ana demorou tanto que o João acabou furioso amanhã.

d. O João acabou enfurecido pela Ana.

d'. \*Hoje, o João acabou enfurecido pela Ana amanhã.

e. A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes.

e'. \*Hoje, a demora da reunião acabou enfurecendo os participantes amanhã.

f. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.

f'. \*Hoje, a demora da reunião acabou por enfurecer os participantes amanhã.

Por esse critério de auxiliaridade poderíamos incluir o verbo *acabar* na classe dos auxiliares.

v) impossibilidade de adjuntos adverbiais modificarem parte da sequência verbal:

- (194) a. O João acabou na cadeia em 1999.
- a'. Em 1999, o João acabou na cadeia.
- a''. O João acabou, em 1999, na cadeia.
- b. O João acabou dono de restaurante em 2001.
- b'. Em 2001, o João acabou dono de restaurante.
- b''. O João acabou, em 2001, dono de restaurante.
- c. A Ana demorou tanto que o João acabou furioso ontem.
- c'. A Ana demorou tanto que ontem o João acabou furioso.
- c''. ?A Ana demorou tanto que o João acabou, ontem, furioso.
- d. O João acabou enfurecido pela Ana no sábado.
- d'. No sábado, João acabou enfurecido pela Ana.
- d''. O João acabou, no sábado, enfurecido pela Ana.
- e. A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes ontem.
- e'. Ontem, a demora da reunião acabou enfurecendo os participantes.
- e''. ?A demora da reunião acabou, ontem, enfurecendo os participantes.
- f. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes ontem.
- f'. Ontem, a demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.
- f''. ?A demora da reunião acabou, ontem, por enfurecer os participantes.

Não temos um resultado conclusivo para esse teste. Muito exemplos são gramaticais, mas c'', e'' e f'' não o são. Dessa forma, *acabar* mostra em algumas sentenças um comportamento de verbo auxiliar, em outras não.



vi) transparência de voz: por esse critério, se *acabar* for um auxiliar, deveremos esperar que a apassivação de seu complemento conserve o conteúdo da sentença ativa correspondente:

Os dois primeiros exemplos não apresentam um verbo que possa ser passivizado junto ao auxiliar, então, para esse critério, consideraremos apenas aqueles exemplos de (3) a (6).

- (195) a. A Ana demorou tanto que o João acabou furioso.  
a'. A Ana demorou tanto que o João acabou ficando furioso.  
b. O João acabou enfurecido pela Ana.  
b'. O João acabou sendo enfurecido pela Ana.  
c. A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes.  
c'. Os participantes acabaram sendo enfurecidos pela demora da reunião.  
d. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.  
d'. Os participantes acabaram sendo enfurecidos pela demora da reunião.

Nos casos nos quais é possível a apassivação do complemento de *acabar*, a sentença conserva o conteúdo da sentença ativa correspondente. Assim, mais uma vez *acabar* apresenta comportamento de um verbo auxiliar.

vii) ausência de restrições de seleção quanto ao sujeito:

- (196) a. O João acabou na cadeia.  
a'. \*A pedra acabou na cadeia.

- b. O João acabou dono de restaurante.
- b'. \*O chiuaua acabou dono de restaurante.
- c. A Ana demorou tanto que o João acabou furioso.
- c'. \*A Ana demorou tanto que o carpete acabou furioso.
- d. O João acabou enfurecido pela Ana.
- d'. \*O tijolo acabou enfurecido pela Ana.
- e. A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes.
- e'. \*A pedra acabou enfurecendo os participantes.
- f. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.
- f'. \*A pedra acabou por enfurecer os participantes.

O verbo *acabar* não está impondo restrições de seleção ao sujeito, mas sim o predicado que o segue. Assim, por mais esse critério, *acabar* pode ser considerado um auxiliar.

viii) ausência de restrições de seleção quanto ao tipo aspectual do complemento:

- (197) a. O João acabou correndo. (atividade)
- b. O João acabou lendo o livro. (*accomplishment*)
- c. O João acabou descobrindo a solução. (*achievement*)
- d. O João acabou sendo o herói da turma. (estado)

Esse é mais um critério de acordo com o qual *acabar* parece apresentar comportamento de verbo auxiliar.

ix) ausência de flexão no infinitivo:

Esse teste se aplica apenas a sentenças que tenham o infinitivo como complemento. Então, consideraremos apenas a sentença em (6) para observarmos se esse critério se verifica.

(198) a. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.

a'. \*Os atrasos da reunião acabaram [por enfurecerem os participantes].

Isso remete a um exemplo apontado por Carlos Miotto<sup>32</sup> à orientadora desta dissertação:

(199) a. As flores acabam por ser frágeis. (acabaram sendo frágeis)

b. As flores acabam por serem frágeis. (acabaram porque são frágeis)

Nesse exemplo, fica bem claro que, quando há um infinitivo flexionado, a leitura de *acabar* é outra, ou seja, é aquela apontada em (16), repetida abaixo:

(200) O João acabou nesses últimos anos.

A interpretação que se tem é a de que a pessoa ou coisa envelheceu, ficou com a aparência acabada, velha, feia. No exemplo em (199)b, a interpretação que se tem também é a de que as flores envelheceram, ficaram com a aparência acabada, velhas, feias. Nesse caso, *acabar* não traz para a sentença a leitura de que *no fim das contas, alguma coisa aconteceu*. O infinitivo que o segue pode, então ser flexionado, já que não se configura em seu

---

<sup>32</sup> Comunicação pessoal com Ana Paula Scher.

complemento, mas participam de uma oração encaixada, que apresenta a razão pela qual as flores acabaram. Em (199)a, por sua vez, a leitura de que *no fim das contas, alguma coisa aconteceu*, está presente e, nesses caso, a flexão não pode estar presente no infinitivo, que ocorre na posição de complemento de *acabar*.

Mais uma vez, então, o verbo *acabar* em foco nesta dissertação apresenta característica compatível com o que é posto para os verbos auxiliares.

Os critérios x) e xi) aplicam-se apenas no PE, não no PB.

xii) seleção de objeto NP:

Para esse critério, consideramos apenas o exemplo em (2), no qual *acabar* tem um NP como complemento.

(201) O João acabou dono de restaurante.

Nesse exemplo, *acabar* tem como complemento um NP, mas não mantém seu sentido de verbo pleno, de *terminar algo*. Parece, então, funcionar como verbo auxiliar.

Em exemplos que não estão em foco neste trabalho, como verbo inacusativo ou verbo pleno, como em (10) e (11) repetidos abaixo, *acabar* manteria seu sentido de verbo pleno e não seria considerado um auxiliar perante esse teste.

(202) O leite acabou.

(203) A Ana acabou a lição de casa.

xiii) ausência de forma imperativa:

(204) a. O João acabou na cadeia.

a'. \*Acabe o João na cadeia.

b. O João acabou dono de restaurante.

b'. \*Acabe o João dono de restaurante.

c. A Ana demorou tanto que o João acabou furioso.

c'. \*Acabe o João furioso.

d. O João acabou enfurecido pela Ana.

d'. \*Acabe o João enfurecido pela Ana.

e. A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes.

e'. \*Acabe a demora da reunião enfurecendo os participantes.

f. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.

f'. \*Acabe a demora da reunião por enfurecer os participantes.

Finalmente, tem-se mais uma característica dos verbos auxiliares que se mostra compatível com o verbo *acabar*.

Logo abaixo, apresentamos um resumo dos critérios de auxiliaridade apresentados junto com o resultado que tivemos para *acabar*:

<b>Critérios de auxiliaridade</b>	<b><i>Acabar</i> apresenta comportamento de auxiliar perante esse critério?</b>
i) impossibilidade de complementação finita	Não
ii) exigência de sujeito único	Sim
iii) impossibilidade de negação com escopo sob a forma não flexionada	Não
iv) impossibilidade de adjuntos adverbiais com valores temporais diferentes	Sim

v) impossibilidade de adjuntos adverbiais modificarem parte da sequência verbal	Inconclusivo
vi) transparência de voz	Sim
vii) ausência de restrições de seleção quanto ao sujeito	Sim
viii) ausência de restrições de seleção quanto ao tipo aspectual do complemento	Sim
ix) ausência de flexão no infinitivo	Sim
x) impossibilidade de pronominalização do verbo principal e seus argumentos pelo clítico verbal demonstrativo <i>o</i>	Não se aplica no PB
xi) subida do clítico	Não se aplica no PB
xii) seleção de objeto NP	Sim
xiii) ausência de forma imperativa	Sim

Podemos observar que, apenas perante o primeiro e o terceiro testes *acabar* não se comportou como um verbo auxiliar, dois testes não se aplicaram no PB, e um foi inconclusivo. Os outros sete testes corroboram o estatuto de verbo auxiliar para *acabar*.

Por conta desse comportamento irregular que o verbo *acabar* apresenta, pensamos em duas possibilidades: ou esse verbo deverá ser considerado um semi-auxiliar<sup>33</sup>, apresentando algumas das características típicas dos verbos auxiliares, mas não todas; ou será considerado, de fato, um verbo auxiliar, e alguns dos testes não foram compatíveis pelo fato desses testes não serem completamente conclusivos, como apontado por Lunguinho (2009).

Para definirmos e concluirmos esse ponto, decidimos prosseguir, então, tentando verificar se *acabar* se comporta, completamente ou parcialmente, como algum dos tipos de auxiliares descritos em Lunguinho (2005). Procuraremos identificar, com base na descrição apresentada por esse autor, as propriedades das sentenças com *acabar*, ilustradas de (1) a (6), neste trabalho.

Na introdução, ao descrevermos os dados relevantes para esta pesquisa, sugerimos que a possibilidade de realização de *ser/ficar* na forma gerundiva em paráfrases para as sentenças com *acabar*, como apontamos nos exemplos de (33) à (37), indica que há uma leitura não-

<sup>33</sup> Alexiadou (2005) chama de semi-lexical, mas, nesta dissertação, acompanharemos a terminologia usada em Travaglia (2004b).

agentiva por trás dessas construções, uma vez que, como vimos no capítulo anterior<sup>34</sup>, esses auxiliares são comumente formadores de construções passivas. Assim, nossa hipótese inicial é que *acabar* pode ser um verbo auxiliar, ou semi-auxiliar, do tipo aspectual, que pode ser combinado com um auxiliar *ser* ou *ficar* na forma gerundiva, implícito, e traz leituras não-agentivas para as sentenças em que ocorre. Os exemplos em (205) também evidenciam uma leitura aspectual para o verbo *acabar*, além de trazerem alguns dos auxiliares mais comuns formadores de voz passiva, *ser* ou *ficar*, ocorrendo nas paráfrases para as sentenças com *acabar*, podendo, portanto, constituir evidência preliminar para a hipótese inicial.

- (205) a. O João **acabou** na cadeia.
- a'. **No fim das contas** o João **ficou** na cadeia.
- b. O João **acabou** dono de restaurante.
- b'. **No fim das contas** o João **é (foi)** dono de restaurante.
- c. A Ana demorou tanto que o João **acabou** furioso.
- c'. **No fim das contas** o João **ficou** furioso.
- d. O João **acabou** enfurecido pela Ana.
- d'. **No fim das contas** o João **foi** enfurecido pela Ana.
- e. A demora da reunião **acabou** enfurecendo os participantes
- e'. **No fim das contas** a demora da reunião fez os participantes **ficarem** enfurecidos.

---

<sup>34</sup> Para mais tratamentos dos auxiliares citados, vejam: i) Negrão et al (2005), que apresenta testes sintáticos de verbos que podem figurar na passiva sintática, com *ser*, e/ou na passiva adjetival, com *ficar*; ii) Barreiro (1998), que trata de construções com particípio passado, entre elas, construções com *ser*, *estar*, e *ficar*, formadores de voz passiva no PE; iii) Negrão e Viotti (2008), que trata da sintaxe de algumas formas de impessoalização do PB (as autoras falam sobre construções passivas sintéticas e sentenças impessoais construídas com alternância causativa, as quais acreditam estar em uma posição intermediária no contínuo da impessoalização. Sua hipótese é que a versão impessoal das alternâncias apresenta uma estrutura semelhante àquela encontrada nas sentenças passivas no quimbundo. Ainda, trazem exemplos de passivas verbais analíticas (com *ser*) e sintéticas, e passivas adjetivas (com *ficar*)); e, iv) Soares (2008), que traz um estudo sobre a formação de passivas do inglês, e inicia uma investigação sobre passivas adjetivas no português angolano buscando diferenciar os tipos de passivas, adjetivais e verbais, com os auxiliares *ser*, *estar*, e *ficar*.

f. A demora da reunião acabou **por enfurecer** os participantes.

f'. **No fim das contas** a demora da reunião fez os participantes **ficarem** enfurecidos.

Para proceder à verificação dessa hipótese, usaremos os testes propostos por Lunguinho (2005), buscaremos identificar que tipo de auxiliar *acabar* é e se é, de fato, um verbo auxiliar. Apresentaremos essa análise abaixo, subdividida em testes para os exemplos que vimos analisando.

Primeiramente, observamos que Lunguinho (2005) afirma que os verbos auxiliares aspectuais conservam muito de seu sentido original. Nas sentenças em foco nesta pesquisa, há uma leitura de *no final das contas algo aconteceu, a situação terminou de tal forma*, como mostramos nas paráfrases dos exemplos linha ('), em (205), e reforçamos com mais algumas paráfrases em (206):

- (206) a. **A situação terminou com** o João **ficando** na cadeia.
- b. **A situação terminou com** João **sendo** dono de restaurante.
- c. **A situação terminou com** o João **ficando** furioso.
- d. **A situação terminou com** o João **sendo** enfurecido pela Ana.
- e. **A situação terminou com** a demora da reunião **enfurecendo** os participantes.

Em (10) e (11), mostramos dois exemplos de *acabar* com seu sentido original, de verbo pleno, repetidos abaixo, junto de suas respectivas paráfrases:



(207) a. O leite **acabou**.

a'. O leite **terminou**.

(208) a. A Ana **acabou** a lição de casa.

a'. A Ana **terminou/concluiu** a lição de casa.

Com base nos exemplos de (206) a (208), então, podemos dizer que *acabar* mantém, nas sentenças de (1) a (5), um pouco de seu sentido original (de verbo pleno), já que, todos os exemplos podem referir-se a algo que *terminou*. Se o *acabar*, de fato, mantém o significado de *acabar* lexical, nossa previsão é a de que os testes a seguir apontem que o verbo *acabar* apresenta comportamento sintático-semântico de um auxiliar aspectual. A julgar pela interpretação não-agentiva nessas sentenças, similar à interpretação de sentenças passivas, no entanto, também poderíamos esperar que *acabar* apresentasse comportamentos sintático-semânticos de um auxiliar formador de passiva, sugerindo algum tipo de proximidade entre os dois tipos de auxiliares que Lunguinho (2005) tratou separadamente. No entanto, algumas observações iniciais já mostraram não ser esse o caso, já que, além de não apresentar as propriedades descritas na literatura para as construções passivas, diferentemente do que ocorre com *ser*, na formação da passiva, *acabar* admite várias outras formas, além do particípio, em seu complemento, como já apontamos.

Para avaliar a correção da previsão feita acima, primeiramente, testaremos nossos dados com um critério sintático; em outros termos, verificaremos o comportamento de *acabar*, nas sentenças em exame, com relação à negação, já que Lunguinho (2005) observou que, por um lado, os auxiliares formadores de tempos compostos e o auxiliar formador de voz passiva são os únicos auxiliares que admitem apenas uma negação sentencial, e por outro

lado, os auxiliares aspectuais e os auxiliares modais permitem mais de uma negação sentencial.

Os dados considerados nos exemplos de (209) a (214), abaixo, correspondem a aqueles apresentados nos exemplos de (1) a (6):

(209) O João (não) acabou (\*não) na cadeia.

(210) O João (não) acabou (\*não) dono de restaurante.

(211) O João (não) acabou (\*não) furioso.

(212) a. O João (não) acabou (não) enfurecido pela esposa.

b. O João não acabou (?não) enfurecido pela esposa

(213) a. A demora da reunião (não) acabou (não) enfurecendo os participantes.

b. A demora da reunião não acabou (?não) enfurecendo os participantes.

(214) a. A demora da reunião (não) acabou por (não) enfurecer os participantes.

b. A demora da reunião não acabou por (?não) enfurecer os participantes.

O teste da negação nos mostra que existe uma semelhança estrutural entre os três primeiros usos do *acabar*, de (209) a (211), com *acabar* + *PP* / *NP* / *adjetivo*, e a estrutura dos auxiliares formadores de tempo composto e auxiliares formadores de passiva, sugerindo que existe apenas um domínio oracional TP na estrutura desses auxiliares e desses usos do *acabar* também. Já os exemplos de (212) a (214), com *acabar* + *particípio* / *gerúndio* / [*por*] *infinitivo*, podem permitir mais de uma negação, o que os aproxima mais de um auxiliar aspectual ou modal do que de um auxiliar formador de voz passiva ou dos auxiliares formadores de tempos compostos. Temos, inicialmente, então, uma distinção inesperada de comportamento sintático entre as sentenças com *acabar* que têm, todas elas, uma interpretação comum de *no final das contas aconteceu alguma coisa*.

Buscando refinar a verificação e tentar definir o tipo de auxiliar envolvido nos exemplos acima, voltaremos nossa atenção, primeiramente, para os exemplos de (1) a (3), referentes ao teste da negação feito de (209) a (211), que apontou que esses exemplos devem ser auxiliares formadores de tempo composto ou auxiliares formadores de passiva. Para os auxiliares formadores de tempos composto ou de voz passiva, Lunguinho (2005) leva em conta um teste semântico que os distingue entre si. Como vimos na seção anterior, esse autor mostra que apenas as perífrases com os auxiliares formadores de tempos compostos permitem a comutação de algumas das formas compostas com as formas simples dos verbos principais correspondentes, sem que isso leve a diferenças semânticas. Vejamos como o verbo *acabar* dessas sentenças apontadas se comporta:

- (215) a. O João acabou (indo parar) na cadeia.  
a'. \*O João (foi parar) na cadeia<sup>35</sup>.  
b. O João acabou (virando) dono de restaurante.  
b'. \*O João (virou) dono de restaurante.  
c. O João acabou furioso.  
c'. \*O João se enfureceu.

Os dados nos mostram que, nesses exemplos, é possível comutarmos as formas compostas, como em (215)a/b/c, com as formas simples dos verbos principais correspondentes, como em (215)a'/b'/c', porém, isso leva a algumas diferenças semânticas. Mesmo nos pares (215)a/a' e (215)b/b', em que a comutação não é possível na sentença original por não haver verbo como complemento de *acabar*, quando se assume a presença implícita de um verbo, a comutação é possível, mas, também, com diferenças semânticas. Em

---

<sup>35</sup> Os exemplos linha (') são agramaticais com o mesmo sentido da sentença com *acabar*.

(215)c' foi preciso acrescentar o clítico *se* à sentença com a comutação, o que parece já mudar a leitura das duas sentenças. Observamos que a leitura perdida em cada um dos exemplos em (215)a'/b'/c' parece ser exatamente aquela que o *acabar* traz para as sentenças, ou seja, a de que *aconteceu um evento e no final das contas as coisas terminaram de tal forma*. Ora, se ele traz uma leitura extra que não se mantém na paráfrase com a forma simples do verbo principal, então, não se comporta como auxiliar de tempo composto, nem como auxiliar de passiva, pois essas sentenças não trazem um significado extra para as sentenças.

No que concerne aos exemplos de (4) a (6), percebe-se que essa mesma leitura extra que *acabar* traz para a sentença se perde nos exemplos linha (').

- (216) a. O João acabou enfurecido pela esposa.  
a'. \*O João se enfureceu com a esposa.  
b. A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes.  
b'. \*A demora da reunião enfureceu os participantes.  
c. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.  
c'. \*A demora da reunião enfureceu os participantes.

Outros exemplos são mais claros quanto à impossibilidade de se comutarem as formas compostas com *acabar* pelas formas simples do verbo principal:

- (217) a. O João acabou demitido.  
a'. \*O João demitiu.  
a''. \*O João se demitiu.<sup>36</sup>  
b. O João acabou pressionado.

---

<sup>36</sup> O exemplo em (217)a'' é agramatical na interpretação em que o João foi demitido por outra pessoa. E o exemplo em (217)c'' é agramatical na interpretação em que o João foi colocado, por outra pessoa, em uma posição da qual não gostou.

b'. \*O João pressionou.

b''. \*O João se pressionou.

c. O João acabou bem colocado em uma função da qual não gostou.

c'. \*O João colocou em uma função da qual não gostou.

c''. \*O João se colocou em uma função da qual não gostou.

Esse conjunto de sentenças, então, reforça a sugestão de que *acabar* não se comporta como auxiliar de tempo composto. Assim, esse teste, associado ao teste da negação, parece sugerir que *acabar* não se comporta nem como formador de tempo composto, nem como auxiliar de voz passiva, o que vai contra nossa hipótese inicial de que *acabar* pudesse ser um auxiliar formador de voz passiva, pelo menos em alguns dos exemplos, mas é pertinente com os resultados que observamos anteriormente no capítulo 2: as passivas fazem restrições que *acabar* não respeita. *Acabar* é muito mais permissivo que o auxiliar de passiva, pois aceita complementos de várias categorias e não só participípios.

Além disso, os dados que trazemos a seguir confirmam o caráter distinto de auxiliar de voz passiva que *acabar* assume nas sentenças em exame. Consideramos o exemplo que mais se aproximaria da passiva por ter um participípio como complemento:

(218) a. O João **foi** sendo enfurecido pela atitude do Paulo.

b. O João **acabou** sendo enfurecido pela atitude do Paulo.

Se pensarmos em paráfrases para essas sentenças, teremos:

(219) a. **O evento de** o João ser enfurecido pela atitude do Paulo **aconteceu aos poucos.**

b. **O evento de** o João ser enfurecido pela atitude do Paulo **aconteceu no fim das contas.**

Esses auxiliares, *ir* e *acabar*, respectivamente, selecionam uma voz passiva como seu complemento, mas não são eles mesmos auxiliares de voz passiva. Assim, não se pode concluir que *acabar* seja formador de voz passiva. Antes, nos exemplos acima, *acabar* seleciona uma *small clause* na voz passiva como seu complemento, [*o João ser enfurecido pela atitude do Paulo*]. Com base nas paráfrases em (219), percebemos que o papel de *foi* ou de *acabou* em (218)a,b é determinar o aspecto das sentenças. Veremos mais a frente se *acabar* pode ser considerado um auxiliar do tipo aspectual.

Observamos os exemplos abaixo, correspondentes a aqueles com o auxiliar *ser* de voz passiva, em (169) acima, originalmente apresentados por Lunguinho (2005, p. 145). Esses exemplos mostram que como *acabar*, algumas vezes, pode selecionar uma proposição na voz passiva, há sempre a necessidade de que o verbo no complemento de *acabar* seja transitivo para poder ser passivizado:

- (220) a. Maria acabou vista (por Paulo).  
b. Marina acabou admirada (pelos fãs).  
c. \*Maria acabou corrida.  
d. \*Jorge acabou tossido.  
e. \*O bebê acabou nascido.  
f. \*O sol acabou amanhecido.  
g. \*O sorvete acabou gostado pela menina.  
h. \*Essa idéia acaba concordada pela Maria.

Nesses exemplos, as construções com *acabar* são gramaticais apenas com os verbos transitivos diretos como complemento, mas não com os verbos inergativos, como em (220)c/d, inacusativos, como em (220)e/f, e transitivos indiretos, como em (220)g/h. Isso pode estar apontando para a possibilidade de o auxiliar da passiva estar implícito nessas construções, como evidenciamos a seguir, com sentenças correspondentes às que se tem em (220):

- (221) a. Maria acabou **sendo** vista (por Paulo).  
b. Marina acabou **sendo** admirada (pelos fãs).  
c. \*Maria acabou **sendo** corrida.  
d. \*Jorge acabou **sendo** tossido.  
e. \*O bebê acabou **sendo** nascido.  
f. \*O sol acabou **sendo** amanhecido.  
g. \*O sorvete acabou **sendo** gostado pela menina.  
h. \*Essa idéia acaba **sendo** concordada pela Maria.

O verbo *acabar* é gramatical com os verbos bitransitivos e os verbos que selecionam uma SC (*Small Clause*), que também formam passivas, como em (170) acima, originalmente apresentados por Lunguinho (2005, p. 146):

- (222) a. A explosão acabou relacionada a um ato criminoso.  
b. Leonardo acabou considerado incapaz para o cargo.

O verbo *ser*, na forma gerundiva, também poderia ser considerado implícito nesses exemplos, como explicitamos em (223):

- (223) a. A explosão acabou **sendo** relacionada a um ato criminoso.  
b. Leonardo acabou **sendo** considerado incapaz para o cargo.

Bem como Lunguinho (2005) assume para as construções passivas, talvez o PB esteja utilizando, também para *acabar*, um tipo de informação léxico-estrutural contida nos radicais verbais, tais como a classe a que pertence o verbo e o tipo de argumentos desse verbo.

Agora, então, buscaremos confirmar a nossa hipótese de que *acabar* poderia ser um auxiliar aspectual em todos os exemplos apresentados logo acima. Primeiramente, é necessário lembrar que Lunguinho (2005) sugere que os auxiliares aspectuais mantêm seus traços semânticos e que denotam certas fases do desenvolvimento de um evento: o início, o meio, ou o final; podem, ainda, denotar outras circunstâncias relativas a um estado de coisas: a quantificação, a interrupção, ou a retomada de um evento, por exemplo. Já vimos antes que *acabar* conserva seus traços semânticos nas sentenças em foco neste trabalho, trazendo para elas a leitura de que *no final das contas as coisas terminaram de tal forma*. Além disso, essa leitura parece permitir que assumamos que *acabar* denota a fase final do desenvolvimento de um evento ou, ainda, o resultado desse evento. Por esses dois motivos, *acabar* parece se aproximar dos verbos aspectuais.

Devemos observar que os exemplos de (209) a cima, pelos quais mostramos o teste sintático da negação e o teste semântico da comutação de formas compostas por formas simples, também aproximam *acabar* dos auxiliares aspectuais. Vejamos, então, mais argumentos de que *acabar* poderia ser um verbo auxiliar do tipo aspectual.



Para caracterizar os auxiliares, de modo geral, Lunguinho (2005, 2007) aponta que o fato de não atribuírem papel- $\theta$  os distingue de um verbo lexical; por outro lado, ele mostra que, diferentemente dos verdadeiros auxiliares, os verbos aspectuais não sofrem perda de traços semânticos. Assim, esse autor caracteriza os aspectuais como verbos lexicais que projetam na sintaxe um sintagma verbal, em vez de serem inseridos em um núcleo funcional, e que também impõem restrições de seleção ao(s) seu(s) argumento(s)<sup>37</sup>.

Como já vimos nas descrições acima, parece que o verbo *acabar* não perdeu traços semânticos. Além disso, como Lunguinho (2005) descreve para os aspectuais, *acabar* parece projetar um sintagma verbal, VP, na sintaxe, cujo complemento seria uma *small clause*, como vemos em (224) abaixo:

- (224) a. acabar [<sub>SC</sub> [o João] [na cadeia]].  
b. acabar [<sub>SC</sub> [o João] [dono de restaurante]].  
c. acabar [<sub>SC</sub> [o João] [furioso]].  
d. acabar [<sub>SC</sub> [o João] [enfurecido pela esposa]].  
e. acabar [<sub>SC</sub> [a demora da reunião] [enfurecendo os participantes]].  
f. acabar [<sub>SC</sub> [a demora da reunião] [por enfurecer os participantes]].

Esse tratamento mostra o verbo *acabar* como um verbo auxiliar aspectual que figura em uma construção de alçamento. O sujeito da SC alça para a posição de sujeito da oração principal onde recebe Caso nominativo. Esse é o mesmo comportamento apontado por alguns autores, como Burzio (1986), para as sentenças passivas. Talvez seja essa proximidade estrutural que traz a leitura não-agentiva para essas sentenças, bem como acontece com as passivas. Voltaremos a esse ponto no capítulo 4.

---

<sup>37</sup> De certa forma, parece que o que ele chama de auxiliares aspectuais, está sendo tratado como semi-auxiliares, pois não apresentam todas as características prototípicas dos verdadeiros auxiliares.

Quanto à atribuição de papéis temáticos, pode-se dizer que, o verbo *acabar* desse grupo de sentenças mantém as suas propriedades de atribuição de papel- $\theta$  nessas construções. Em (224) acima, por exemplo, *acabar* não seleciona um argumento externo, provavelmente, da mesma forma que *acabar*, como o verbo pleno, em (10), repetido em (225), abaixo, que seleciona somente um argumento interno, o NP *o leite*, ao qual vai atribuir o papel- $\theta$  de tema. Uma representação possível para essa sentença está em (225)b:

- (225) a. O leite acabou.  
b. acabar [<sub>NP</sub> o leite].

No caso acima, *acabar* funciona como inacusativo. Se uma análise como essa puder se aplicar a uma sentença como (226)a, à qual se atribuiria a representação em (226)b, estaríamos diante de um caso em que o único argumento de *acabar* em seu uso canônico seria um argumento interno representado por uma *small clause* formada por um NP em posição de sujeito e por um vP – um sintagma formado por um verbo leve em posição de núcleo e por um NP em posição de complemento: [<sub>SC</sub> NP [<sub>vP</sub> v NP]].

- (226) a. A Maria acabou (de fazer) a lição de casa.  
b. acabar [<sub>SC</sub> [<sub>NP</sub> a Maria] [<sub>vP</sub> v [<sub>NP</sub> a lição de casa]]]

O caso em (226) é ainda mais semelhante ao que se propõe para as sentenças com *acabar*, nas representações em (224).

Os testes acima, por mostrarem que o verbo *acabar* não perdeu traços semânticos e parece projetar um VP que toma uma *small clause* como complemento, sugerem que *acabar* pode ser tratado como um auxiliar aspectual e o conjunto de dados a seguir, em que *acabar* se

comporta como um verbo de alçamento, corrobora essa idéia, confirmando que *acabar* não está selecionando argumento externo<sup>38</sup>:

- (227) a. Acabou que o João ficou na cadeia.  
b. Acabou que o João foi dono de restaurante.  
c. Acabou que o João ficou furioso.  
d. Acabou que o João foi enfurecido pela Ana.  
e. Acabou que a demora da reunião enfureceu os participantes<sup>39</sup>.

Além disso, um outro teste semântico apontado por Lunguinho (2005) nos ajudará a verificar se as propriedades de *acabar* se assemelham às propriedades dos auxiliares aspectuais. O autor nos mostrou que somente predicados [+dinâmicos] (processos, processos culminados e culminações) formam complexos gramaticais com os auxiliares aspectuais. Baseando-nos, também, nas quatro categorias propostas por Vendler (1967), podemos dizer que, nas sentenças em que o complemento de *acabar* é de natureza verbal, esse complemento pode fazer parte de qualquer uma das quatro classes vendlerianas, como mostramos nos exemplos a seguir:

- (228) a. O João acabou conhecido no mercado. (estativo)  
b. O João acabou conhecendo a Maria. (estativo)  
c. No passado, livros infantis acabavam escritos de qualquer jeito. (processo)  
d. A Maria acabou escrevendo uma carta para o João. (processo)  
e. O prédio acabou construído sem o devido cuidado. (processo culminado)

---

<sup>38</sup> Esses dados serão retomados no capítulo 4, onde discutiremos a possibilidade de *acabar* funcionar como verbo de alçamento.

<sup>39</sup> Esse dado serve tanto como paráfrase do exemplo em (4) como do exemplo em (5).

- f. O João acabou alcançando o topo da montanha mais cedo do que esperávamos. (processo culminado)
- g. A janela acabou quebrada. (culminação)
- h. A janela acabou quebrando. (culminação)

Seguindo Lunguinho, dissemos, acima, que os verbos auxiliares aspectuais denotam certas fases do desenvolvimento de um evento, e que no caso de *acabar* trata-se da fase de desenvolvimento final de um evento, ou, ainda, aponta para o estado resultante desse evento. De fato, parece que o *acabar* denota uma porção do esquema temporal interno de uma situação - focaliza a fase final do evento, a fase final de um estado de coisas, a sua culminação, bem como acontece com *terminar*. No entanto, parece, também, que esse verbo denota outras circunstâncias relativas a um estado de coisas, nomeadamente, o resultado desse evento, que não mais representa uma de suas fases.

O autor aponta que possuir ou não possuir fases está relacionado à característica aspectual do predicado, e que apenas estados de coisas dinâmicos apresentam fases, pois só esses estados envolvem algum tipo de mudança. Então, somente predicados [+dinâmicos] como processos, processos culminados e culminações podem formar complexos gramaticais com os auxiliares aspectuais. Se considerarmos que *acabar* denota a fase de desenvolvimento final de um evento, ou, ainda, aponta para o estado resultante desse evento, como explicaremos a possibilidade de *acabar* poder combinar-se com um estado, como em (228)a,b, sendo que, das classes vendlerianas, os estados denotam estados de coisas que não são dinâmicos?

Pois bem, a explicação a seguir corrobora a análise de Lunguinho (2005). Vimos que o predicado que figura com um verbo aspectual deve ser portador de um traço [+dinâmico], formando um constituinte que envolve a noção de mudança de fase. Mas vimos, também, que

as sentenças (228)a,b são gramaticais. Para que isso seja possível, deveremos dizer que o predicado, nesse exemplo, admite ser interpretado como um predicado dinâmico. O exemplo em (228)a é interpretado como se o João estivesse se comportando de uma maneira ou sendo reconhecido com uma frequência que o faz ser classificado como *conhecido pelos outros do mercado*. Nesse caso, a interpretação do predicado é [+dinâmica]. Em (228)b também podemos dizer que o predicado desse exemplo pode ser interpretado como um predicado dinâmico, como: *o João fez alguma coisa que fez com que no final das contas ele conhecesse a Maria*. Assim, os estados devem ser gramaticais com *acabar* apenas se puderem permitir uma leitura [+dinâmica]. Parece que, de fato, quando os estados se combinam com *acabar* a interpretação será sempre de um constituinte [+dinâmico], como podemos ver nos exemplos a seguir:

- (229) a. A filha da Maria acabou sendo loira.  
b. O João acabou sendo engraçado.

Esses exemplos são gramaticais, pois os predicados que aparecem neles podem ser interpretados como dinâmicos. Como vimos, o *acabar* desse subgrupo sempre será interpretado como *no final, no fim das contas, aconteceu alguma coisa, a situação terminou assim*. Então, em (229)a, temos que *no fim das contas, a filha da Maria nasceu loira*, ou *a situação terminou com a filha da Maria sendo/ficando loira*. Em (229)b, a interpretação é que *no fim das contas, o João agiu de uma maneira engraçada*. Nesses casos, a interpretação do predicado, ou até mesmo do constituinte, é [+dinâmico].

Mais uma questão: como atribuir uma leitura [+dinâmica] para os casos onde *acabar* tem um NP, PP, ou um adjetivo como complemento, como nos exemplos de (1) a (3)? Para

responder a essa pergunta, vejamos as paráfrases que foram apresentadas para as sentenças em questão, nos exemplos de (33) a (35), repetidos abaixo:

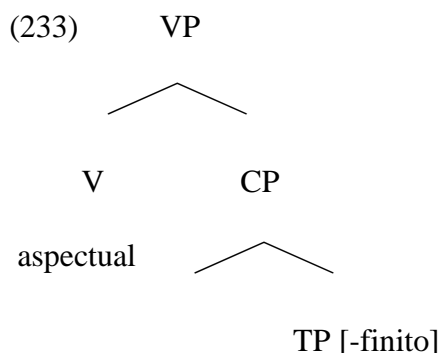
(230) O João acabou **parando/indo parar/ficando/chegando** na cadeia.

(231) O João acabou **tornando-se/sendo/virando** dono de restaurante.

(232) A esposa demorou tanto que o João acabou **ficando** furioso.

Pois bem, podemos dizer que o traço [+dinâmico] é atribuído a essas estruturas, pois em (230) temos o evento de *chegar na cadeia*, em (231) temos o evento de *tornar-se dono de restaurante*, e em (232) temos a mudança de estado de *não furioso* para *furioso* (*alguma coisa aconteceu e, no fim das contas, o João ficou furioso*).

Esses mesmos dados parecem corroborar a estrutura proposta por Lunguinho (2005) para os auxiliares aspectuais. Esse autor diz que os auxiliares aspectuais que são seguidos de uma preposição selecionam um complemento da categoria CP (Sintagma Complementador) cujo núcleo é ocupado por essa preposição, e esse CP contém um TP caracterizado por ser [-finito], resultando na estrutura sintática apresentada em (233):



(Lunguinho, 2005, p. 123)

Então, a dependência morfossintática entre os verbos aspectuais e seus complementos é evidenciada pelo fato de eles sempre selecionarem como complemento um verbo no infinitivo ou, às vezes, também um gerúndio.

As paráfrases de (33) a (37), repetidas abaixo, podem constituir evidências em favor dessa estrutura:

- (234) O João acabou **parando/indo parar/ficando/chegando** na cadeia.
- (235) O João acabou **tornando-se/sendo/virando** dono de restaurante.
- (236) A Ana demorou tanto que o João acabou **ficando** furioso.
- (237) O João acabou **sendo** enfurecido pela Ana.
- (238) A demora da reunião acabou **fazendo os participantes ficarem furiosos/enfurecidos**.<sup>40</sup>

Embora não contenham uma preposição seguindo o auxiliar aspectual, todas as paráfrases contêm uma forma gerundiva que pode ser inserida no TP [-finito]. Nesses casos, o gerúndio, que é a forma não finita, estaria no núcleo de TP [-finito] e o núcleo do CP seria Ø.

Cabe perguntar se as sentenças originais também se representariam pela estrutura em (233). Se considerarmos que as formas gerundivas que vimos nas paráfrases acima estão implícitas nas sentenças originais, essas sentenças originais poderiam sim ser representadas por essa estrutura. Pode ser estranho pensar que um verbo pleno estaria implícito, mas será esse o caso? Os gerúndios das paráfrases estão implícitos nas sentenças originais? Para respondermos a essa pergunta, vejamos se as paráfrases apresentam o mesmo comportamento sintático que as frases originais, de (209) a (214), quanto à negação. Para que o verbo na forma gerundiva seja considerado implícito, esperamos que o resultado de gramaticalidade

---

<sup>40</sup> Essa paráfrase é possível tanto para a sentença (4) quanto para a (5). Nesse caso, além de trazer uma paráfrase com *ficar*, como infinitivo flexionado, ainda traz uma leitura causativa.

desse teste seja o mesmo que já observamos para as sentenças sem as formas gerundivas; porém, se os julgamentos de gramaticalidade forem diferentes daqueles vistos para as sentenças sem as formas gerundivas, então a forma gerundiva não deve estar implícita na estrutura:

- (239) a. O João acabou **parando/indo parar/ficando/chegando** na cadeia.  
b. O João não acabou **parando/indo parar/ficando/chegando** na cadeia.  
c. O João acabou não **parando/indo parar/ficando/chegando** na cadeia.  
d. ?O João não acabou não **parando/indo parar/ficando/chegando** na cadeia.
- (240) a. O João acabou **tornando-se/sendo/virando** dono de restaurante.  
b. O João não acabou **tornando-se/sendo/virando** dono de restaurante.  
c. O João acabou não **tornando-se/sendo/virando** dono de restaurante.  
d. ?O João não acabou não **tornando-se/sendo/virando** dono de restaurante.
- (241) a. O João acabou **ficando** furioso.  
b. O João não acabou **ficando** furioso.  
c. O João acabou não **ficando** furioso.  
d. ?O João não acabou não **ficando** furioso.
- (242) a. O João acabou **sendo** enfurecido pela esposa.  
b. O João não acabou **sendo** enfurecido pela esposa.  
c. O João acabou não **sendo** enfurecido pela esposa.  
d. ?O João não acabou não **sendo** enfurecido pela esposa.



- (243) a. A demora da reunião acabou **fazendo** os participantes **ficarem** furiosos/enfurecidos.
- b. A demora da reunião não acabou **fazendo** os participantes **ficarem** furiosos/enfurecidos.
- c. A demora da reunião acabou não **fazendo** os participantes **ficarem** furiosos/enfurecidos.
- d. ?A demora da reunião não acabou não **fazendo** os participantes **ficarem** furiosos/enfurecidos.
- (244) a. A demora da reunião acabou **fazendo** os participantes **ficarem** furiosos/enfurecidos.
- b. A demora da reunião não acabou **fazendo** os participantes **ficarem** furiosos/enfurecidos.
- c. A demora da reunião acabou não **fazendo** os participantes **ficarem** furiosos/enfurecidos.
- d. ?A demora da reunião não acabou não **fazendo** os participantes **ficarem** furiosos/enfurecidos.

Por um lado o comportamento observado entre as sentenças originais e suas paráfrases, respectivamente em: (209) e (239); (210) e (240); e, (211) e (241) em relação à negação é diferente. Nessas paráfrases, as sentenças em (c), com o segundo tipo de posição para negação, são gramaticais, enquanto nas sentenças originais, essa forma é agramatical. Ainda, se considerarmos duas negações nas sentenças originais, a sentença será agramatical; nas paráfrases, nos exemplos em (d) nos paradigmas acima, a sentença será marcada com uma interrogação, podendo ser gramatical com alguma contextualização. Se o comportamento

entre as sentenças é diferente, então, devemos concluir que não há um verbo implícito na estrutura. Por outro lado, nos casos de (212) e (242), o comportamento das sentenças originais é igual ao das sentenças com negação; então, nesses casos, talvez possa haver um verbo, *sendo*, implícito na estrutura dessas sentenças. Já nos exemplos (213) e (243); e, (214) e (244), observamos que não há um verbo implícito. A paráfrase é feita com uma leitura causativa, como já havíamos observado no primeiro capítulo.

Como um argumento em favor da idéia de haver verbos implícitos nos exemplos em (212) e (242), os quais apresentam um particípio na proposição no complemento de *acabar*, observamos os exemplos em (217), que também envolvem particípios, repetidos abaixo:

- (245) a. O João acabou demitido.  
a'. \*O João demitiu.  
a''. \*O João se demitiu.  
b. O João acabou pressionado.  
b'. \*O João pressionou.  
b''. \*O João se pressionou.  
c. O João acabou bem colocado em uma função da qual não gostou.  
c'. \*O João colocou em uma função da qual não gostou.  
c''. \*O João se colocou em uma função da qual não gostou.

Esses exemplos nos levam a crer que sem tal verbo não dá pra fazer uma paráfrase correta desses dados. Como já vimos, o exemplo em (245)a'' é agramatical na interpretação em que o João foi demitido por outra pessoa, e o exemplo em (245)c'' é agramatical na interpretação em que o João foi colocado, por outra pessoa, em uma posição da qual não gostou. Com um verbo implícito naquelas sentenças, temos:

- (246) a. O João acabou **sendo** demitido.  
a'. O João **foi** demitido.  
a''. \*O João demitiu.  
b. O João acabou **sendo** pressionado.  
b'. O João **foi** pressionado.  
b''. \*O João pressionou.  
c. O João acabou **sendo** bem colocado em uma função da qual não gostou.  
c'. O João **foi** colocado em uma função da qual não gostou.  
c''. \*O João se colocou em uma função da qual não gostou.

Nesse caso, pelo menos os exemplos em (') seriam gramaticais.

Não nos aprofundaremos na discussão sobre haver ou não um verbo implícito nessa estrutura, pois, para verificar se a estrutura proposta por Lunguinho se aplica a todos esses dados, necessitaríamos ter um verbo em todos os exemplos e, como já verificamos, não é esse o caso dos exemplos de (1) a (3), testados de (239) a (241) acima<sup>41</sup>.

Como esses testes utilizados para identificar verbos implícitos não mostram um resultado homogêneo ou definitivo para as sentenças em foco, verificaremos se a estrutura proposta por Lunguinho (2005) está por trás de nossos dados originais, de (1) a (6), repetidos abaixo:

- (247) O João acabou **na cadeia**.  
(248) O João acabou **dono de restaurante**.  
(249) A Ana demorou tanto que o João acabou **furioso**.

---

<sup>41</sup> Vale ressaltar que se nas construções com *acabar* não há, de fato, um verbo implícito, talvez exista, ao menos, um complemento verbal abstrato, como proposto em Cinque (2006) (*apud* Ferreira, 2009, p. 71).

(250) O João acabou **enfurecido** pela Ana.

(251) A demora da reunião acabou **enfurecendo** os participantes.

(252) A demora da reunião acabou **por enfurecer** os participantes.

Os exemplos em (247) e (252) contém uma preposição seguindo o auxiliar aspectual, como sugerido por Lunguinho (2005). No caso de (252), a sentença apresenta também um TP [-finito], estando de acordo com a estrutura proposta por aquele autor; porém, no caso de (247), o que está depois da preposição é um DP, ou seja, há uma *small clause* formada entre essa preposição e esse DP, de forma que não podemos dizer que há um T [-finito] nessa estrutura. Os exemplos em (248) e (249) também não apresentam um T [-finito], pois o complemento de *acabar* não é um verbo, mas sim um NP e um adjetivo, respectivamente. E os exemplos (250) e (251) apresentam formas [-finita], o particípio e o gerúndio, sendo, junto com (252), os únicos que estão de acordo com a proposta do autor. Ou seja, a proposta de Lunguinho (2005) se aplica bem quando há um verbo na estrutura. Se não houver um verbo, como é o caso de alguns dados com *acabar*, aquela estrutura precisa ser reformulada para dar conta de todos os casos.

Sendo assim, na próxima seção buscaremos testar o verbo *acabar* para mostrarmos se esse verbo se comporta melhor como um aspectualizador, e, nos próximos capítulos, prosseguiremos a discussão acerca de uma estrutura diferente daquela proposta por Lunguinho para os aspectuais (aspectualizadores), para encontrarmos um tratamento sintático apropriado para o verbo *acabar* em estudo.

### 3.2.2 *Acabar* como aspectualizador

Até aqui, já testamos o verbo *acabar* quanto aos critérios de auxiliaridade colocados mais acima. Agora, buscaremos mostrar se esse verbo se comporta melhor como um aspectualizador, como visto em Wachowicz (2007).

Vimos que a autora aponta que, “Perífrases com auxiliar movem-se em bloco na transformação para passiva..., enquanto outras locuções não aceitam a passiva... Perini (1989, p. 228-239)”. Nesse ponto, *acabar* das sentenças (1), (2) e (3) não apresenta, nem em suas paráfrases, um verbo ao qual se aplique o processo de passivização. Já nos outros exemplos que apresentam um verbo que aceita ser passivizado, vemos que a perífrase com *acabar* move-se em bloco. Dessa forma, podemos dizer que *acabar* se comporta como um auxiliar perante esse teste, quando acompanhado por um verbo que pode ser passivizado.

- (253) a. O João acabou enfurecido pela Ana<sup>42</sup>.  
a'. O João **acabou sendo enfurecido** pela Ana.  
b. A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes.  
b'. Os participantes **acabaram sendo enfurecidos** pela demora da reunião.  
c. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.  
c'. Os participantes **acabaram sendo enfurecidos** pela demora da reunião.

Quanto aos três testes de natureza sintática que Wachowicz aponta para a verificação de um verbo auxiliar, os dois primeiros já foram feitos com *acabar* nos itens ii) e iii) da subseção 3.2.1, que apresentou os critérios de auxiliaridade descritos em Lunguinho (2009). Assim, os testes com *acabar* para esses critérios já foram feitos, em (191), para os sujeitos diferentes, perante o qual *acabar* se comporta como um auxiliar, e, em (192), além de (209) a

---

<sup>42</sup> O particípio no complemento de *acabar* com uma *by-phrase* indica a natureza passiva desse complemento.

(214), para os testes da negação, perante o qual *acabar* não parece se comportar como um verbo auxiliar.

No que diz respeito ao teste de alterações semânticas de V1 com intercalações de locativos, é bom lembrar que a autora afirma que a intercalação de locativos ajuda a retomar o sentido de verbo pleno de auxiliares como *começar* e *estar*, como mostram os exemplos da autora, apresentados, acima, em (175)a,b. A intercalação de locativos em exemplos com *acabar* pode ser vista em (254):

- (254) a. O João acabou aqui nos Estados Unidos na cadeia.  
b. O João acabou aqui no México dono de restaurante.  
c. A Ana demorou tanto que o João acabou aqui na festa furioso.  
d. O João acabou aqui em João Pessoa enfurecido pela Ana.  
e. A demora da reunião acabou aqui em Brasília enfurecendo os participantes.  
f. A demora da reunião acabou aqui no Chile por enfurecer os participantes.

Com *acabar*, nos exemplos de (254)a a (254)d, o sentido de verbo pleno não é retomado com a intercalação do locativo. Temos, sim, a mesma leitura aspectual que teríamos sem esse elemento. Esses exemplos não exibem o comportamento dos verbos auxiliares. No exemplo em (254)e, no entanto, com uma entonação específica, poderíamos recobrar o sentido de verbo pleno. Seria algo como *A demora da reunião aqui em Brasília terminou e isso enfureceu os participantes*. Essa leitura pode parecer semanticamente estranha, mas vejamos esse outro exemplo:

- (255) A censura à imprensa acabou aqui em Brasília enfurecendo os repórteres.

Nesse exemplo poderíamos recobrar o sentido de *acabar* como verbo pleno, ainda sendo necessário uma entonação especial. A leitura que teríamos seria de *acabar = terminar*, como em: *A censura à imprensa aqui em Brasília terminou e isso enfureceu os repórteres.*

Ainda, considerando o exemplo em (254)f, também poderíamos recobrar o sentido de verbo pleno que *acabar* pode ter, porém, nesse caso, sem a necessidade de uma entonação especial. A leitura que teríamos seria de *acabar = terminar e por = por causa de / porque*, como em: *A demora da reunião aqui no Chile terminou porque isso costumava enfurecer os participantes.*

Vemos que não há alteração de V1 com intercalações do locativo nos exemplos em (254)a-d, ou seja, o sentido de verbo pleno do verbo *acabar* não é retomado nessas sentenças. Então, nesses exemplos, o verbo *acabar* não exibe o comportamento de verbos auxiliares, não parece estar em processo de gramaticalização. Já nos exemplos em (254)e/f, o sentido de verbo pleno de *acabar* pode, sim, ser recuperado, mostrando que, nesses exemplos, ele parece se comportar como um verbo auxiliar em processo de gramaticalização, podendo exibir diferentes fases em um mesmo corte sincrônico. Lembramos que, no caso de (254)e, houve a necessidade de uma entonação específica para que o sentido de verbo pleno do verbo *acabar* fosse recuperado. Dessa forma, esse teste se mostra inconclusivo para verificarmos o estatuto de *acabar*.

A autora mostra a distinção apresentada por Verkuyl (1999, p. 82-92, *apud* Wachowicz, 2005, p. 4 e 5) entre os verbos aspectualizadores e auxiliares. Ela aponta que os aspectualizadores promovem uma restrição na predicação da sentença e operam sobre o intervalo de tempo denotado pelo verbo principal. Os aspectualizadores de valor pontual, principalmente, são verbos que ‘diminuem’ o tamanho desse intervalo. Aqui, observamos nossos exemplos de (4) a (6), repetidos abaixo, que mostram o verbo *acabar* com sua leitura

aspectual de fim de fase opera sobre o intervalo de tempo denotado pelo verbo principal, restringindo o intervalo de tempo para sua fase final ou para seu resultado:

(256) O João acabou **enfurecido** pela Ana.

(257) A demora da reunião acabou **enfurecendo** os participantes.

(258) A demora da reunião acabou **por enfurecer** os participantes.

Ainda, a autora aponta que não é necessário que os aspectualizadores estejam em perífrases para promover essa restrição. Aqui, podemos relacionar nossos exemplos de (1) a (3), repetidos abaixo, que mostram o verbo *acabar* com sua leitura aspectual fora de uma perífrase, também restringindo o intervalo de tempo para sua fase final ou para seu resultado:

(259) a. O João acabou **na cadeia**.

b. O João acabou **dono de restaurante**.

c. A Ana demorou tanto que o João acabou **furioso**.

Assim, perante essa distinção proposta por Verkuyl (*op. cit.*) o verbo *acabar* se comporta como um aspectualizador.

Para detectar as diferenças entre verbos auxiliares e verbos aspectualizadores, Wachowicz propõe mais alguns testes. Ela mostra que, tanto os verbos auxiliares como os verbos aspectualizadores ocorrem como verbo pleno quando em estruturas mono-sentenciais, mas os aspectualizadores apresentam alternância causativa. Para *acabar*, temos:

(260) a. O João acabou **na cadeia** / \* Na cadeia acabou com o João.



- b. O João acabou **dono de restaurante**. / \* Dono de restaurante acabou com o João.
- c. A Ana demorou tanto que o João acabou **furioso**. / \* Furioso acabou com o João, porque a Ana demorou.
- d. O João acabou **enfurecido** pela Ana. / \* Enfurecido pela Ana acabou com o João.
- e. A demora da reunião acabou **enfurecendo** os participantes. / \* Enfurecendo os participantes acabou com a demora da reunião.
- f. A demora da reunião acabou **por enfurecer** os participantes. / \* Por enfurecer os participantes acabou com a demora da reunião.

Vemos, então, que o verbo *acabar* não apresenta estrutura causativa, comportando-se de forma similar aos verbos auxiliares perante esse teste.

Outro teste considerado mostra que verbos auxiliares que perderam transitividade não permitem perguntas recuperando seu complemento, mesmo que circunstancial. Os verbos aspectualizadores permitem perguntas que resgatam sua transitividade. Para *acabar*, observamos o seguinte:

- (261) a. O João acabou **na cadeia**.

Onde o João acabou? / Onde o João parou?<sup>43</sup>

- b. O João acabou **dono de restaurante**.

Como o João acabou? / O que o João se tornou?

- c. A Ana demorou tanto que o João acabou **furioso**.

Como o João acabou? / Como o João ficou?

---

<sup>43</sup> Nos três primeiros exemplos estamos considerando, para as perguntas, o verbo que aparece nas paráfrases para essas sentenças; de outra forma, esse teste não se aplica a elas.

d. O João acabou **enfurecido** pela Ana.

Como o João acabou? / Por quem o João foi enfurecido?

e. A demora da reunião acabou **enfurecendo** os participantes.

\* O que a demora da reunião acabou? / Quem a demora da reunião enfureceu?

f. A demora da reunião acabou **por enfurecer** os participantes

\* O que a demora da reunião acabou? / Quem a demora da reunião enfureceu?

Esse teste também traz um resultado inconclusivo.

Resumidamente, obtivemos os seguintes resultados:

<b>Teste:</b>	<b><i>Acabar</i> apresenta comportamento de auxiliar:</b>	<b><i>Acabar</i> apresenta comportamento de aspectualizador:</b>
i) Perífrases com auxiliar movem-se em bloco na transformação para passiva.	Sim	
ii) Teste de sujeitos diferentes.	Sim	
iii) Teste do escopo da negação.	Não	
iv) Teste de alterações semânticas de V1 com intercalações de locativos.	Inconclusivo	Inconclusivo
v) Promover restrição na predicação da sentença e operar sobre o intervalo de tempo denotado pelo verbo principal.		Sim
vi) ocorrer como verbo pleno quando em estruturas mono-sentenciais, mas os aspectualizadores apresentam alternância causativa.	Sim	

Como podemos observar de forma mais clara no quadro acima, os testes não apontam para uma mesma direção. Observamos que *acabar* não apresenta um comportamento uniforme, ora comportando-se como um verbo auxiliar, ora como um aspectualizador. Apesar do grande número de características que observamos para esse verbo comportando-se como um auxiliar, outras como não auxiliar, e outros testes inconclusivos, como vimos na seção 3.2.1, consideraremos o verbo *acabar* em foco nesta dissertação como um aspectual (ou

aspectualizador, na terminologia de Wachowicz (2005)), devido ao teste em v) no quadro acima. Consideraremos o verbo *acabar* como um aspectualizador, uma vez que é clara a leitura aspectual que esse verbo traz, de que *aconteceu alguma coisa e no fim das contas a situação terminou de tal forma*, o que leva a uma restrição temporal, focando na fase final do evento, ou, ainda, em seu resultado. Em outras palavras, o verbo *acabar* com sua leitura aspectual de fim de fase opera sobre o intervalo de tempo denotado pelo verbo principal, restringindo o intervalo de tempo para sua fase final ou para seu resultado, como Lunguinho já havia descrito para os verbos que ele chamou de auxiliares aspectuais.

Pensamos que o verbo *acabar*, de forma mais geral, deve ser um verbo semi-auxiliar, apresentando algumas características dos verbos auxiliares, mas não todas, pois além de figurar nas construções em foco nesta dissertação, pode figurar em outras construções, como verbo pleno ou com *acabar de*, por exemplo. Talvez essa seja uma propriedade dos aspectualizadores em geral. De qualquer forma, essa é uma questão que não será aprofundada nesta dissertação e deverá ser abordada em trabalho futuro. Além disso, há a necessidade de desenvolverem mais estudos que possa definir de forma mais conclusiva o estatuto dos verbos auxiliares e dos aspectualizadores, e há, também, a necessidade de verificarem se todo aspectualizador deve ser um verbo semi-auxiliar, e se essa classe de verbos semi-auxiliar pode, de fato, se sustentar como uma classe de verbos.

### ***3.3 Conclusões do capítulo***

Neste capítulo, procurando responder às perguntas em C, repetidas abaixo, discutimos o papel de *acabar* nas construções apresentadas.

C. Quais são as propriedades do verbo *acabar* nas sentenças apresentadas acima?

- C1. *Acabar* é um verbo auxiliar?
- C2. Se sim, que tipo de auxiliar ele seria?
- C3. Se não for um auxiliar, que tipo de verbo é *acabar*?

Consideramos alguns critérios de auxiliaridade estabelecidos na literatura linguística e apontados em Lunguinho (2009), mostramos um estudo sobre os auxiliares do PB feito por Lunguinho (2005), que trata de auxiliares formadores de tempo composto, modais, aspectuais e de voz de passiva, e apontamos uma diferenciação entre auxiliares e aspectualizadores em estudo feito em Wachowicz (2007). Considerando essas propostas, bem como os dados em foco neste trabalho, verificamos se o verbo *acabar* poderia fazer parte de algum grupo de auxiliares ou aspectualizadores e buscamos uma análise sintático-semântica sobre esse uso particular do *acabar*, evidenciando, assim, seu estatuto.

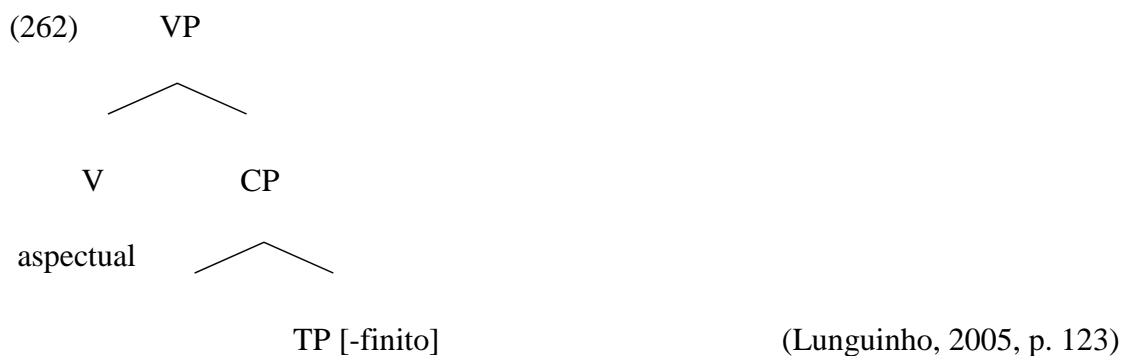
Vimos através do trabalho de Lunguinho (2005) que os verbos auxiliares aspectuais conservam muito de seu sentido original, mantêm seus traços semânticos e que denotam certas fases do desenvolvimento de um evento: o início, o meio, ou o final. Observamos que há uma leitura de *no final das contas algo aconteceu, a situação terminou de tal forma*, mostrando, assim, que um pouco do sentido de *acabar* como verbo pleno parece ser conservado. Além disso, vimos que essa leitura parece permitir que assumamos que *acabar* denota a fase final do desenvolvimento de um evento ou, ainda, o resultado desse evento. Esses foram os dois primeiros motivos que nos levaram a pensar no verbo *acabar* como um verbo aspectual.

Quando submetido aos testes sintáticos e semânticos para que sua caracterização fosse feita, *acabar* apresentou um comportamento que corresponde em partes ao comportamento dos verbos auxiliares aspectuais (como o fato de denotar fase), e em partes ao comportamento tal como o verbo auxiliar *ser* formador de voz passiva (como o fato de permitir apenas uma

negação, em alguns exemplos, e o fato de que, quando comutamos algumas das formas compostas com *acabar* com as formas simples dos verbos principais correspondentes, observamos diferenças semânticas em suas leituras). Porém, embora esses testes tenham sugerido a possibilidade de *acabar* ser um auxiliar de passiva, as propriedades de *acabar* se compatibilizam mais com as que Lunguinho (2005) descreve para os auxiliares aspectuais. Primeiramente, percebemos que foram exatamente diferenças aspectuais, o conteúdo que *acabar* traz para as sentenças, que não permitiu que no teste de comutação as sentenças tivessem o mesmo sentido que a forma perifrástica. Além disso, trouxemos exemplos que esclareceram que *acabar* não é exatamente um auxiliar de voz passiva, mas sim que pode selecionar um predicado, como um particípio, como seu complemento, que, por sua vez, pode formar uma construção passiva. Exemplificando, em *O João foi/acabou sendo enfurecido*, percebemos que quem dá aspecto nessas sentenças é *foi/acabou*. Assim, então, observamos que *acabar* mostra-se mais parecido com o tratamento de um verbo auxiliar aspectual, conforme terminologia utilizada por Lunguinho.

Um outro teste semântico, baseado nas quatro categorias propostas por Vendler (1967), foi feito e mostramos que, nas sentenças em que o complemento de *acabar* é de natureza verbal, esse complemento pode fazer parte de qualquer uma das quatro classes vendlerianas. Mostramos, ainda, que a possibilidade de haver uma forma estativa com *acabar* é válida quando essa forma estativa é interpretada como [+dinâmica]. Como o verbo *acabar* denota a fase de desenvolvimento final de um evento, ou, ainda, aponta para o estado resultante desse evento, ele só pode ser combinado com algo [+dinâmico], pois, como Lunguinho (2005) aponta, possuir ou não possuir fases está relacionado à característica aspectual do predicado, e apenas estados de coisas dinâmicos apresentam fases, pois só esses estados envolvem algum tipo de mudança.

Vimos, no cap. 2, que *acabar* parece projetar um sintagma verbal, VP, na sintaxe, cujo complemento seria uma *small clause*. *Acabar* parece manter as suas propriedades de atribuição de papel- $\theta$  nessas construções, de forma que seleciona apenas um argumento interno, funcionando como um inacusativo. Para confirmarmos que *acabar* não está selecionando argumento externo, mostramos, também, um teste em que ele se comporta como um verbo de alçamento. E então, no cap. 3, observamos a estrutura sintática que Lunguinho (2005) descreve para os aspectuais:



Vimos que a estrutura proposta por Lunguinho (2005) se aplica bem quando há um verbo na estrutura, porém, alguns dos nossos exemplos não apresentam um verbo na proposição selecionada por *acabar* e, além disso, já mostramos que não há um verbo implícito nas sentenças originais, de forma que essa estrutura não deve dar conta da formação de todas as sentenças com *acabar* em estudo. Assim, aquela estrutura precisa ser reformulada para dar conta de todos os casos.

Nos próximos capítulos, prosseguiremos a discussão acerca de uma estrutura diferente daquela proposta por Lunguinho para os aspectuais (aspectualizadores), para encontrarmos um tratamento sintático apropriado para o verbo *acabar* em estudo. Uma unificação da estrutura seria interessante, desde que *acabar* parece trazer o mesmo conteúdo aspectual em todas as sentenças em estudo. Vimos brevemente que todos os exemplos parecem permitir o

uso de *acabar* como verbo de alçamento. Assim, pretendemos verificar adiante se o tratamento dessas sentenças como alçamento poderia trazer explicações não só para sua formação sintática, unificada, mas também alguma informação semântica, relativa aos verbos de alçamento, que pudesse explicar sua leitura não-agentiva. Talvez *acabar* seja um aspectual, que pode resultar em uma leitura não-agentiva para as sentenças, no sentido explicitado acima<sup>44</sup>, devido às suas propriedades de alçamento. Buscaremos esclarecer essa nova hipótese no capítulo 4, dedicado a discutir questões sobre alçamento.

Resumidamente, obtivemos os seguintes resultados pelos critérios de auxiliaridade, apontados por Lunguinho (2009), e pelos testes de diferenciação entre auxiliares e aspectualizadores, apresentados em Wachowicz (2007):

<b>Crítérios de auxiliaridade ou teste:</b>	<b><i>Acabar</i> apresenta comportamento de auxiliar ou de um aspectualizador perante esse teste?</b>
i) impossibilidade de complementação finita	Não se comporta como auxiliar
ii) exigência de sujeito único	Comportamento de auxiliar
iii) impossibilidade de negação com escopo sob a forma não flexionada	Não se comporta como auxiliar
iv) impossibilidade de adjuntos adverbiais com valores temporais diferentes	Comportamento de auxiliar
v) impossibilidade de adjuntos adverbiais modificarem parte da sequência verbal	Inconclusivo
vi) transparência de voz	Comportamento de auxiliar
vii) ausência de restrições de seleção quanto ao sujeito	Comportamento de auxiliar
viii) ausência de restrições de seleção quanto ao tipo aspectual do complemento	Comportamento de auxiliar
ix) ausência de flexão no infinitivo	Comportamento de auxiliar
x) impossibilidade de pronominalização do verbo principal e seus argumentos pelo clítico verbal demonstrativo <i>o</i>	Não se aplica no PB
xi) subida do clítico	Não se aplica no PB
xii) seleção de objeto NP	Comportamento de auxiliar
xiii) ausência de forma imperativa	Comportamento de auxiliar
ix) Perífrases com auxiliar <i>movem-se</i> em bloco na transformação para passiva.	Comportamento de auxiliar

<sup>44</sup> No sentido de ter uma interpretação geral de entidade que experiencia alguma situação, ser não-agentivo, ou ser o objeto lógico da sentença em alguns dos exemplos.

x) Teste de sujeitos diferentes.	Comportamento de auxiliar
xi) Teste do escopo da negação.	Não se comporta como auxiliar
xii) Teste de alterações semânticas de V1 com intercalações de locativos.	Inconclusivo
xiii) Promover restrição na predicação da sentença e operar sobre o intervalo de tempo denotado pelo verbo principal.	Comportamento de aspectualizador
xiv) ocorrer como verbo pleno quando em estruturas mono-sentenciais, mas os aspectualizadores apresentam alternância causativa.	Comportamento de auxiliar

Como podemos observar de forma mais clara no quadro acima, os testes não apontam para uma mesma direção. Observamos que *acabar* não apresenta um comportamento uniforme, ora comportando-se como um verbo auxiliar, ora como um aspectualizador. Apesar do grande número de características que observamos para esse verbo comportando-se como um auxiliar, outras como não auxiliar, e outros testes inconclusivos, como vimos na seção 3.2.1, consideraremos o verbo *acabar* em foco nesta dissertação como um aspectual (ou aspectualizador, na terminologia de Wachowicz (2005)), devido ao teste em v) no quadro acima. Consideraremos o verbo *acabar* como um aspectualizador, uma vez que é clara a leitura aspectual que esse verbo traz, de que *aconteceu alguma coisa e no fim das contas a situação terminou de tal forma*, o que leva a uma restrição temporal, focando na fase final do evento, ou, ainda, em seu resultado. Em outras palavras, o verbo *acabar* com sua leitura aspectual de fim de fase opera sobre o intervalo de tempo denotado pelo verbo principal, restringindo o intervalo de tempo para sua fase final ou para seu resultado, como Lunguinho já havia descrito para os verbos que ele chamou de auxiliares aspectuais.

Pensamos que o verbo *acabar*, de forma mais geral, deve ser um verbo semi-auxiliar, apresentando algumas características dos verbos auxiliares, mas não todas, pois além de figurar nas construções em foco nesta dissertação, pode figurar em outras construções, como verbo pleno ou com *acabar de*, por exemplo. Como já mencionamos, há a necessidade de se desenvolverem mais estudos que possam definir de forma mais conclusiva o estatuto dos



verbos auxiliares e dos aspectualizadores, e há, também, a necessidade de verificarem se todo aspectualizador deve ser um verbo semi-auxiliar, e se essa classe de verbos semi-auxiliares pode, de fato, se sustentar como uma classe de verbos.

## 4. Um tratamento de alçamento para *acabar*

Neste capítulo, procuramos responder às perguntas D e E, repetidas abaixo:

- D. Tratar as sentenças com *acabar* como construções de alçamento dá conta da formação das sentenças apresentadas?
- D1. Se sim, elas podem, de fato, ocorrer nas quatro estruturas de alçamento apontadas em Henriques (2008) e não só em duas delas, como é proposto por esse autor?
- E. A leitura não-agentiva observada para as sentenças com *acabar*, associada à possibilidade de ocorrerem em contextos típicos de construções de alçamento, remete a estudos que relacionam estruturas passivas (não-agentivas) a estruturas de alçamento (Cf. van Noord & Kordoni (2005) e Fokkens & Kordoni (2006), para um tratamento de sentenças passivas do holandês e do alemão como construções de alçamento). É possível estabelecer essa mesma relação entre a leitura não-agentiva dessas sentenças e as estruturas de alçamento em que podem ocorrer?

Para tanto, procuraremos avaliar de que forma as sentenças apresentadas de (49) a (69), que retomaremos na seção 4.1.2, em que *acabar* se comporta como verbo de alçamento, poderão nos ajudar a completar a caracterização desse verbo.

Apresentaremos algumas das propriedades usualmente descritas para as construções de alçamento, como no trabalho de Davies & Dubinsky (2004), e consideraremos as propostas de van Noord & Kordoni (2005), que aproximam as passivas não estativas do alemão e do holandês, das construções de alçamento, como já vimos no capítulo 2.

Resumidamente, na seção 4.1 apresentamos as propriedades típicas das construções de alçamento, como exposto em Davies & Dubinsky (2004); e discutimos o trabalho de Henriques (2008), que também trata de algumas sentenças com *acabar* como construções de alçamento padrão ou sem alçamento; na seção 4.2 buscamos mostrar a relação entre os verbos de alçamento, inacusativos, auxiliares, e o verbo *acabar*. Para tanto, consideraremos o trabalho de Ferreira (2009). Ainda faremos um paralelo entre a leitura dessas construções e as construções passivas, retomando trabalho de van Noord & Kordoni (2005), já apresentado no capítulo 2 desta dissertação, e Jaeggli (1986), apresentado no capítulo 1; a isso, segue uma discussão dos dados com *acabar*, na seção 4.3; e, finalmente, na seção 4.4, apresentamos as conclusões deste capítulo.

#### ***4.1 Estruturas de alçamento e de controle***

Nesta seção, esclarecemos as propriedades de construções de alçamento e os tipos de construções de alçamento existentes, em oposição às construções de controle, para, então, buscarmos uma análise do verbo *acabar*.

### 4.1.1 Davies & Dubinsky (2004) e as propriedades gerais de alçamento e controle

D&D (2004) trazem uma análise de sentenças de controle e alçamento dentro da Sintaxe Gerativa. Eles começam a análise considerando duas sentenças muito parecidas do inglês, que apresentam tratamentos sintáticos diferentes: a primeira, em (263)a, é uma sentença de alçamento de um sintagma para a posição de sujeito, e a segunda, em (263)b, é uma sentença de controle de sujeito:

(263) a. Barnett seemed to understand the formula.

b. Barnett tried to understand the formula. (D&D 2004, p.3)

A diferença fundamental entre essas sentenças tem a ver com o sujeito da oração principal. Em (263)a, o sujeito, *Barnett*, está ligado semanticamente apenas com o verbo da encaixada, *understand*. Em (263)b, o sujeito, *Barnett*, está ligado semanticamente com os dois verbos: o verbo da oração principal, *try*, e o da encaixada, *understand*. Por isso, dizemos que o sujeito desse último exemplo controla a referência do sujeito da oração encaixada.

Na sequência, eles colocam mais duas sentenças superficialmente parecidas, que também apresentam tratamentos sintáticos diferentes: a primeira, em (264)a, é uma sentença de alçamento para a posição de objeto, e a segunda, em (264)b, é uma sentença de controle de objeto:

(264) a. Barnett believed the doctor to have examined Tilman.

b. Barnett persuaded the doctor to examine Tilman. (D&D 2004, p.3)

A diferença fundamental entre essas sentenças está no NP que segue imediatamente esse verbo da oração principal. Em (264)a, *the doctor* está semanticamente ligado somente com o verbo da oração encaixada, *examine*, enquanto que em (264)b, *the doctor* está semanticamente ligado tanto ao verbo da oração principal, *persuade*, quanto ao verbo da encaixada, *examine*.

Os autores apresentam uma série de argumentos para mostrar as distinções empíricas entre predicados de alçamento e de controle. Eles mostram que, apesar da semelhança superficial de ordem de palavras e morfologia, essas construções se diferenciam de várias formas, muitas delas relacionadas ao significado. Para a diferenciação entre controle e alçamento, eles apontam os seguintes testes:

- i) construções de controle e alçamento têm estruturas temáticas diferentes.

(265) It seemed that Barnett understood the formula. (D&D 2004, p.4)

No caso de verbos intransitivos, o sujeito da oração matriz parece ter papel relacionado apenas ao complemento. O exemplo em (263)a é equivalente ao exemplo acima. *Barnett* tem papel- $\theta$  de experienciador como sujeito de *understand*. Já *it* não recebe papel- $\theta$ , uma vez que é um elemento semanticamente vazio, o que mostra que *seem* não precisa atribuir papel- $\theta$  para seu sujeito. No exemplo em (263)b, *Barnett* parece ter dois papéis temáticos na sentença, um de experienciador de *understand* e outro como agente de *try*. O verbo de controle *try*, diferentemente do de alçamento *seem*, atribui papel- $\theta$  para seu sujeito. Assim, nesses casos, deve haver um PRO controlado pelo sujeito, *Barnett*, nessas sentenças.

No caso de verbos transitivos de alçamento e de controle há uma diferença semelhante. O exemplo em (264)a é equivalente ao exemplo abaixo:

(266) Barnett believed that the doctor had examined Tilman. (D&D 2004, p.5)

Nesse exemplo, *the doctor* tem papel de agente ou examinador. Já no exemplo em (264)b, *the doctor* tem dois papéis, o de agente do verbo da oração encaixada, *examine*, e outro como objeto de *persuade*. Esse é, novamente, um caso no qual deve haver um PRO controlado, nesse caso pelo objeto, *the doctor*.

ii) Passiva como complemento da oração.

Nas construções de alçamento, uma sentença com um complemento passivo é sinônima da mesma sentença com um complemento ativo, tanto com verbos intransitivos, como em (267), quanto com os transitivos, como em (268):

(267) a. Barnett seemed to have read the book.

b. The book seemed to have been read by Barnett. (D&D 2004, p.5)

(268) Barnett believed Tilman to have been examined by the doctor.

(D&D 2004, p.6)

O exemplo em (268) é sinônimo do exemplo em (264)a.

Com um verbo intransitivo de controle, uma sentença com um complemento passivo não é sinônima da mesma sentença com um complemento ativo, como os autores mostram nos exemplos que colocamos em (269) e, em alguns casos, nem é possível, como nos exemplos em (270):

(269) a. The doctor tried to examine Tilman.

b. Tilman tried to be examined by the doctor.

(270) a. Barnett tried to read the book.

b. #The book tried to be read by Barnett. (D&D 2004, p.5)

Em (269)a, quem tentou alguma coisa foi o médico; já em em (269)b, quem tentou alguma coisa foi o Tilman, de forma que essas sentenças não são sinônimas. Em (270)b, o argumento externo teria de ser volitivo para poder *tentar* (*try*) alguma coisa, ou seja, o verbo *try* seleciona um argumento volitivo, animado para sua posição de sujeito.

Os autores mostram que o mesmo ocorre com verbos transitivos de controle: uma sentença com um complemento passivo não é sinônima da mesma sentença com um complemento ativo. Os autores comparam o exemplos a seguir com aquele em (264)b:

(271) Barnett persuaded Tilman to be examined by the doctor. (D&D 2004, p.6)

Em (264)b, *the doctor* é que é persuadido; já em (271), *Tilman* é que é persuadido.

iii) as restrições de seleção do predicado da oração encaixada é que determinam a boa formação da sentença.

Os autores mostram que, por razões semânticas, muitos predicados pedem que um ou outro argumento tenha propriedades específicas, como em (272):

(272) a. The rock is granite.

b. #The rock understands the important issues of the day. (D&D 2004, p.6)

Eles explicam que *be granite* seleciona um sujeito que possa, de fato, ser granito. Em (272)b, o predicado *understand* seleciona um sujeito que seja racional, por isso, é semanticamente agramatical. Ainda, eles apontam que essa restrição de seleção ajuda a distinguir construções de controle das de alçamento: nas construções de alçamento, as restrições do predicado na oração encaixada é que determinam a boa formação semântica da sentença; por outro lado, nas construções de controle são as restrições do predicado de controle que determinam a boa formação semântica da sentença. Os exemplos com predicados de alçamento e controle intransitivos, em (273) e (274), e transitivos, em (275) e (276), respectivamente, ilustram essa propriedade:

(273) a. The rock seems to be granite.

b. #The rock seems to understand the important issues of the day.

(274) a. #The rock tried to be granite.

b. #The rock tried to understand the important issues of the day.

(275) a. Barnett believed the rock to be granite.

b. #Barnett believed the rock to understand the issues of the day.

(276) a. #Barnett persuaded the rock to be granite.

b. #Barnett persuaded the rock to understand the issues of the day.

(D&D 2004, p.6 e 7)



Nas construções de alçamento, em (273) e (275), quando as restrições seletivas do predicado da oração encaixada são satisfeitas, a sentença é bem formada, caso contrário, ela não o é. Nas construções de controle, em (274) e (276), é o verbo de controle que seleciona o argumento externo, então são as restrições seletivas desse predicado de controle que tem que ser satisfeitas.

- iv) *it* utilizado em expressões meteorológicas e *there* existencial.

*It* utilizado em expressões meteorológicas e *there* existencial podem ser o sujeito do predicado de alçamento, intransitivo ou transitivo, mas não do predicado de controle, como os autores mostram nos exemplos a seguir:

(277) a. It seemed to be raining.

b. There seems to be a unicorn in the garden.

(278) a. \*It tried to be raining.

b. \*There tried to be a unicorn in the garden.

(279) a. Barnett believed it to have rained.

b. Barnett believed there to be a unicorn in the garden.

(280) a. \*Barnett persuaded it to have rained.

b. \*Barnett persuaded there to be a unicorn in the garden. (D&D 2004, p.7 e 8)

*It* e *there* são elementos pleonásticos, ou seja, são semanticamente vazios. Assim sendo, eles podem figurar como sujeito ou objeto de verbos de alçamento, mas não de verbos de controle, pois os últimos atribuem papel- $\theta$  para essas posições.

v) expressões idiomáticas.

Construções de alçamento são possíveis com expressões idiomáticas, enquanto construções de controle não são. Os autores mostram o seguinte exemplo:

(281) The cat is out of the bag. (D&D 2004, p.8)

*Cat* nessa expressão tem um sentido especial, significa *segredo*. Assim, temos:

- (282) a. The cat seemed to be out of the bag.  
b. ?The cat tried to be out of the bag.  
c. Tina believed the cat to be out of the bag by now.  
d. ?Tina persuaded the cat to be out of the bag. (D&D 2004, p.8)

Com as construções de alçamento o significado especial é mantido, porém com as sentenças de controle a única interpretação possível é a literal, na qual *the cat* tem seu significado normal.

Na seção 4.1.3, aplicaremos os testes propostos por D&D às sentenças com *acabar*.

#### 4.1.2 Henriques (2008)

Como já apontamos no capítulo 1 desta dissertação, Henriques (2008) aponta quatro possibilidades estruturais para as construções com *parecer*:

- i) com alçamento do sujeito da subordinada e concordância com o verbo de alçamento, e o verbo da subordinada apresenta a forma infinitiva. Essa estrutura é conhecida como alçamento clássico ou padrão;
- ii) sem alçamento do sujeito da subordinada, e o sujeito da oração encaixada pode aparecer expresso ou não;
- iii) com alçamento do sujeito da subordinada e concordância com o verbo da principal e da subordinada. Essa construção é conhecida na literatura como hiperalçamento (Ferreira 2000); e,
- iv) com alçamento do sujeito para uma posição externa à sentença, portanto, sem concordância com o verbo da principal.

Essas quatro possibilidades estão ilustradas abaixo, de (283) a (286), respectivamente, com o verbo *parecer*:

(283) [IP As crianças<sub>i</sub> parecem [InfP *t<sub>i</sub>* querer o sorvete]].

(284) a. [IP [øexpl] Parece [CP que o menino dormiu]].

b. [IP [øexpl] Parece [CP que [ø]<sub>i</sub> estou<sub>i</sub> flutuando]].

(285) [IP Os meninos<sub>i</sub> parecem [CP que *t<sub>i</sub>* sabem onde está o brinquedo]].

(Henriques, 2008, p.2 e 3)

(286) [TopP Eu<sub>i</sub> [IP [øexpl] parece [CP que [ø]<sub>i</sub> vou explodir de raiva]].

(Duarte, 2007, *apud* Henriques, 2008, p.3)

Esse autor trata o verbo *parecer* como um verbo que constitui um grupo à parte, por ser o único a formar essas quatro possibilidades. Porém, nos testes para verificar se *acabar* figura nessas quatro estruturas, feito no capítulo 1, nos exemplos de (49) a (69), vimos que há construções com *acabar* em todas elas.

Na próxima seção, remeteremos a esses testes para mostrar como *acabar* funciona estruturalmente.

### 4.1.3 Alçamento e as sentenças com *acabar*

Primeiramente, consideramos o trabalho de D&D (2004), que apontaram as características de construções de alçamento e controle, e observamos, agora, tais características em relação às sentenças com *acabar*. Para esses testes, consideraremos as sentenças apresentadas de (1) a (6).

- i) construções de controle e alçamento têm estruturas temáticas diferentes.

A primeira diferença que os autores apontam é em relação à atribuição de papéis temáticos. Repetimos os exemplos mostrados em (8) e alguns em (227) para mostrar que, de acordo com a primeira diferença entre estruturas de controle e alçamento, apontada por D&D, *acabar* se comporta como verbo de alçamento:

(287) a. O João acabou na cadeia.

a'. Acabou que o João foi parar/ficou na cadeia.

- b. O João acabou dono de restaurante.
- b'. Acabou que o João tornou-se/virou dono de restaurante.
- c. A Ana demorou tanto que o João acabou furioso.
- c'. Acabou que o João ficou furioso por causa da demora da Ana.
- d. O João acabou enfurecido pela Ana.
- d'. Acabou que o João foi enfurecido pela Ana.
- e. A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes.
- e'. Acabou que a demora da reunião enfureceu os participantes.
- f. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.
- f'. Acabou que a demora da reunião enfureceu os participantes.

Esses exemplos já mostraram que *O João*, em (287)a-d, e *a demora da reunião*, em (287)e/f, não são argumentos de *acabar*, mas sim do predicado no complemento de *acabar*. O verbo *acabar* não seleciona argumento externo e, portanto, se comporta como verbo de alçamento.

- ii) Passiva como complemento da oração.

A segunda forma de testar se uma construção é de alçamento ou controle é relacionada às passivas. Nas construções de alçamento, uma sentença com um complemento passivo é sinônima da mesma sentença com um complemento ativo. Já vimos que *acabar* das sentenças (1), (2) e (3) não apresenta um verbo ao qual se aplique o processo de passivização. Por esse motivo, essas sentenças não serão submetidas a esse teste. Também não aplicaremos o teste à sentença em que o complemento de *acabar* contém um particípio, pois esse complemento já está na forma passiva. Esse teste poderá, então, comprovar o caráter de alçamento das

sentenças em que *acabar* seleciona uma proposição com um gerúndio ou com ou *por+infinitivo* como seu complemento. Reveja alguns dos exemplos já mostrados em (253), repetidos abaixo:

- (288) a. A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes.  
a'. Os participantes **acabaram sendo enfurecidos** pela demora da reunião.  
b. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.  
b'. Os participantes **acabaram sendo enfurecidos** pela demora da reunião.

Nesses exemplos, a sentença com um complemento passivo é sinônima da mesma sentença com um complemento ativo. Assim, novamente *acabar* apresenta comportamento de um verbo de alçamento.

iii) as restrições de seleção do predicado da oração encaixada é que determinam a boa formação da sentença.

O terceiro argumento é sobre as restrições de seleção do predicado da oração encaixada. Nas construções de alçamento, quando as restrições seletivas do predicado da oração encaixada são satisfeitas, a sentença é bem formada, caso contrário, ela não o é. Repetimos aqui os exemplos em (126) que mostraram que é o predicado encaixado, e não o verbo *acabar* que seleciona o argumento externo e acrescentamos a eles alguns exemplos que mostram que a sentença é agramatical, se o argumento interno selecionado pelo predicado da oração encaixada não se realiza, ou se realiza por um constituinte com referência incompatível com as propriedades de seleção desse predicado:

- (289) a. O João acabou na cadeia.  
a'. \*A pedra acabou na cadeia.  
b. O João acabou dono de restaurante.  
b'. \*A pedra acabou dona de restaurante.  
c. A Ana demorou tanto que o João acabou furioso.  
c'. \*A Ana demorou tanto que a pedra acabou furiosa.  
d. O João acabou enfurecido pela Ana.  
d'. \*A pedra acabou enfurecida pela Ana.  
e. A demora da reunião acabou enfurecendo os participantes.  
e'. \*A pedra acabou enfurecendo os participantes.  
e''. \*A pedra acabou enfurecendo.  
e'''. \*A demora da reunião acabou enfurecendo a pedra.  
f. A demora da reunião acabou por enfurecer os participantes.  
f'. \*A pedra acabou por enfurecer os participantes.  
f''. \*A pedra acabou por enfurecer.  
f'''. \*A demora da reunião acabou por enfurecer a pedra.

Assim, verificamos que, perante esse teste, *acabar* também se comporta como um verbo de alçamento.

- iv) *it* utilizado em expressões meteorológicas e *there* existencial.

*It* utilizado em expressões meteorológicas e *there* existencial podem ser o sujeito do predicado de alçamento intransitivo. Não podemos aplicar esse teste aos dados de (1) a (6), já que o português não dispõe desses tipos de expletivos. No entanto, para alguns autores (cf.

Duarte, 2003), em português, expressões meteorológicas e existenciais são licenciadas por uma categoria vazia do tipo *pro* que funciona como um expletivo nulo, como verificamos em (290)<sup>45</sup>:

(290) *pro* Choveu.

(291) *pro* Tem muita gente matriculada no curso.

As sentenças com *acabar*, correspondentes às formações acima parecem se comportar da mesma forma, aceitando a ocorrência de um *pro* expletivo em posição de sujeito:

(292) *pro* Acabou chovendo.

(293) *pro* Acabou que tem muita gente matriculada no curso.

Dessa forma, mais uma vez, *acabar* se comporta como um verbo de alçamento.

v) expressões idiomáticas.

O último argumento envolve expressões idiomáticas. Construções de alçamento são possíveis com expressões idiomáticas, não perdem seu significado, enquanto construções de controle perdem. Como vemos em (294) e (295):

(294) a. A vaca foi *pro* brejo.

b. A situação ficou preta.

c. A cobra fumou.

---

<sup>45</sup> Cf. Viotti (1999), para uma análise das existenciais sem a proposição de um sujeito expletivo.



- (295) a. A vaca acabou indo pro brejo.  
 b. A situação acabou ficando preta.  
 c. A cobra acabou fumando.

- (296) a. Acabou que a vaca foi pro brejo.  
 b. Acabou que a situação ficou preta.  
 c. Acabou que a cobra fumou.

Resumidamente, temos:

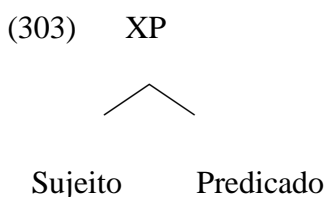
Testes para checar se um verbo é de alçamento:	<i>Acabar</i> se comporta como um verbo de alçamento?
i) O verbo de alçamento não atribui papel- $\theta$ para o sujeito, pois não seleciona um argumento externo.	Sim
ii) a sentença com um complemento passivo é sinônima da mesma sentença com um complemento ativo.	Sim
iii) as restrições de seleção do predicado da oração encaixada é que determinam a boa formação da sentença.	Sim
iv) aceitando a ocorrência de um <i>pro</i> expletivo em posição de sujeito.	Sim
v) não perdem seu significado com expressões idiomáticas.	Sim

Tendo mostrado que os testes feitos com *acabar* combinam com as descrições de um verbo de alçamento, trataremos as construções com *acabar* em foco neste trabalho como construções de alçamento. Como já apontamos anteriormente, nas representações de (49) a (54), repetidas abaixo, parece que em todos os casos com o verbo *acabar* em estudo, esse verbo está selecionando uma *small clause* como seu complemento, e o argumento interno ou

externo do predicado dessa *small clause* alça para a posição de sujeito para receber Caso nominativo e satisfazer EPP, deixando apenas um vestígio.

- (297) [IP Os homens<sub>i</sub> acabaram [SC  $t_i$  na cadeia]].  
(298) [IP O João<sub>i</sub> acabou [SC  $t_i$  dono de restaurante]].  
(299) [IP O João<sub>i</sub> acabou [SC  $t_i$  furioso]].  
(300) [IP O João<sub>i</sub> acabou [SC  $t_i$  enfurecido pela Ana]].  
(301) [IP Os rumos da reunião<sub>i</sub> acabaram [SC  $t_i$  enfurecendo os participantes]].  
(302) [IP A demora da reunião<sub>i</sub> acabou [SC  $t_i$  por enfurecer os participantes]].

A *small clause* é um conjunto de construções que apresentam uma relação entre sujeito e predicado, formando um único constituinte. Stowell (1983, *apud* Gomes, 2006) afirma que a *small clause* é a projeção máxima da categoria de seu predicado. Assim, muitos tipos de XPs, como NP, VP, AP, PP e IP, podem servir como domínios de predicação:



Cardinaletti & Guasti (1995, *apud* Gomes, 2006) afirmam que esse predicado não deve ser um verbo flexionado, mas sim um verbo no infinitivo, gerúndio ou particípio, um adjetivo, um sintagma preposicional ou um sintagma nominal. Como já vimos, a proposição no complemento de *acabar* pode trazer várias dessas possibilidades. Observando as sentenças de (297) a (302), temos, respectivamente, um PP, um NP, um AP, um verbo no particípio, gerúndio, ou [*por*] infinitivo.

Gomes (2006) mostra que sentenças como as representadas em (304), junto com suas estruturas em (304)('), motivaram a Teoria de *Small Clause*:

- (304) a. We consider John clever.  
a'. We consider [John clever].  
b. John seems clever.  
b'. John<sub>i</sub> seems [t<sub>i</sub> clever].  
c. Angry at everyone, John left the party.  
c'. [PRO<sub>i</sub> Angry at everyone], John<sub>i</sub> left the party. (Gomes, 2006, p. 22)

Uma *small clause* aplica-se para alguns complementos de verbos, entre eles, para os verbos de alçamento, como nos exemplos em (304)b e também no exemplo abaixo:

- (305) John<sub>i</sub> seems [t<sub>i</sub> to be clever]. (Gomes, 2006, p. 22)

Essa é uma construção parecida com algumas construções que vimos analisando. Observamos, então, que *acabar* funciona como um verbo de alçamento e o complemento de *acabar* pode ser sempre uma *small clause*.

Ainda, lembramos que essas sentenças com o verbo *acabar* podem figurar nas quatro estruturas de alçamento apontadas em Henriques (2008) e não só em duas delas, como é proposto por esse autor. Esses dados já foram verificados e podem ser revistos nos exemplos de (49) a (69), no capítulo 1. Sendo, assim, vimos que *acabar* pode funcionar como um verbo de alçamento prototípico, podendo figurar em todas essas estruturas. Além disso, as sentenças originais, podem sempre apresentar uma *small clause* como complemento.

## ***4.2 Estrutura e estatuto de acabar***

Nesta seção, pretendemos mostrar uma relação estabelecida entre os verbos de alçamento, inacusativos, auxiliares, e o verbo *acabar*. Para tanto, exploramos o trabalho de Ferreira (2009), no qual a autora estabelece relações entre os três primeiros tipos de verbos citados, considerando os verbos auxiliares como uma subclasse dos verbos inacusativos, e tratando-os como verbos de alçamento. Ainda faremos um paralelo entre a leitura das construções de alçamento e as construções passivas.

Resumidamente, em 4.2.1, traremos uma resenha do trabalho de Ferreira (2009); em 4.2.2, traremos nossas considerações acerca do verbo *acabar* relacionando-o a inacusatividade, auxiliaridade e propriedades de alçamento; e, em 4.2.3 retomaremos alguns pontos dos trabalhos de van Noord & Kordoni (2005), e Jaeggli (1986) e faremos um paralelo entre as propriedades das construções de alçamento, dos verbos inacusativos, e das passivas.

### **4.2.1 Ferreira (2009)**

Nesse texto, Ferreira discute algumas propriedades apontadas na literatura para definir os verbos auxiliares, tais como:

- i) eles, necessariamente, projetam uma estrutura de alçamento;
- ii) um verbo auxiliar não deve oferecer restrições de seleção semântica ao seu complemento, assim forma sequências com qualquer verbo;
- iii) deve ocorrer com sujeito de expressões idiomáticas, sem alterar o significado de tal expressão;

- iv) apresenta transparência de voz, de forma que a sentença na voz ativa corresponde àquela na voz passiva;
- v) resiste ao processo de apassivação; e
- vi) não deve oferecer restrições quanto ao aspecto do verbo no seu complemento.

A autora afirma que os verbos auxiliares constituem uma subclasse dos verbos inacusativos e que “ser inacusativo é uma propriedade necessária, embora não suficiente, de todo o verbo auxiliar. Dentre os inacusativos, os verbos candidatos a auxiliar são apenas aqueles que selecionam um VP ou um P InfP como complemento” (Ferreira, 2009, p.11).

Ela mostra que os inacusativos selecionam apenas um argumento interno, não projetando a posição de argumento externo, como no exemplo abaixo:

(306) Inacusativos: \_\_\_\_\_ [v<sub>P</sub>[v' V DP]] (Ferreira, 2009, p. 131)

O DP argumento desses verbos acaba sendo o sujeito da sentença. Move para Spec/IP para ser marcado com Caso nominativo e satisfazer EPP. O DP argumento desses verbos tem propriedade de tema. Os verbos inacusativos não selecionam DPs com traço agentivo, então não devem se combinar com sufixos agentivos, como –or. A autora mostra alguns exemplos com inergativos, transitivos e inacusativos:

- (307) a. trabalhador  
 b. demolidor  
 c. \*surgidor (Ferreira, 2009, p. 132)

Esse teste mostra que os inacusativos não atribuem papel- $\theta$  de agente para seu argumento DP, mas sim selecionam um DP com propriedades de argumento interno, cujo papel- $\theta$  é o de tema.

O aspecto determinante para que um verbo constitua um auxiliar são suas propriedades de c-seleção. Por isso, a autora apresenta os possíveis complementos de cada grupo de verbos que compõe a classe inacusativa. Ela estende a noção de inacusatividade para verbos que não selecionam um argumento externo e que selecionam um complemento. Assim, são inacusativos verbos que subcategorizam um DP, uma SC, um CP, como nos exemplos abaixo, respectivamente, além de um VP/infinitivo, gerúndio ou particípio ativo ou passivo.

- (308) a. [apareceu [DP a Marta]].  
a'. [IP A Marta<sub>i</sub> apareceu<sub>v</sub> [VP t<sub>v</sub> t<sub>i</sub>]].  
b. A Marta é uma criança.  
b'. é [SC a Maria [DP uma criança]].  
c. Parece [CP que esse robô dança]  
c'. [IP pro<sub>expl</sub> parecev [VP t<sub>v</sub> [CP que [IP esse robô<sub>i</sub> dança<sub>k</sub> [VP t<sub>i</sub> t<sub>k</sub>]]]]].

(Ferreira, 2009, p. 132)

A autora vê a classe dos auxiliares como uma subclasse dos inacusativos, restringindo-se aos grupos que selecionam VP/infinitivo, gerúndio ou particípio como complemento.

Ainda, ela mostra que há inacusativos que tem um complemento encabeçado por uma preposição, como em (309):

- (309) a. Pedro começou a correr.  
b. Marta continua a cantar.

- c. Maria terminou de traduzir o texto.
- d. Pedro acabou de/por lutar.
- e. Muitos alunos vieram a questionar nossa avaliação. (Ferreira, 2009, p. 136)

Ela mostra nos exemplos abaixo que o argumento externo do verbo no infinitivo não recebe Caso, alcançando, então, para Spec/IP.

- (310) a. [IP começou [a Pedro correr]].  
b. [IP Pedro<sub>i</sub> começou [a t<sub>i</sub> correr]]. (Ferreira, 2009, p. 136)

A autora observa que essas preposições não barram a subida do argumento externo do verbo encaixado e acredita que isso se dá por conta do valor aspectual que essas preposições têm. Para corroborar essa hipótese, ela mostra paráfrases nas quais a sentença com uma forma gerundiva traz a mesma leitura que a sentença com a preposição *a*, como vemos nos exemplos a seguir:

- (311) a. Pedro continuo fazendo o trabalho árduo.  
b. Pedro continuou a fazer o trabalho árduo. (Ferreira, 2009, p. 137)

Como exemplo de participios que podem ser subcategorizados por verbos inacusativos, a autora traz mais esse exemplo abaixo:

- (312) a. Tem [PartP Marta cantado nas festas]. (Ferreira, 2009, p. 136)

Assim, ela mostra que ser inacusativo é uma propriedade necessária de todo verbo auxiliar, o que exclui os verbos de controle dessa classe. Como os auxiliares não selecionam argumento externo, são verbos de alçamento, seu complemento deve conter um vestígio e não um PRO.

Ainda, a autora mostra que nem todo verbo de alçamento é auxiliar e exemplifica com o verbo *parecer*. Ela aponta que esse verbo não passa no teste da sentença desenvolvida, pois o exemplo em (313)b traz um CP com uma sentença desenvolvida como complemento daquele verbo:

(313) a. A Maria parece estar feliz.

b. Parece que a Maria está feliz.

(Ferreira, 2009, p. 138)

Ela conclui, então, que os inacusativos lexicais não fazem parte do grupo de verbos auxiliares, pois, um auxiliar precisa apresentar alguma propriedade funcional, estar em processo de gramaticalização.

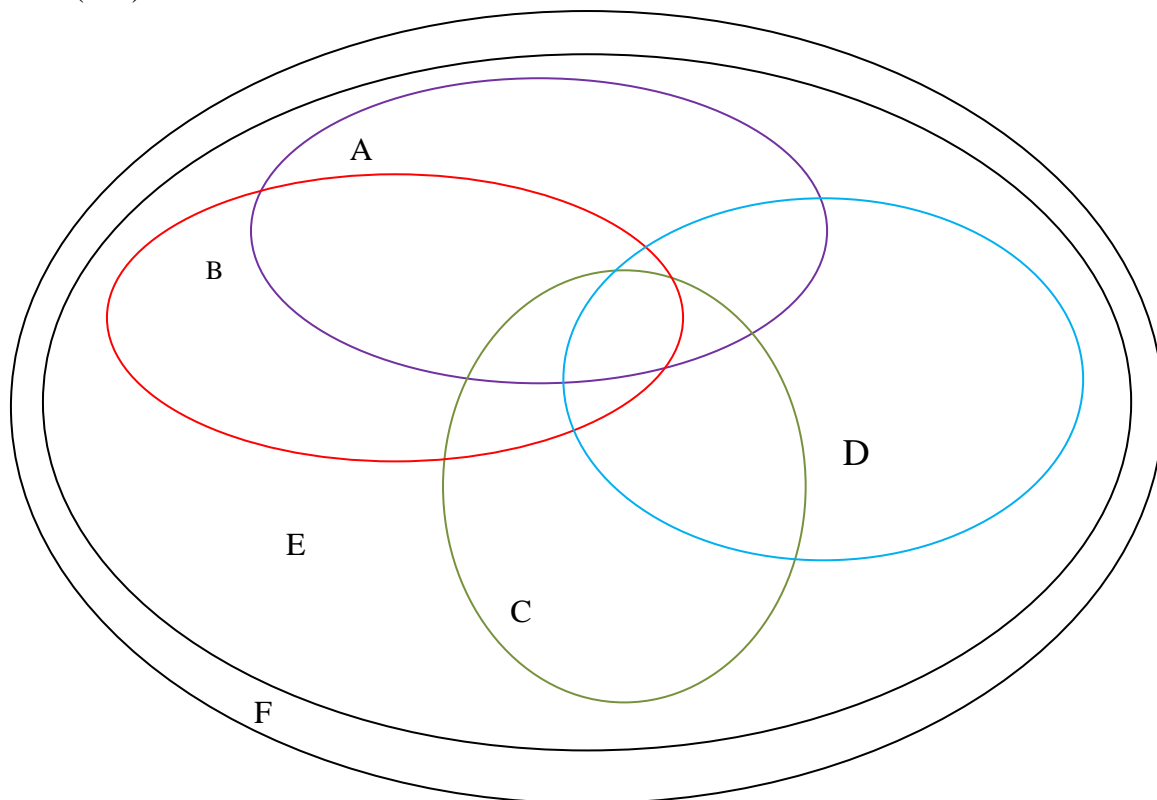
#### 4.2.2 O verbo *acabar*, inacusatividade, auxiliaridade e alçamento

Já vimos nos capítulos anteriores que apesar de *acabar* apresentar propriedades ora de um verbo auxiliar, ora de um aspectualizador, o definimos nesta dissertação, como um aspectualizador, pois esse verbo impõem uma restrição temporal, focando na fase final do evento, ou, ainda, em seu resultado, como mostrado por Lunguinho (2005) e Wachowicz (2007). Em outras palavras, o verbo *acabar* com sua leitura aspectual de fim de fase opera sobre o intervalo de tempo denotado pelo verbo principal, restringindo o intervalo de tempo para sua fase final ou para seu resultado.



Em Ferreira 2009, vimos que, a autora discute os verbos inacusativos, auxiliares, e de alçamento, dividindo-os como ilustramos abaixo, para melhor visualização<sup>46</sup>:

(314)



Em A, estão os verbos que subcategorizam um CP; em B, aqueles que subcategorizam um DP; em C, aqueles que subcategorizam uma SC; em D, estão os verbos auxiliares; em E, os inacusativo; e, em F, estão os verbos de alçamento.

Dadas as propriedades já descritas das construções com *acabar*, ao assumirmos a proposta de Ferreira (2009) para a categorização de verbos de alçamento, inacusativos e auxiliares, precisaremos determinar como, exatamente, o verbo *acabar* em foco nessa dissertação deve ser classificado, visto que os verbos auxiliares são uma subclasse dos verbos inacusativos, que, por sua vez, são construções de alçamento.

<sup>46</sup> Figura feita por nós para melhor visualização da proposta de Ferreira (2009) e localização de *acabar* entre os subgrupos.

Bem, primeiramente, já vimos que *acabar* seleciona apenas um argumento interno, tratando-se de um verbo inacusativo, e também já vimos que ele deve ser tratado como um verbo de alçamento padrão nas construções que analisamos. Assim, ele será representado pela estrutura de verbos inacusativos que vimos em (306) acima e repetimos abaixo para *acabar*:

(315) *acabar*: \_\_\_\_\_ [vp[v' V DP]].

O DP argumento desses verbos acaba sendo o sujeito da sentença. Move para Spec/IP para ser marcado com Caso nominativo e satisfazer EPP, como já vimos em outros capítulos. A autora trouxe mais um teste, de acordo com o qual um inacusativo não deve se combinar com sufixos agentivos, como *-or*, para mostrar que esses verbos não selecionam DPs com traço agentivo. Perante esse teste, *acabar* se comporta como segue:

(316) \**acabador*

Com mais esse teste, reforçamos que o verbo *acabar*, como um inacusativo, não atribui papel- $\theta$  de agente para seu argumento DP, mas sim seleciona uma *small clause* com um predicado que pode, por sua vez, selecionar um ou dois argumentos.

A autora aponta como inacusativos verbos que subcategorizam um DP, uma SC, um CP, um VP/infinitivo, gerúndio ou particípio ativo ou passivo. Já mostramos nos exemplos de (297) a (302) que *acabar* seleciona uma SC como complemento, podendo ter como núcleo uma preposição (um PP), um substantivo (um NP), um adjetivo (um AP), ou um particípio, gerúndio ou [*por*] *infinitivo*. Assim, até aqui *acabar* se comporta como um verbo inacusativo.

Quanto aos inacusativos que tem um complemento encabeçado por uma preposição e apresentam uma paráfrase com uma forma gerundiva, é exatamente o caso dos nossos exemplos em (5) e (6), repetidos abaixo:

(317) A demora da reunião acabou **enfurecendo** os participantes.

(318) A demora da reunião acabou **por enfurecer** os participantes.

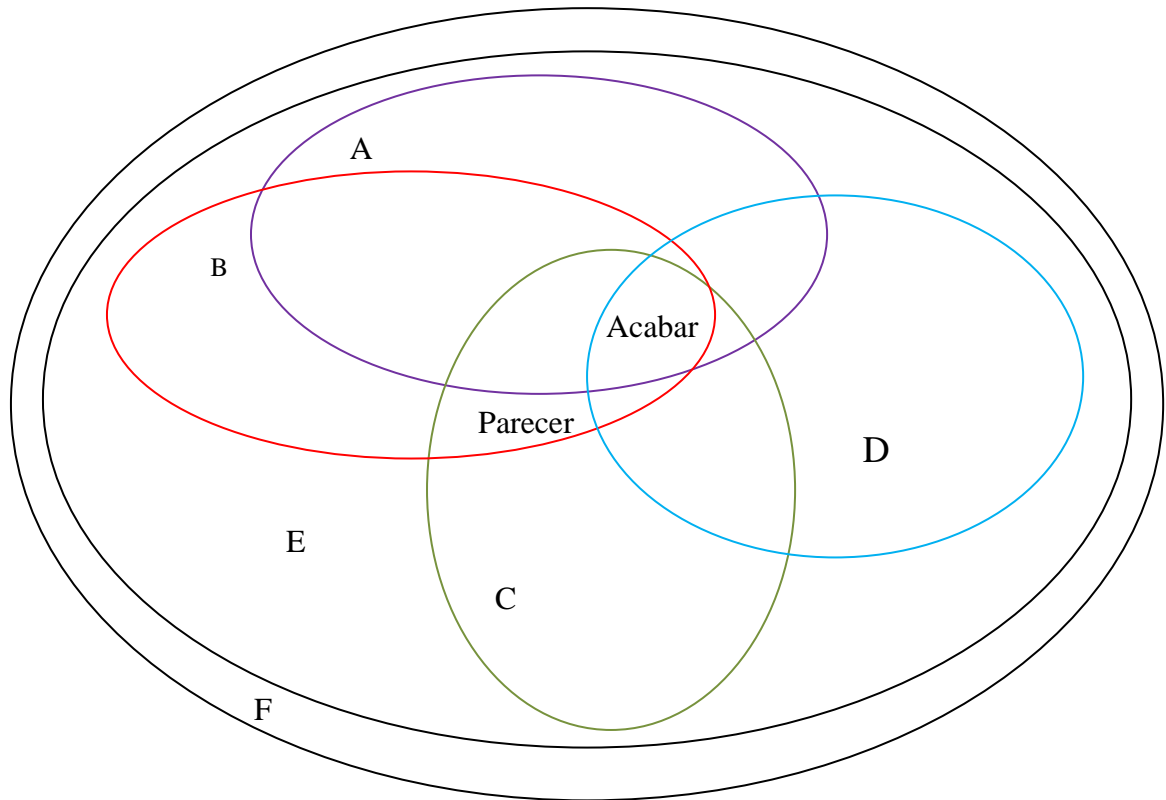
No caso de (318), observamos que a preposição não barra a subida do argumento externo do verbo encaixado, pois a estrutura que temos para tal sentença é aquela apresentada em (302), repetida abaixo:

(319) [<sub>IP</sub> A demora da reunião<sub>i</sub> acabou [<sub>SC</sub> *t<sub>i</sub>* por enfurecer os participantes]].

Assim, vemos que o argumento externo do verbo no complemento de *acabar* pode ser alçado para a posição de sujeito superficial. Pelas sentenças que vimos em (317) e (318), que tem o mesmo significado, acreditamos que a preposição deva ter um valor aspectual, não barrando a subida do argumento externo do verbo no complemento de *acabar*.

Quanto à classificação do verbo *acabar* entre os verbos que ilustramos em (314), acreditamos que teríamos algo como se vê na figura abaixo:

(320)



O verbo *parecer* é um verbo ao qual *acabar* se assemelha bastante no sentido de apresentar os mesmos tipos de alçamento que aquele verbo apresenta, o que nos possibilita chamá-los de verbos de alçamento prototípicos. Sem muita pretensão, posicionamos esse verbo na intersecção entre A, B e C, ou seja, excluindo as propriedades de auxiliar representadas em D. Sendo assim, *parecer* pode subcategorizar uma SC, um CP ou um DP, porém esse verbo deve ser melhor avaliado.

Já para o verbo *acabar*, verificamos haver algumas semelhanças com verbos auxiliares e aspectualizadores, e outras diferenças dos mesmos, como ressaltamos no capítulo anterior. Portanto, acreditamos que esse verbo deva abranger as mesmas propriedades que o verbo *parecer* exhibe, mais algumas propriedades de verbo auxiliar, o que deve caracterizá-lo como aspectualizador. Sendo assim, *acabar* está na intersecção entre A, B C e D, ou seja, está no subconjunto com 4 limites: um roxo, um vermelho, um verde e um azul. Logo, *acabar* pode subcategorizar uma SC, um CP, um DP, e apresentar propriedades de verbos auxiliares.

Especulamos, ainda, que talvez seja aí que se definem os aspectualizadores, mas mais pesquisa precisa ser feita em trabalho futuro para uma definição decisiva acerca de tais verbos.

### 4.2.3 Leitura passiva, inacusativos e alçamento

Ainda para completarmos a resposta para a pergunta E, observamos que algumas propriedades se verificam tanto para os verbos de alçamento quanto para as passivas.

Primeiramente, vimos em van Noord & Kordoni (2005) que um tratamento de alçamento pode ser dado para as passivas do holandês e do alemão, o que nos leva a crer que, no PB, pode haver propriedades parecidas, se não idênticas, entre as construções com *acabar* e as construções passivas.

Em Jaeggli (1986), vimos que duas das propriedades das passivas das línguas naturais são também propriedades dos verbos inacusativos e, logo, dos verbos de alçamento: i) o NP na posição de sujeito não recebe papel- $\theta$ ; e ii) o NP na posição de VP não recebe Caso verbal. Então, essas propriedades se verificam tanto para as passivas quanto para o verbo *acabar*. Vimos também que nas construções passivas apontadas por Jaeggli (1986) essas propriedades se verificam de forma diferente da forma que se apresenta para as sentenças com *acabar*, de forma que essas construções podem ter uma mesma leitura, mas não a mesma estrutura sintática.

Concluimos que, devido ao fato de verbos auxiliares e inacusativos apresentarem propriedades de verbo de alçamento, como vimos em Ferreira (2009), e, além disso, passivas apresentarem algumas características comuns àquelas construções, obtemos uma leitura não-agentiva parecida para todas essas construções, incluindo o verbo *acabar* em foco nesta dissertação.

### 4.3 Conclusões do capítulo

Vimos, neste capítulo, que o verbo *acabar* nas sentenças em foco nesta pesquisa funciona como um verbo inacusativo, selecionando apenas um argumento interno, no caso, uma SC, mas pode desdobrar-se em paráfrases selecionando um CP. Ferreira (2009) prevê que um verbo inacusativo funcione como uma construção de alçamento. O verbo *acabar* apresentou características de alçamento perante os testes propostos por D&D (2004) para diferenciar construções de alçamento das de controle. Vimos também que, no caso dos exemplos iniciais apontados nesse artigo, *acabar* pode ser analisado, sintaticamente, como um verbo de alçamento padrão. Porém, ao contrário do que Henriques (2008) defende, *acabar* pode, sim, figurar nas quatro estruturas de alçamento apontadas pelo autor, funcionando como o *parecer*, que é um verbo prototípico de alçamento.

Além disso, como Ferreira (2009) mostrou, o fato de um verbo ser um inacusativo é uma propriedade necessária, mas não suficiente para que ele seja também um auxiliar. Pelos testes feitos no capítulo anterior, vimos que *acabar* apresenta várias propriedades de verbos auxiliares, mas a propriedade de operar sobre um intervalo de tempo, restringindo esse intervalo para sua fase final ou para seu resultado nos fez classificar esse verbo como um aspectualizador. Por conta disso, prevemos que *acabar* esteja em uma intersecção entre os subgrupos de verbos que selecionam uma SC, um CP, um DP e as propriedades de verbos auxiliares, caracterizando-se, possivelmente, como um verbo semi-auxiliar.

Ressaltamos que mais estudo precisa ser feito para definir de forma mais conclusiva o estatuto dos verbos auxiliares, aspectualizadores, e semi-auxiliares, e, como já apontamos anteriormente, há também a necessidade de verificarem se todo aspectualizador deve ser um

verbo semi-auxiliar, e se essa classe de verbos semi-auxiliares pode, de fato, se sustentar como uma classe de verbos com suas características específicas.

## 5. Conclusões

Observamos ao longo desta dissertação que um mesmo verbo *acabar* é capaz de expressar, principalmente, três noções diferentes:

i) A primeira, indicada neste trabalho, é a noção de *acabar* trazendo uma idéia de resultado ou fase final de um evento, com uma leitura *algo aconteceu e no final das contas a situação terminou de tal forma*. Nesse caso, como vimos mostrando, *acabar* deve ser analisado como um aspectualizador, principalmente pelo fato de operar sobre o intervalo de tempo denotado pelo verbo principal, restringindo esse intervalo para sua fase final ou para seu resultado. Assim sendo, as sentenças com essa primeira noção de *acabar* expressam uma leitura [+dinâmica], pois há sempre um evento externo à sentença (*algo aconteceu*) e um resultado final para esse evento (*no final das contas a situação terminou de tal forma*).

ii) A segunda noção de *acabar* é aquela expressa nos ditos sentidos como verbo pleno, como nos exemplos (10) e (11), trazendo uma idéia de completude com uma leitura *y terminou x* ou *x terminou*. Esses exemplos parecem denotar um evento: em (10), *leite* é interpretado como evento porque mede o evento de *consumir o leite*; e em (11), *a lição de casa* é interpretada como evento porque mede o evento de *fazer a lição de casa*, de forma que parece que sempre haverá um predicado complexo envolvido nessas sentenças. Sendo assim, perguntamos se existem, de fato, sentenças com *acabar* como verbo pleno? Se sempre haverá um predicado complexo envolvido nessas sentenças parece que, nesses casos, *acabar* deverá



ser tratado como um auxiliar aspectual completivo. Mas essa discussão foge do escopo desse trabalho e deve ficar para trabalho futuro.

iii) A terceira noção é a de *acabar de* que traz uma leitura de passado recente (*agorinha mesmo*) ou de completivo (*terminou de*), como nos exemplos (12) e (13). Nesse caso, *acabar* deve ser analisado como um verbo auxiliar aspectual de tempo ou completivo, podendo ter leituras ambíguas.

Nesta dissertação, focamos na primeira leitura do verbo *acabar* indicada acima e chegamos a algumas conclusões que delinearemos logo abaixo.

Quanto às propriedades sintático-semânticas das sentenças com *acabar*, vimos que:

- a) As sentenças com *acabar* analisadas são formadas por *acabar* + *sintagma preposicional / sintagma nominal / adjetivo / particípio / gerúndio / [por] infinitivo*;
- b) Em tais sentenças, se houver realização do sujeito, ele poderá ser interpretado como uma entidade que experiencia alguma situação, ou, em alguns casos, como um evento ou uma entidade que faz com que uma segunda entidade experiencie alguma situação;
- c) Em tais sentenças, *acabar* seleciona apenas um argumento interno, bem como ocorre com verbos inacusativos. Sendo assim, o argumento que aparece na posição de sujeito terá o papel- $\theta$  que lhe é atribuído pela predicação que o seleciona;
- d) Sugerem paráfrases com uma mesma forma nominal do verbo, o gerúndio;

- e) O verbo *acabar* desse grupo de sentenças pode ocorrer nas mesmas estruturas em que ocorre o verbo *parecer*, considerado um representante típico dos verbos de alçamento no PB;
- f) as sentenças com o verbo *acabar* apresentam algumas semelhanças, mas também diferenças, em relação às passivas com *get*, do inglês, às passivas com *krijgen*, do holandês, e às passivas com *kriegen*, do alemão.

O verbo *acabar* está selecionando uma proposição em todos os exemplos em foco, como naqueles de (1) a (6), uma *small clause*, e o sujeito lógico da predicação no núcleo dessa *small clause* alça para a posição de sujeito superficial. Além disso, a entidade que experiencia a situação é o sujeito lógico das predicções que são complementos de *acabar* nas sentenças de (1) a (4), e é o objeto lógico do verbo que denota o evento referente a essa situação, nas sentenças (5) e (6).

Observamos que, de acordo com as quatro possibilidades estruturais para verbos de alçamento apontadas em Henriques (2008), *acabar* apresenta a possibilidade de se desdobrar em sentenças formadas pelas quatro estruturas, de forma que esse verbo se comporta como um verbo de alçamento.

Ainda, verificamos se a leitura não-agentiva observada para as sentenças com *acabar* permitiria que elas fossem tratadas como construções passivas. Em Jaeggli (1986), vimos que duas das propriedades das passivas das línguas naturais são também propriedades dos verbos inacusativos e, logo, dos verbos de alçamento: i) o NP na posição de sujeito não recebe papel- $\theta$ ; e ii) o NP na posição de VP não recebe Caso verbal. Então, essas propriedades se verificam tanto para as passivas quanto para o verbo *acabar*, porém de formas um pouco diferentes. Sendo assim, vimos que essas construções podem ter uma mesma leitura, mas não a mesma estrutura sintática.

Observamos que, se *acabar* for tratado como um verbo inacusativo que permite uma análise sintática de alçamento, ainda assim, poderemos perceber em sentenças em que esse verbo ocorre, as características que coincidem com aquelas apresentadas para a passiva, que leva a uma leitura não-agentiva para essas sentenças, ou seja, ambas as construções apresentam sujeitos com leitura não-agentiva por conta do fato de que tanto o verbo da passiva quanto o verbo *acabar* não selecionam argumento externo.

Primeiramente, vimos em van Noord & Kordoni (2005) que um tratamento de alçamento pode ser dado para as passivas do holandês e do alemão, o que nos leva a crer que, no PB, pode haver propriedades parecidas, se não idênticas, entre as construções com *acabar* e as construções passivas. No texto discutido, os autores buscam uma análise uniforme de alçamento para as passivas *krijgen*, do holandês, e *kriegen*, do alemão. Para tanto, eles apontam algumas características das construções passivas e das construções de alçamento naquelas línguas. Verificamos que, de forma parecida às passivas daquelas línguas, *acabar* apresenta propriedades de construções de alçamento no PB, pois necessita de um predicado na proposição que seleciona como complemento para que esse predicado selecione o argumento que aparece com sujeito superficial dessas sentenças.

Após contrapormos os dados das passivas com *get* do inglês, apresentadas em Alexiadou (2005), e as sentenças com *acabar* do PB, concluímos que a construção com *acabar* em foco nesta dissertação apresenta alguns pontos semelhantes e outros diferentes das passivas com *get*. Os pontos semelhantes que pudemos observar foram: i) para ambas as construções faltam propriedades de seleção de argumento. Esses verbos não selecionam um AE; ii) essas construções não têm argumento externo implícito; iii) construções com *get* e com *acabar* podem ser gramaticais com o reflexivo, o que, junto com a característica no item anterior, sugere que o particípio envolvido forma uma passiva adjetiva; iv) é possível combinar duas formas de os particípios adjetivos com *acabar* ou com *get* e as construções

diferem na interpretação; e v) o particípio que segue *get* ou *acabar* pode ser modificado por advérbios que modificam o estado resultante, mas não pelos advérbios que trazem interpretação de agentividade ou intencionalidade, o que sugere que o complemento desses verbos é um particípio que carrega traços de eventividade. Os pontos diferentes que observamos foram: i) a variedade de complementos que *acabar* permite na proposição que seleciona não se repete totalmente com *get*; ii) as passivas com *get* podem assumir uma interpretação ativa/causativa, já o verbo *acabar*, de modo geral, não forma tal tipo de construção; e iii) as sentenças com *get* + verbos estativos, entre outros, são agramaticais, mas, em PB são produtivas tanto com *acabar* como com *ser*.

Vimos através do trabalho de Lunguinho (2005) que quando submetido aos testes sintáticos e semânticos para que sua caracterização fosse feita, *acabar* apresentou um comportamento que corresponde em partes ao comportamento dos verbos auxiliares aspectuais (como o fato de denotar fase), e em partes ao comportamento tal como o verbo auxiliar *ser* formador de voz passiva (como o fato de permitir apenas uma negação, em alguns exemplos, e o fato de que, quando comutamos algumas das formas compostas com *acabar* com as formas simples dos verbos principais correspondentes, observamos diferenças semânticas em suas leituras). Porém, embora esses testes tenham sugerido a possibilidade de *acabar* ser um auxiliar de passiva, as propriedades de *acabar* se compatibilizam mais com as que Lunguinho (2005) descreve para os auxiliares aspectuais. Primeiramente, percebemos que foram exatamente diferenças aspectuais, o conteúdo que *acabar* traz para as sentenças, que não permitiu que no teste de comutação as sentenças tivessem o mesmo sentido que a forma perifrástica, teste que desclassificou *acabar* como aspectualizador. Além disso, trouxemos exemplos que esclareceram que *acabar* não é exatamente um auxiliar de voz passiva, mas sim que pode selecionar um predicado, como um particípio, como seu complemento, que, por sua vez, pode ter uma *by-phrase* formando uma construção passiva. Exemplificando, em *O João*

*foi/acabou sendo enfurecido*, percebemos que quem dá aspecto nessas sentenças é *foi/acabou*. Assim, então, observamos que *acabar* mostra-se mais parecido com o tratamento de um verbo auxiliar aspectual, conforme terminologia utilizada por Lunguinho.

Um outro teste semântico, baseado nas quatro categorias propostas por Vendler (1967), foi feito e mostramos que, nas sentenças em que o complemento de *acabar* é de natureza verbal, esse complemento pode fazer parte de qualquer uma das quatro classes vendlerianas. Mostramos, ainda, que a possibilidade de haver uma forma estativa com *acabar* é válida quando essa forma estativa é interpretada como [+dinâmica]. Como o verbo *acabar* denota a fase de desenvolvimento final de um evento, ou, ainda, aponta para o estado resultante desse evento, ele só pode ser combinado com algo [+dinâmico], pois, como Lunguinho (2005) aponta, possuir ou não possuir fases está relacionado à característica aspectual do predicado, e apenas estados de coisas dinâmicos apresentam fases, pois só esses estados envolvem algum tipo de mudança.

Consideramos alguns critérios de auxiliaridade estabelecidos na literatura linguística apontados em Lunguinho (2009), mostramos um estudo sobre os auxiliares do PB feito por Lunguinho (2005), que trata de auxiliares formadores de tempo composto, modais, aspectuais e de voz de passiva, e apontamos uma diferenciação entre auxiliares e aspectualizadores em estudo feito em Wachowicz (2007). Aplicamos os testes e critérios sugeridos nesses trabalhos e, considerando os dados em foco neste trabalho, obtivemos os seguintes resultados descritos no quadro abaixo:

<b>Crítérios de auxiliaridade ou teste:</b>	<b><i>Acabar</i> apresenta comportamento de auxiliar ou de um aspectualizador perante esse teste?</b>
i) impossibilidade de complementação finita	Não se comporta como auxiliar
ii) exigência de sujeito único	Comportamento de auxiliar
iii) impossibilidade de negação com escopo sob a forma não flexionada	Não se comporta como auxiliar

iv) impossibilidade de adjuntos adverbiais com valores temporais diferentes	Comportamento de auxiliar
v) impossibilidade de adjuntos adverbiais modificarem parte da sequência verbal	Inconclusivo
vi) transparência de voz	Comportamento de auxiliar
vii) ausência de restrições de seleção quanto ao sujeito	Comportamento de auxiliar
viii) ausência de restrições de seleção quanto ao tipo aspectual do complemento	Comportamento de auxiliar
ix) ausência de flexão no infinitivo	Comportamento de auxiliar
x) impossibilidade de pronominalização do verbo principal e seus argumentos pelo clítico verbal demonstrativo <i>o</i>	Não se aplica no PB
xi) subida do clítico	Não se aplica no PB
xii) seleção de objeto NP	Comportamento de auxiliar
xiii) ausência de forma imperativa	Comportamento de auxiliar
ix) Perífrases com auxiliar movem-se em bloco na transformação para passiva.	Comportamento de auxiliar
x) Teste de sujeitos diferentes.	Comportamento de auxiliar
xi) Teste do escopo da negação.	Não se comporta como auxiliar
xii) Teste de alterações semânticas de V1 com intercalações de locativos.	Inconclusivo
xiii) Promover restrição na predicação da sentença e operar sobre o intervalo de tempo denotado pelo verbo principal.	Comportamento de aspectualizador
xiv) ocorrer como verbo pleno quando em estruturas mono-sentenciais, mas os aspectualizadores apresentam alternância causativa.	Comportamento de auxiliar

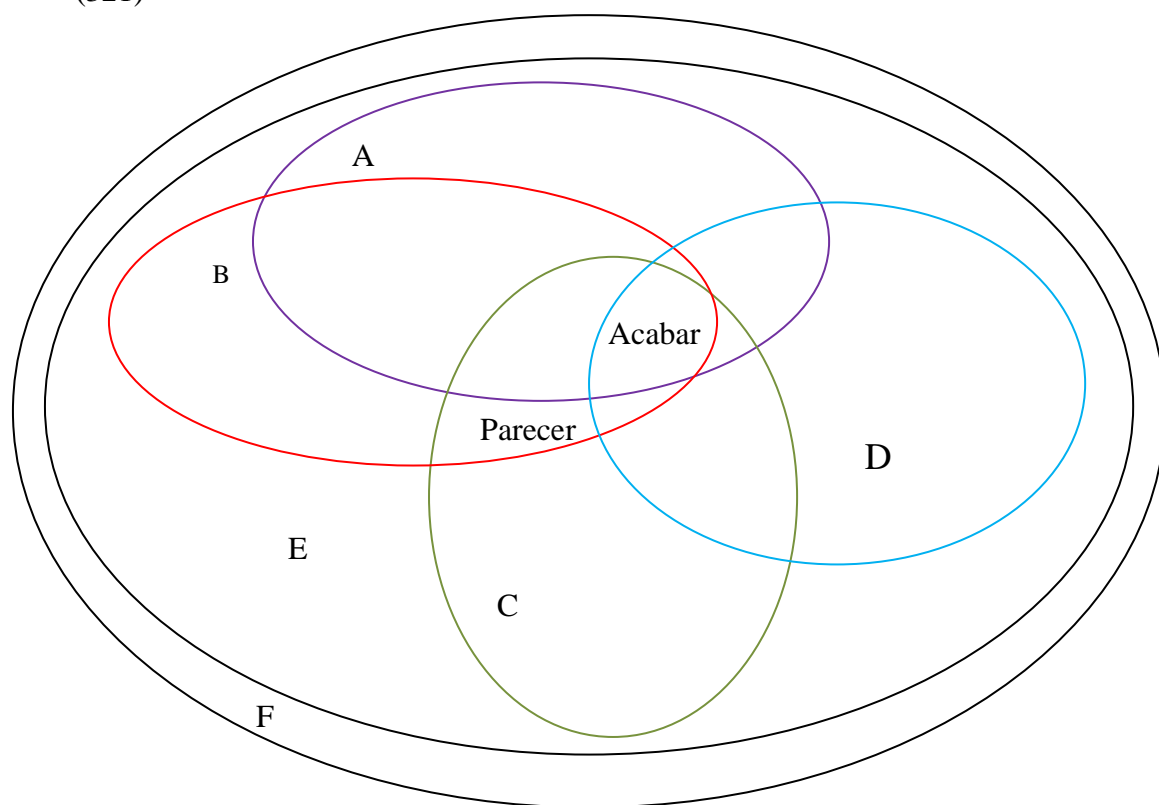
Como podemos observar de forma mais clara no quadro acima, os testes não apontam para uma mesma direção. Observamos que *acabar* não apresenta um comportamento uniforme, ora comportando-se como um verbo auxiliar, ora como um aspectualizador. Apesar do grande número de características que observamos para esse verbo comportando-se como um auxiliar, como se pode ver no quadro acima, consideraremos o verbo *acabar* em foco nesta dissertação como um aspectualizador (na terminologia de Wachowicz (2005)), devido ao teste em v) no quadro acima. O verbo *acabar* com sua leitura aspectual de fim de fase opera sobre o intervalo de tempo denotado pelo verbo principal, restringindo o intervalo de tempo para sua fase final ou para seu resultado, como Lunguinho já havia descrito para os verbos que ele chamou de auxiliares aspectuais.

Como já mencionamos, há a necessidade de desenvolverem mais estudos que possa definir de forma mais conclusiva o estatuto dos verbos auxiliares e dos aspectualizadores.

Pensamos que o verbo *acabar*, de forma mais geral, deve ser um verbo semi-auxiliar, apresentando algumas características dos verbos auxiliares, mas não todas. Talvez, ser semi-auxiliar seja uma propriedade dos aspectualizadores em geral. De qualquer forma, essa é uma questão que deverá ser abordada em trabalho futuro.

Vimos que o verbo *acabar* em foco nesta pesquisa funciona como um verbo inacusativo, selecionando apenas um argumento interno, no caso, uma SC. Ferreira (2009) prevê que um verbo inacusativo funcione como uma construção de alçamento. Esse verbo apresentou características de alçamento perante os testes propostos por D&D (2004). Vimos também que, no caso dos exemplos iniciais apontados nesse artigo, *acabar* pode ser analisado, sintaticamente, como um verbo de alçamento padrão, mas esse verbo pode figurar nas quatro estruturas de alçamento apresentadas em Henriques (2008), funcionando como o *parecer*, que é um verbo prototípico de alçamento. Por conta disso, prevemos que *acabar* esteja em uma intersecção entre os subgrupos de verbos que selecionam uma SC, um CP, um DP, e os verbos auxiliares na figura que repetimos abaixo. Porém, como já apontamos, mais estudo precisa ser feito para verificar quais são as características exatas dos verbos auxiliares, aspectualizadores, e semi-auxiliares, caso esses últimos, de fato, se sustentem como tal tipo de verbo.

(321)



Além disso, vimos que é possível estabelecer uma relação entre as sentenças passivas e as estruturas de alçamento em que *acabar* pode ocorrer, devido ao fato de verbos auxiliares e inacusativos apresentarem propriedades de verbo de alçamento, como vimos em Ferreira (2009), e das passivas apresentarem algumas características comuns àquelas construções, de forma que obtemos uma leitura parecida para todas essas construções.



## 6. Referências

- ALEXIADOU, Artemis. A note on non-canonical passives: the case of the *get*-passive. In: BROEKHUIS, Hans et al. (eds.). *Organizing Grammar – Linguistic Studies in Honor of Henk van Riemsdijk*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 13-21.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. 669 p.
- BERTUCCI, Roberlei Alves. 2008. Auxiliares Terminativos no Português Brasileiro. *Terminative auxiliaries in Brazilian Portuguese*. Trabalho apresentado no 56º Gel. Manuscrito.
- BUTLER, Jonny; TSOULAS, George. *Get-passive, Raising, and Control*. 2006.
- BURZIO, Luigi. 1986. *Italian syntax: a government-binding approach*. Dordrecht: Ed. Reidel.
- \_\_\_\_\_. *Intransitive verbs and Italian auxiliaries*. 1981. PhD. Thesis – MIT, Cambridge, Massachusetts.
- CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. Small Clauses: some controversies and issues of acquisition. In: \_\_\_\_\_. *Syntax and Semantics: Small Clauses*. v. 28. Califórnia: Academic Press, 1995.
- CARDOSO, Adriana; PEREIRA, Susana. Contributos para o estudo da emergência do tempo composto em português. *Revista da Abralin*, Brasília, n. 2, v. II, 2003.

- CARVALHO, Guilhermina Maria Bastos Mendes de. *A inacusatividade na fala de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas*. 2006. 168 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. O aspecto verbal no português falado. In: *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2003. v. 7.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures*. Dordrecht: Foris, 1981. (Reprint. 7th Edition. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1993.).
- CINQUE, G. 2006. *Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures*. New York: Oxford University Press, v. 4.
- CORSO, Sofia. *Verbos auxiliares no português brasileiro*. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CUNHA, Luís Filipe. *Semântica das Predicações Estativas: para uma Caracterização Aspectual dos Estados*. 2004. Tese de Doutorado – Universidade do Porto, Porto.
- DAVIES, William D.; DUBINSKY, Stanley. 2004. *The Grammar of Raising and Control – A Course in Syntactic Argumentation*. Blackwell Publishing.
- DOWTY, David. 1979. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Kluwer.
- DUARTE, Inês. A família das construções Inacusativas. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003. p. 275-321.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Sobre outros frutos de um ‘projeto herético’: o sujeito expletivo e as construções de alçamento. Livro em homenagem a Mary Kato. 2007.
- \_\_\_\_\_. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Português Brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 123-131.
- EMBICK, David. Locality, listedness and morphological identity. *Studia Linguistica*, v.57, p. 143-169, 2003.

- EMONDS, Joseph. Adjectival Passives: The Construction in the Iron Mask. In: EVERAERT, Martin; VAN RIEMSDIJK, Henk (eds.). v. 1. *The Blackwell Companion to Syntax*, 2005. (Versão não publicada. 2002).
- FERREIRA, Marcelo Barra. *Argumentos Nulos em Português Brasileiro*. 2000. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- FERREIRA, Núbia. *Auxiliares: uma subclasse dos verbos de reestruturação*. 2009. 228 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- FOKKENS, Antske; KORDONI, Valia. Control, Raising and Case: from de perspective of passives. In: HPSG06 Conference, 2006. *Proceedings of the HPSG06 Conference*. Varna: HPSG06, 2006.
- FOLTRAN, Maria José Gnatta Dalcuche. *As construções de predicação secundária no português do Brasil: Aspectos Sintáticos e Semânticos*. 1999. 206 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GOMES, Andréia de Fátima Rutiquewiski. *As small clauses complementos no português do brasil*. 2006. 161 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- GOOGLE. Pesquisa feita pelo buscador Google. Páginas do Brasil. Disponível em: [www.google.com.br](http://www.google.com.br). Acesso em: entre os dias 29 out. 2008 e 14 jan. 2009 – para levantamento de dados.
- GONÇALVES, Anabela. Aspectos da sintaxe dos verbos auxiliares do Português Europeu. In: GONÇALVES, Anabela; COLAÇO, Madalena; MIGUEL, Matilde & MOIA, Telmo (eds.). *Quatro estudos em sintaxe do português*. Lisboa: Colibri, 1996. p. 7-51.
- \_\_\_\_\_. Para uma Sintaxe dos Verbos Auxiliares em Português Europeu. 1992. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

- \_\_\_\_\_; COSTA, Teresa. *(Auxiliar a) Compreender os Verbos Auxiliares*. Lisboa: Edições Colibri, 2002.
- HENRIQUES, Fernando Pimentel. *Construções com Verbos de Alçamento: um estudo diacrônico*. 2008. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- HORNSTEIN, Norbert. On Control. In: Hendrick, Randall (ed.). *Minimalist Syntax*. Oxford: Blackwell, p. 6-81, 2003.
- HORNSTEIN, Norbert; MARTINS, Ana Maria; NUNES, Jairo. Raising Issues in Brazilian and European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v.4, p. 53-77, 2006.
- JAEGGLI, Osvaldo. Passive. *Linguistic Inquiry*, v.17, n.4, p. 587-622, Fall 1986.
- KRATZER, Angelika. Building Statives. *Berkeley Linguistic Society*. University of Massachusetts, Amherst, v.26, February 2001.
- LOBATO, Lucia Maria Pinheiro. Os verbos auxiliares em português contemporâneo: critérios de auxiliaridade. In: LOBATO, Lucia Maria Pinheiro et al. *Análises Lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 27-91.
- \_\_\_\_\_. *L'auxiliarité en Langue Portugaise*. 1971. Tese de Doutorado. Paris: Université de Paris III.
- LONGO, Beatriz. *A Auxiliaridade e a Expressão do Tempo em Português*. 1991. Tese de Doutorado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista.
- \_\_\_\_\_ & CAMPOS, Odette. A auxiliaridade: perífrases de tempo e aspecto no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete & RODRIGUES, Ângela (orgs.). *Gramática do Português Falado. Volume VIII*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-477.
- LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva. *Verbos Auxiliares e a Teoria da Gramática*. 2009. 218 f. Relatório para Exame de Qualificação ao Doutorado (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- \_\_\_\_\_. *A ordem dos verbos auxiliares: uma análise em termos de traços*. 2005. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Distrito Federal.
- \_\_\_\_\_ et al. Aspectos da Gramática do Português: Investigações Minimalistas. *Aspects of Portuguese Grammar: Minimalist Analyses*. D.E.L.T.A., São Paulo, v.23, especial, p. 147-191, 2007.
- MATTO-E-SILVA, Rosa Virgínia. 1989. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. *Novo Manual de Sintaxe*. 2. ed. Florianópolis: Ed. Insular, 2005. 280 p.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati; VIOTTI, Evani. Estratégias de Impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (orgs). *África no Brasil – a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 179-204.
- \_\_\_\_\_; SCHER, Ana Paula; VIOTTI, Evani. A competência linguística. In: FIORIN, José Luiz (org). *Introdução à Linguística – I. Objetos teóricos*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 95-120.
- OLIVEIRA, F.; CUNHA, L. F.; MATOS, S. & GONÇALVES, A. Verbos de operação aspectual em PE e em PB: semântica e sintaxe. *Boletim da Abralim*, n. 26/Especial, p. 380-385. 2001.
- PERINI, Mario Alberto. *Sintaxe portuguesa – metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1989.
- POLLARD, Carl; SAG, Ivan A. 1994. *Head-Driven Phrase Structure Grammar*. University of Chicago Press.
- PONTES, Eunice. *Verbos Auxiliares em Português*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- PUSTEJOVSKY, J. *The generative lexicon*. Cambridge, MA: MIT Press, 1996.

- RODERO, Aline Garcia. Passivas adjetivas: participios estativos e resultativos formados na sintaxe. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v.38, n.1, p. 167-181, jan./abr. 2009. Disponível em: [http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL\\_V38N1\\_14.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N1_14.pdf). Acesso em: 09 jul. 2009.
- SOARES, Tácia Valéria Manzano. *Impessoalização no português de Angola: o caso das passivas adjetivais*. 2008. 22 f. Relatório de Projeto de Pesquisa (Iniciação Científica em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SQUARTINI, Mario. 1998. *Verbal periphrases in Romance*. Berlin, New York: Gruyter.
- STOWELL, Tim. Subjects across categories. *The Linguistic Review*, v. 2, p. 285-312. 1983.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A (poli)gramaticalização do verbo acabar. *Letras & Letras*, Uberlândia, v.20, n.2, p. 21-56, jul./dez. 2004b.
- \_\_\_\_\_. Verbos de Ligação: itens lexicais ou gramaticais? – *Copula Verbs: lexical or grammatical itens?*. *Estudos Lingüísticos*, n.XXXIII, p. 1317-1322, 2004a.
- \_\_\_\_\_. A gramaticalização de verbos. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar (org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação – Estudos de língua e lingüística*. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2003b. p. 306-321.
- \_\_\_\_\_. Verbos gramaticais – Verbos em processo de gramaticalização In: *Lingua(gem): reflexões e perspectivas*. Uberlândia: EDUFU, 2003a, p. 97-157.
- VAN NOORD, Gertjan; KORDONI, Valia. A Raising Analysis of the Dutch Passive. In: HPSG05 Conference, 2005. *Proceedings of the HPSG05 Conference*. Lisbon: HPSG05, 2005, p. 410-426.
- VENDLER, Zeno. 1967. *Linguistics in philosophy*. Ithaca, NY: Cornell.
- VERKUYL, Henk J. 1999. *Aspectual issues – studies on time and quantity*. Stanford: CSLI Publications.

- VIOTTI, Evani. *A sintaxe das sentenças existenciais do português do Brasil*. 1999. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- WACHOWICZ, Teresa Cristina. Auxiliary and aspecualizer verbs: some syntactic and semantic distinctions – *Verbos auxiliares e aspectualizadores: algumas distinções sintáticas e semânticas*. *Revista Letras*, Curitiba, n. 73, p. 223-234, set./dez. 2007.
- \_\_\_\_\_. 2005. O aspecto do auxiliar. Comunicação apresentada em reunião do GT ‘Teoria da Gramática’, da ANPOLL. UFMG. Ouro Preto-MG.
- \_\_\_\_\_. Verbos auxiliares e verbos aspectualizadores: algumas distinções sintáticas e semânticas. Manuscrito não datado.
- WLODEK, Marcin Krzysztof. O Particípio Português – Formas e Usos. *Romansk Forum*, n.17, 2003.
- WLODEK, Marcin Krzysztof. Perífrases Verbais. Disponível em: <http://www.hf.uio.no/ilos-dyn/studier/fleksibel/portugisisk/emne/por1102/presppt/Perfrasesverbais.pps>. Acesso em: 21 jul. 2009. PowerPoint não datado.